



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**EDUARDO FERREIRA LEAL**

**O Cura d'Ars: uma vida ao serviço do  
sacramento da Confissão**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Prof. Doutor Alexandre Freire Duarte

**Porto  
2020**



**O Cura d'Ars: uma vida ao serviço do  
sacramento da Confissão**

**Resumo:**

O século XVIII viu nascer Jean-Marie Vianney (1786-1859), “o prisioneiro do confessional”! Educado numa família piedosa e generosa perto de Lyon, mostrou logo sinais comoventes de ardor e caridade. A Revolução Francesa que dilacerou o país e causou uma profunda crise no seio da Igreja, semeando a divisão entre o clero, não o impediu de receber os sacramentos clandestinamente e permanecer fiel ao seu maior desejo: Tornar-se sacerdote. É graças a um pároco da região que o ajudará a realizá-lo. Os cinco Papas precedentes não deixaram de louvar a perseverança e a coragem do humilde e fútil seminarista face às suas grandes dificuldades de aprendizagem. Acaba por ser em Ars, uma aldeia circundante e espiritualmente deserta, que exerceu o seu sacerdócio com grande zelo e caridade especialmente para com os pobres, até morrer de exaustão. Imbuído pelo amor de Deus, é no confessional que passará a maior parte do seu tempo desde o alvorecer depois de apenas três horas de sono. A sua reputação como confessor incansável, o seu ascetismo e os seus milagres, atraíram muitos peregrinos que vieram procurar conforto e luz junto dele. Mas também atraíram a inimizade das forças do mal.

**Palavras-chave:**

Sacerdote; Confissão; Misericórdia; Caridade

**Abstract:**

The XVIII century saw the birth of Jean- Marie Vianney (1786-1859), “the prisoner of the confessional”! Raised in a pious and generous family near Lyon, he soon showed moving signs of ardor and charity. The French Revolution that torn the country apart and caused a profound crisis within the Church, sowing division among the clergy, did not prevent him from receiving the sacraments clandestinely and remaining faithful to his greatest desire: Become a priest. It is thanks to a parish from the region who will help him to do so. The five previous Popes did not fail to praise the perseverance and courage of the humble and futile seminarian in the face of his great learning difficulties. It turns out to be in Ars, a surrounding and spiritually deserted village, in which he exercised his priesthood with great zeal and charity especially towards the poor, until he died of exhaustion. Imbued with God’s love, it is in the confessional that he will spend most of his time from dawn after only three hours of sleep. His reputation as a tireless confessor, his asceticism and his miracles attracted many pilgrims who came to seek comfort and light from him. But they also attracted the enmity of the forces of evil.

**Keywords:**

Priesthood; Confession, Mercy; Charity

## INTRODUÇÃO

A história do século XIX em França não pode ser escrita sem se evocar Jean-Marie Vianney, embora seja evidente que os seus contributos sejam mais visíveis na Igreja Católica desta época que ao nível mais geral. No entanto, não podemos ignorar o seu papel religioso, social e político por ele desempenhado durante a sua vida de sacerdote. Ele, também enquanto primeiro pároco canonizado, passou a ser frequentemente denominado de “Cura d’Ars”, designação que aponta, evidentemente, para a noção de confessor, mas também para as grandes obras ocultas que o mesmo realizou junto dos pobres e pecadores, podendo ser estimado que foi por isso que a Igreja Católica o nomeou padroeiro de todos os párocos e fez dele um verdadeiro modelo para o serviço do povo Deus: «o Cura d’Ars continua a ser, para todas as nações, um modelo ímpar, na realização do seu ministério»<sup>1</sup>.

As múltiplas investigações e abundantes publicações sobre esta grande personalidade pertencem, e permanecerão, uma “mina espiritual” e um “poço histórico de água refrescante” sempre a redescobrir. Não era possível para nós contactarmos com todas elas: foi necessário resignar-nos a uma escolha tendo em vista o objetivo deste trabalho: a elaboração de uma Dissertação, de conclusão de um Mestrado Integrado em Teologia, que abordasse, de modo contextualizado face à vida de Jean-Marie e ao clima histórico mais geral em que viveu, um dos aspetos que nos parecem mais salientes e configuradores da sua vida: o seu ministério pastoral de confessor. Deveras, tendo o Cura d’Ars vivido no seio de uma enorme revolução espiritual –em França e até na sociedade europeia mais geral– e num contexto de laicização e anticlericalismo, esse seu testemunho constitui um verdadeiro acontecimento revolucionário.

No século XIX francês, se o clero foi lutando de diversas formas para afirmar a importância do seu papel na sociedade, tendo logrado isso muitas das vezes pelas suas ações à vez ativas e criativas em prol da comunidade cristã e da mais ampla e descristianizada, o seu papel de ministros sacramentais tornou-se quase impensável para a sociedade. Mesmo que, em traços gerais, a situação do sacerdote fosse assaz lastimosa do ponto de vista litúrgico, social, político, económico e religioso, é no cenário que

---

<sup>1</sup> JOÃO PAULO II, *Le curé d’Ars: un modèle hors pair*. Ars: Parole et Silence, 2004, p. 23.

acabou de ser apontado na frase anterior e no que foi apontado no começo da presente que o nome de Jean-Marie Vianney assume um carácter importante.

Com efeito, o Cura d'Ars vai ter uma função importante no âmbito da revolução espiritual do que era ser sacerdote em tal período, sobretudo através do seu empenho como confessor, missionário paroquial e pessoa entregue a obras de caridade. Ele ofereceu um novo cenário e uma nova oportunidade extraordinária para que os párocos saíssem da situação confrangedora em que viviam, sobretudo em consequência de uma escola berruliana de espiritualidade sacerdotal que incutia a ideia de que os párocos deviam viver à “parte do mundo”.

Surgem, assim, duas perspetivas em confronto para o que era ser sacerdote. Por um lado, a que incentivava o serviço de Deus mediante a realização, exteriormente assinalada pela clausura canónica que tem em vista um sacerdócio que quer ser hierático, de exercícios de vida paroquial. Por outro lado, a que se traduzia numa vida de serviço a Deus pela caridade diante do outro, particularmente perante os pobres, em que o distanciamento pastoral era tido como contraproducente. É nesta última que se insere Jean-Marie Vianney, sendo que o estudo acerca do seu contributo para a sua consolidação é o que move a nossa intenção neste presente estudo –conhecermos e apresentarmos o papel da pastoral do sacramento da Confissão na vida do Cura d'Ars–, o qual se moverá segundo três eixos principais.

No primeiro capítulo começaremos por definir o contexto histórico da Igreja francesa entre finais do século XVIII e meados do século XIX, dando atenção particular à posição da Igreja Católica face à laicização decorrente de uma Revolução Francesa cuja política religiosa oscila entre três correntes: a que postula a separação; a que defende a submissão da Igreja ao Estado; e, por fim, a corrente anticristã que se manifestará, sobretudo, nas perseguições contra o clero refratário. Daremos a nossa atenção a algumas figuras da Igreja Católica francesa à luz da Concordata assinada entre Napoleão Bonaparte e a Santa Sé, que, no fundo, é a moldura fundamental que nos permitirá compreender a Igreja Católica francesa nos inícios do século XIX que, em derradeira análise, é o mapa histórico político-religioso, que nos permitira analisar as vicissitudes da vida do Cura d'Ars.

O segundo capítulo desta Dissertação será o estudo da vida de Jean-Marie (Baptiste) Vianney. Tratando-se da abordagem a uma personagem histórica, necessitará de ser realizado à luz do que o Cura d'Ars logrou fazer dentro do contexto delineado pelo que será apresentado no decurso do nosso primeiro capítulo, procurando nós separar os

dados mais fidedignos da vida de uma pessoa acerca da qual os aspetos biográficos e hagiográficos passaram, muito rapidamente, a estar mesclados. Com este cuidado – acrescido ao de as colocarmos no seu contexto histórico social e eclesial –, abordaremos: as grandes linhas da sua vocação; as etapas históricas da sua formação e a sua vida Ars. Fá-lo-emos a partir fontes históricas e desde o estudo comparado dos dados avançados por diferentes biógrafos, tentando, sempre que nos foi possível, manter um equilíbrio entre o alargar o campo de investigação e o desejo de clareza.

Enfim, no derradeiro capítulo desta Dissertação, procuraremos apresentar uma das dimensões mais importantes na definição da vida sacerdotal e espiritual de Jean-Marie Vianney: o seu papel como confessor. Na realidade, demo-nos conta, ao longo dos nossos estudos –que deram origem a mais de duzentas páginas de apontamentos que tiveram que ser posteriormente recortadas e organizadas muito graças à insistência firme do nosso Orientador–, do quão difícil era encontrarmos, no Cura d’Ars, não somente uma proposta espiritual sistemática, como, inclusive, os meios interiores que o levaram até á santidade, sobretudo durante o tempo em que foi sacerdote –tempo este que coincidiu com o período do “Romantismo” em França.

Analisaremos, para o efeito pretendido para o nosso terceiro capítulo: os seus sermões; a sua pregação; as suas catequeses; a sua pedagogia perante os peregrinos – em particular os que a si recorriam com maior frequência e, assim, acabavam por desenvolver com ele uma relação de acompanhamento espiritual –; bem como os principais testemunhos constantes no seu processo ordinário e apostólico. Veremos, graças a isto, que a sua intervenção como confessor tem características muito próprias, até porque ela não assume a forma de uma doutrina, antes abrange toda a vida –sua e dos seus penitentes– de um modo intimamente unificado que tem impacto social, eclesial e espiritual. De notar que, em tudo isto, quisemos deliberadamente deixar de lado os aspetos mais íntimos da sua vida.

O presente trabalho de investigação foi realizado sob a orientação do Doutor Alexandre Freire Duarte, que aceitou acompanhar-me durante os largos meses de investigação e redação dedicados ao mesmo. Gostaríamos de lhe agradecer, não só a sua grande e provada amizade, mas igualmente: a sua confiança, a sua grande disponibilidade –por vezes compreensivelmente intermitente–, a sua sabedoria, o seu sentido de humor imensamente humilde –pois sobretudo focado em si mesmo– e os seus conselhos, mas, igualmente, os nossos debates e trocas de mensagens sempre estimulantes e enriquecedoras, mesmo quando muito exigentes e até severas. A paixão e emoção que



conheci ao realizar esta investigação, são, em grande parte, fruto da excelente relação que estabelecemos e que, com períodos altos e baixos –como tudo na vida– guardarei na minha memória para o resto da minha vida.

Foi, com efeito, com a sua orientação, que pude ir vislumbrando diversas “luzes ao fim de múltiplos túneis”: a penúria enorme, embora grandemente compreensível, de fontes existentes na *Biblioteca da Universidade Católica Portuguesa / Porto*; a dificuldade no já não sabermos bem se estamos a escrever em português ou em francês; a multiplicação e dispersão de algumas fontes sobre o Cura d’Ars e a impossibilidade de acesso, por razões de conservação e de impossibilidade de aquisição, de outras. Tudo isto foi sendo superado, muitas das vezes, graças à consulta, também orientada pelo professor e nosso amigo Pe. Michel Dorthu, de documentos vetustos, palidamente digitalizados e disponibilizados através das plataformas online *Gallica* e *IREL*.

Agradeço também: ao Professor Doutor Adélio Abreu, graças ao qual pude beneficiar de uma primeira iniciação à investigação científica; a um alguns arquivistas e bibliotecários que aceitaram colocar as suas competências ao serviço desta investigação. Refiro-me especialmente: a Mme. Christine Chalier do *Institut d’Histoire du Christianisme*; a Mr. Henri Peyrelongue –arquivista da diocese de Belley-Ars–; à equipa da Biblioteca da Universidade Católica de Lyon; aos técnicos dos Arquivos Departamentais de l’Ain e dos Arquivos Paroquias d’Ars; ao atual pároco d’Ars –Patrice Chocholski– que nos permitiu o acesso aos arquivos paroquiais de Ars, e que, além do mais, nos acolhe e orientou em largos momentos desta nossa investigação; bem como, por fim, aos padres Michel Dorthu –já antes mencionado– e Pierre Bedfert que tiveram a imensa bondade de nos receber e de esclarecer sobre alguns pontos do Cura d’Ars e da região da Auvérnia-Ródano-Alpes.

Agradeço, igualmente, a Mme. Raphaëlle Germain –que aceitou conceder-me uma entrevista relacionada com os seus trabalhos sobre o santuário d’Ars– bem como, por um lado, a Mme. Mariam Mardirossian –que teve a gentileza de ocupar-se da revisão da tradução para francês do resumo e das palavras-chave–, e, por outro lado, à Dona Maria Rosa Gajo que reviu o nosso imperfeitíssimo português –no que não terá sido porventura o trabalho menos custoso de todo o nosso estudo.

Não podemos deixar de agradecer, igualmente e a terminar esta nossa “Introdução”, a todos os que nos acompanharam nesta nossa etapa académica e pessoal que agora se conclui: os Reitores do Seminário Maior da Nossa Senhora da Conceição – Dom António Augusto e Cónego José Alfredo–, demais sacerdotes que fizeram parte das

diversas equipas formadoras, bem como colegas do Seminário e de curso na Universidade Católica Portuguesa –estabelecimento de ensino que, como é evidente, não podemos deixar de trazer para os nossos presentes agradecimentos, particularizando-o, sem querer faltar à consideração de ninguém, no enorme afeto que nutrimos para com o Professor Doutor José Carlos Carvalho –cujo método de referenciar, lecionado na cadeira de *Seminário de Dissertação*, elegemos empregar neste nosso trabalho– e, sobretudo, o Professor Doutor Abel Canavarro, atual Director-Adjunto da Faculdade de Teologia no Porto.

## **CAPÍTULO 1: O CONTEXTO HISTÓRICO DA VIDA DO CURA D'ARS**

Não será, certamente, difícil de reconhecer que reconstituir de uma forma extensa o contexto histórico onde se inserem os setenta e dois anos da vida do Cura d'Ars (1786-1858) exigiria um labor que superaria os objetivos de uma Dissertação como a presente. Por muito importante que seja conhecer o cenário histórico em que alguém viveu para se conhecer a sua vida, ação e pensamento, devemos resignar-nos a ter que nos contentar com a menção, neste primeiro capítulo do nosso Trabalho, de somente alguns pontos mais importantes de tal cenário.

### **1.1.- A situação religiosa em França ao redor da Concordata de 1801**

Após os rocambolescos anos que se seguiram à Revolução Francesa de 1789, Napoleão Bonaparte logra chegar ao poder, em especial devido ao seu prestígio militar associado, quer ao seu carisma, quer à sua habilidade política<sup>2</sup>. Rapidamente ele reconhece que não poderia conseguir implementar uma consistente paz civil, como base de um regresso à ordem social, sem o estabelecimento de uma paz religiosa que, segundo o seu parecer enquanto admirador do iluminismo e de Jean-Jacques Rousseau, até poderia, em teoria, ser uma religião meramente natural e racional<sup>3</sup>. Contudo, conhecedor da história recente da Europa do seu tempo, Napoleão sabe que o Estado tem todo o interesse em entabular boas relações com a religião dominante do Povo, e, nesse caso, isto significava uma certa concórdia com a Igreja Católica, embora não, certamente, aquela com os traços que a caracterizaram durante o *Ancien Regime*<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> Cf. COUSIN, Bernard, *La pique et la croix: histoire religieuse de la Révolution française*. Paris: Centurion, 1989, p. 33.

<sup>3</sup> Cf. COUSIN, Bernard, *La pique et la croix*, p. 55.

<sup>4</sup> Cf. VOVELLE, Michel, *1793: La Révolution contre l'Église: de la raison à l'être suprême*. Bruxelles: Complexes, 1988, p. 64.

Mas não só: Napoleão Bonaparte também estima que o clero poderia, e porventura até deveria, estar, de modo direto ou indireto, ao serviço da sua política<sup>5</sup>. Face a isto, em junho 1800, por ocasião da sua segunda campanha militar na Península Itálica, Bonaparte dá passos para a realização de negociações com a Santa Sé, que conduziram à assinatura da Concordata de 1801 que, procurando a reconciliação nacional entre revolucionários e os católicos que viram parte considerável do seu estatuto social restaurado, permaneceu em vigor até ao ano de 1905<sup>6</sup>.

Mas como é que se chegou à necessidade de uma tal concordata? Bonaparte herdou uma Igreja dividida: existiam como que duas Igrejas Católicas coexistindo em França. Uma –a Igreja Constitucional– composta de padres e de bispos que aceitaram a *Constitution civile du clergé* adotada pela *Assemblée nationale constituante* em 12 de julho de 1790, tendo em vista a reorganização unilateral do clero secular francês e, depois, condenada pelo Papa Pio VI em 10 de março de 1791<sup>7</sup>. A outra –a Igreja Refractária– formada por membros do clero opostos àquela *Constitution*, muitos dos quais foram mortos, deportados ou sobreviveram na clandestinidade<sup>8</sup>.

De início, a primeira das duas antes mencionadas Igrejas, que teve maior impacto nas grandes cidades, beneficiou da proteção do Estado, tendo os seus membros podido conservar as suas paróquias ou ser eleitos para sedes episcopais<sup>9</sup>. Todavia, ela acaba por ser igualmente vítima do *Terreur* a partir de 1793; isto é, a partir do período da Revolução Francesa em que, após a criação da *Première République française*, ocorreram, fruto de um fervor revolucionário violento, ocorreram massacres e numerosas execuções públicas<sup>10</sup>. No ano de 1795, a *Convention nationale* concluirá o progressivo processo de separação entre o Estado e a Igreja, cessando de a reconhecer<sup>11</sup>.

É este cenário que Bonaparte soube habilmente explorar, a fim de se apresentar diante dos católicos franceses como o artesão do retorno dos mesmos às Igrejas, facto este salientado pela propaganda oficial que, incluindo através da pintura, desenvolve a

---

<sup>5</sup> Cf. MICHEL, Alain-René, *Catholicisme en démocratie*. Paris: Cerf, 2006, p. 75.

<sup>6</sup> Cf. POULAT, Emile, *Notre laïcité publique: «la France est une République laïque»*. Paris: Berg International, 2003, p. 44.

<sup>7</sup> Cf. CHOLVY, Gérard, *Christianisme et Société en France au XIX<sup>e</sup> siècle (1790-1914)*. Paris: Seuil, 1999, p. 59.

<sup>8</sup> Cf. CHOLVY, Gérard, *Christianisme et Société en France au XIX<sup>e</sup> siècle (1790-1914)*, p. 65.

<sup>9</sup> Cf. BOUDON, Jacques-Olivier, *L'Épiscopat français à l'époque concordataire (1802-1905)*. Paris: Cerf, 1996, p. 86.

<sup>10</sup> Cf. CORBIN, Alain, *Histoire du christianisme*. Paris: Seuil, 2013, p. 24-25.

<sup>11</sup> Cf. CORBIN, Alain, *Histoire du christianisme*, p. 36.

imagem de um Napoleão restabelecendo os altares e instaurando a paz religiosa no país<sup>12</sup>. Mas isto não é senão uma ilusão, pois, como refere Henri Grégoire, é «absurdo dizer que a Concordata restabeleceu a religião, em vez de dizer que a ela se limitou a assegurar a sua publicidade»<sup>13</sup>, pois três anos antes da mesma já mais de trinta e quatro mil igrejas estavam abertas ao culto<sup>14</sup>.

Um dos primeiros sinais dessa nova realidade foi algo que nos pode parecer muito banal: o regresso dos toques dos sinos, que, tendo cessado de se ouvir por ocasião do *Terreur*, volta a marcar o tempo cristão, centrado ao redor do Domingo e vincado pelas grandes festas litúrgicas religiosas que pautavam, sobretudo, a vida dos camponeses<sup>15</sup>. Mas não eram apenas estes que se rejubilaram ou trepidavam de emoção com o repicar dos sinos que antes foram usados para a fundição de canhões. De acordo com Louis de Bourrienne, o próprio Napoleão comovia-se verdadeiramente quando os ouvia: «o som dos sinos produzia em Bonaparte um efeito singular que nunca logrou conseguir explicar; ele ouvia-os com profundo deleite»<sup>16</sup>.

Seja como for, a maior parte da Igreja Concordatária será constituída pelos antigos membros da Igreja Constitucional que, assim, não têm uma existência pacífica, pois permanecerão marcadas pelas suas escolhas iniciais em favor da Revolução<sup>17</sup>. De qualquer modo, eles esperavam ser o alicerce da nova organização eclesial<sup>18</sup>. O seu líder, Henri Grégoire, antigo presidente da *Assemblée nationale constituante* e bispo de Blois, alinhara-se rapidamente a um Napoleão Bonaparte então em ascensão e que o consultou sobre o restabelecimento do culto católico:

«A necessidade de fazer intervir a religião não podia escapar ao Imperador [Napoleão] e, devido a isso, o então Primeiro Cônsul [Napoleão] veio procurar-me para conversar sobre esse assunto. A seu convite, eu desloquei-me muitas vezes até Malmaison, e nas nossas prolongadas conversas, no meio dos seus bosques, conversámos amplamente sobre quais os mais eficazes meios para se pacificar a Igreja de França»<sup>19</sup>.

---

<sup>12</sup> Cf. BOURRIENNE, Louis Antoine, *Mémoires de M. de Bourrienne, ministre d'Etat, sur Napoléon, le Directoire, le Consulat, l'Empire et la Restauration*, vol. 3. Paris: Nabu Presse, 2012, p. 210.

<sup>13</sup> GRÉGOIRE, Henri, *Mémoire de l'abbé Grégoire*. Paris: De la Santé, 1989. p. 157.

<sup>14</sup> Cf. COURBIN Alain, *Les cloches de la terre: paysage sonore et culture sensible dans les campagnes au XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Albin Michel, 1994, p. 44-46.

<sup>15</sup> Cf. COURBIN Alain, *Les cloches de la terre*, p. 50.

<sup>16</sup> BOURRIENNE, Louis Antoine, *Mémoires de M. de Bourrienne, ministre d'Etat, sur Napoléon, le Directoire, le Consulat, l'Empire et la Restauration*, vol. 3, p. 222.

<sup>17</sup> Cf. CHOLVY, Gérard; MARIE, Hilaire-Yves, *Histoire religieuse de la France contemporaine*, vol. 1: 1800-1880. Toulouse: Privat, 1985, p. 26-27.

<sup>18</sup> Cf. CHOLVY, Gérard; MARIE, Hilaire-Yves, *Histoire religieuse de la France contemporaine*, vol. 1, p. 24.

<sup>19</sup> GRÉGOIRE, Henri, *Mémoire de l'abbé Grégoire*, p. 155.

Com isto é mente, diga-se, não obstante, que a reconciliação com a Santa Sé, lograda com a Concordata de 1801, significava, no fundo e para o antigo clero constitucional, o descrédito da escolha levada a cabo pelo mesmo em 1791<sup>20</sup>. E isso sobretudo face ao clero refratário que nunca deixou de vincar a sua dupla legitimidade, baseada na sua incessante ligação aos bispos legítimos –que mesmo quando exilados permaneciam à frente de suas dioceses através da ação dos seus vigários-gerais<sup>21</sup>– e, em especial, ao Papa<sup>22</sup>.

Na verdade, nem sequer a oferta, por parte de muitos membros de tal clero, da sua retractação e juramento de fidelidade ao Papa minorou a situação, também porque muitos outros recusaram realizar tal gesto, acabando por se tornar como que em bodes expiatórios da reconstrução concordatária<sup>23</sup>. Face a isto, e apesar da mencionada aspiração por parte do clero constitucional de se tornar o esteio da nova Igreja Concordatária, o facto é que em 1801 é o clero refratário que forma incontestavelmente o grupo mais importante; aquele sobre o qual se erguerá tal nova Igreja pós-Concordata<sup>24</sup>.

É ainda de mencionar que o clero refratário nunca deixou de vincar, por vezes de modo agressivo, a sua antes apontada dupla legitimidade. Ele procura reassumir os bens, móveis e imóveis, perdidos para o Estado aquando da Revolução e, ao mesmo tempo, retirar os locais de culto que tinham tido à sua frente membros do clero constitucionalista<sup>25</sup>. Ela procura, de modo particular, reconquistar os praticantes que, mais por conveniência geográfica do que convicção profunda, haviam permanecido fieis ao clero que aceitou a *Constitution civile du clergé*<sup>26</sup>. Para o lograr, ela opta por um meio assaz problemático do ponto de vista eclesiológico e sacramental: o colocar em causa a validade dos atos e dos sacramentos celebrados pelos padres constitucionais<sup>27</sup>.

---

<sup>20</sup> Cf. CHOLVY, Gérard; MARIE, Hilaire-Yves, *Histoire religieuse de la France contemporaine*, vol. 1, p. 75.

<sup>21</sup> Cf. BOUDON, Jacques-Olivier, *L'Episcopat français à l'époque concordataire (1802-1905)*, p. 58-60.

<sup>22</sup> Cf. BOUDON, Jacques-Olivier, *L'Episcopat français à l'époque concordataire (1802-1905)*, p. 68.

<sup>23</sup> Cf. CHOLVY, Gérard, *La Religion en France du XVIII<sup>e</sup> siècles à nos jours*. Paris: Hachette, 1991, p. 55-57.

<sup>24</sup> Cf. CHOLVY, Gérard, *La Religion en France du XVIII<sup>e</sup> siècles à nos jours*, p. 68.

<sup>25</sup> Cf. Cf. CHOLVY, Gérard; MARIE, Hilaire-Yves, *Histoire religieuse de la France contemporaine*, vol. 1. p. 80.

<sup>26</sup> Cf. DEMIER, Francis, *La France du XIX<sup>e</sup> siècle (1814-1914)*. Paris: Seuil, 2000, p. 64.

<sup>27</sup> Cf. CHOLVY, Gérard, *Christianisme et Société en France au XIX<sup>e</sup> siècle (1790-1914)*, p. 38-41.

## 1.2.- A nova realidade de uma Igreja na Modernidade

Com o fim do *Ancien Régime*, que dá origem ao que Emile Poulat denominou de «princípio da modernidade»<sup>28</sup>, ocorre um processo onde se misturaram os contributos da filosofia do Iluminismo e das aspirações burguesas –ambas, a seu modo, em busca da autonomia. Se durante o *Ancien Régime* as leis do Estado recordam às criaturas, do topo à base da pirâmide social, o respeito ao Criador e os preceitos que Ele lhes impôs<sup>29</sup>, no mundo moderno, a autoridade é celebrada como imanente: procede, é, e visa exclusivamente o povo<sup>30</sup>.

Em relação direta com isto, a Igreja passou igualmente por uma mudança a nível da sua compreensão por parte das pessoas. No *Ancien Régime*, ela era verdadeiramente uma instituição englobante, controlo do sistema educativo e garantindo e certificando, de modo sobretudo indireto, as normas ético-jurídicas sobre as quais se apoia a vida social do Reino<sup>31</sup>. Já no período pós Revolução Francesa – aquele em que, maioritariamente, vivei Jean-Marie Vianney– a Igreja em França vê-se como que reduzida a não ser senão uma instituição setorial. Uma organização que já não tem mais autoridade do que outras no pronunciamento acerca deste ou daquele assunto, e se, por vezes, o Estado admite que a mesma participe na formalização ética comum da sociedade, isso não é entendido senão como uma mera opinião que pode ser perfeitamente ignorada<sup>32</sup>.

Esta nova perspetiva da articulação, em França, entre a Religião e o Estado adquire uma primeira expressão num sistema associativo. Com a Concordata de 1801, completada pelos *articles organiques* àquela anexados unilateralmente por Napoleão Bonaparte em 1802<sup>33</sup>, o Estado, não querendo teoricamente imiscuir-se nos interesses espirituais dos cidadãos franceses, pretende acolher em seu solo todas as confissões religiosas legítimas em pé de igualdade<sup>34</sup>. E isto, ainda que conceda à Igreja Católica, às confissões protestantes mais significativas –a calvinista e a luterana– e, a partir de 1805, à religião judaica, o benefício de poderem ser subsidiadas pelo poder público<sup>35</sup> e, no caso da

---

<sup>28</sup> POULAT, Emile, *Liberté, laïcité: la guerre des deux France et le principe de la modernité*. Paris: Ed. Cerf / Cujas, 1988, p. 61.

<sup>29</sup> Cf. POULAT, Emile, *Liberté, laïcité*, p. 70.

<sup>30</sup> Cf. POULAT, Emile, *Liberté, laïcité*, p. 89.

<sup>31</sup> Cf. GOFF, Jacques; RÉMOND, René, *Histoire de la France religieuse: du Roi très chrétien à la laïcité républicaine, XVIII-XIX siècle*, vol. 3. Paris: Seuil, 1991, p. 55.

<sup>32</sup> Cf. GAUCHET, Marcel, *Le désenchantement du monde*. Paris: Gallimard, 1985, p. 336.

<sup>33</sup> Cf. ARDURA, Bernard, *Le Concordat entre Pie VII et Bonaparte*. Paris: Cerf, 2001, p. 14-18.

<sup>34</sup> Cf. ARDURA, Bernard, *Le Concordat entre Pie VII et Bonaparte*. p. 30.

<sup>35</sup> Cf. BAUBÉROT, Jean, *Histoire de la laïcité française*. Paris: PUF, 2003, p. 60.

primeira, a possibilidade de, à medida que o séc. XIX ia avançando, voltar a assumir um papel de relevo no sistema educativo<sup>36</sup>. Este reconhecimento esteve relacionado com uma certa conceção de harmonia social, segundo o qual, embora haja uma separação entre a Religião e o Estado, este reconhece, nem sempre de bom grado, o papel da mesma no estabelecimento de uma moral coletiva<sup>37</sup>.

Somente depois, bem mais perto do fim de oitocentos, é que se implementa toda uma lógica, por vezes virulenta, de laicização forçada da sociedade<sup>38</sup>. A mesma começa por almejar banir as Igrejas dos espaços públicos, passa pela eliminação das prerrogativas financeiras, protocolares e educativas, e culmina, «nos anos 80 do século XIX, numa série de medidas parciais visando a desconfessionalização: de todos os lugares públicos; do direito familiar; e, sobretudo e num volte-face ante uma realidade se que havia reconsolidado, do sistema escolar»<sup>39</sup>. Tudo isto acaba por tornar a Igreja como que numa mera associação de direito privado, sem a mais pequena missão oficial no dispositivo de regulação da ordem social<sup>40</sup>.

Pois bem: como é que Igreja Católica, sobretudo até ao ano em que faleceu Jean-Marie Vianney, lidou com esta sinuosa laicização?

Embora a Igreja não tenha mantido uma postura inalterada nesse período, é possível apontar alguns elementos de certa continuidade, que são os que mais nos interessam para o propósito desta Dissertação. Quando na sociedade política começa a triunfar uma interpretação restritiva do princípio de desconfessionalização, já a tender para a laicização, a mesma envereda por uma estratégia de relativo afrontamento com o Estado Republicano, sobretudo através do não dissimular a sua nostalgia pelo “Estado católico” característico do *Ancien Régime*<sup>41</sup>. E isto ainda que, mesmo no seu seio, um certo apelo à separação da Igreja e do Estado seja uma realidade, nomeadamente no seio do liberalismo católico, no qual se destacam: Hugues-Félicité Lamennais –no início dos

---

<sup>36</sup> Cf. BAUBÉROT, Jean, *Histoire de la laïcité française*, p. 73.

<sup>37</sup> Cf. WALZER, Michel, *Traité sur la tolérance*. Paris: Gallimard, 1998, p. 61-64.

<sup>38</sup> GOFF, Jacques; RÉMOND, René, *Histoire de la France religieuse: du Roi très chrétien à la laïcité républicaine, XVIII-XIX siècle*, vol. 3, p. 101.

<sup>39</sup> BAUBÉROT, Jean, *Histoire de la laïcité française*. p. 80-90.

<sup>40</sup> Cf. CHOLVY, Gérard, *Christianisme et Société en France au XIX<sup>e</sup> siècle (1790-1914)*, p. 17.

<sup>41</sup> Cf. LARKIN, Maurice, *L'Église et l'État en France: La crise de la séparation*. Toulouse: Privat, 2004, p. 25-36.



anos de 1830 com o jornal *L'Avenir*–; o conde de Montalembert e Félix Dupanloup – ambos a partir, sobretudo, de meados dos anos de 1840<sup>42</sup>.

Esta corrente pretendia reavaliar a posição da Igreja face ao novo jogo de poderes emergentes, postulando que já era necessário acabar com a teologia da “aliança das duas sociedades”<sup>43</sup>, um pouco em linha com o que Lamennais afirma no *L'Avenir* no ano de 1830:

«Exigimos, primeiramente, a liberdade de consciência e a liberdade de religião, plena, universal, sem distinção e sem qualquer privilégio, e, por conseguinte, no que nos toca, nós católicos, a total separação da Igreja e do Estado, separação escrita na “*Magna Carta*” e que o Estado e a Igreja devem igualmente querer»<sup>44</sup>.

O mesmo propósito é repetido por Montalembert numa palestra proferida no decurso de um Congresso Católico realizado em Malines:

«É preciso, renunciar à vã esperança de ver renascer um regime privilegiado ou uma monarquia absoluta favorável ao Catolicismo (...). O poder público deve proteger-me de todo aquele que quisesse impedir-me de ir à igreja; mas um poder público que me quisesse levar à igreja contra a minha vontade, seria, sem dúvida alguma, tão ridículo quanto insuportável»<sup>45</sup>.

É justamente nesta linha que a corrente católica liberal passa a defender a instauração de uma «Igreja livre num Estado livre»<sup>46</sup>. E defendê-la, quer contra os católicos mais intransigentes e saudosos de uma realidade perdida que recusavam a segunda parte da derradeira frase antes transcrita por nós, quer contra os inconsequentes católicos ultra-liberais que denegavam a primeira parte da mesma<sup>47</sup>. De facto, e como não se cansaram de propagar os defensores do *slogan* anterior, o mesmo tinha duas razões de ser: uma, particularmente teológica, baseada no facto de Cristo nunca ter obrigado ninguém a segui-Lo; outra, essencialmente estratégica, que visava à Igreja Católica de se desfazer de possíveis entraves estatais que pudessem vir a limitar a sua ação<sup>48</sup>.

---

<sup>42</sup> Cf. PRÉLOT, Marcel; GALLOUEDEC-GENUYS; Françoise, *Le libéralisme catholique*. Paris: Colin, 1969, p. 144.

<sup>43</sup> Cf. MINNERATH, Roland, *Le droit de l'Eglise à la liberté*. Paris: Beauchesne, 1982, p. 82.

<sup>44</sup> Citado em PRÉLOT, Marcel; GALLOUEDEC-GENUYS; Françoise, *Le libéralisme catholique*. p. 85.

<sup>45</sup> MONTALEMBERT, Charles-Forbes, *L'Eglise libre dans l'Etat libre: discours prononcé au Congrès catholiques de Malines*. Paris: Douniol et Didier, 1863, p. 142.

<sup>46</sup> MONTALEMBERT, Charles, *L'Eglise libre dans l'Etat libre*, p. 80.

<sup>47</sup> Cf. LARKIN, Maurice, *L'Eglise et l'Etat en France*, p. 77.

<sup>48</sup> Cf. MONTALEMBERT, Charles-Forbes, *L'Eglise libre dans l'Etat libre*, p. 150.

### 1.3.- O comportamento dos fiéis franceses

Dentro do cenário descrito brevemente no ponto anterior desta Dissertação, achámos oportuno também dar a nossa atenção, igualmente de uma forma muito resumida, àquele que foi o comportamento geral dos fiéis católicos durante o período cronológico sobre qual versa este capítulo do nosso Trabalho.

Com o novo élan religioso surgido em 1801, surge, por exemplo, a *Congrégation de la Sainte-Vierge*<sup>49</sup>, grupo de piedade laical fundado pelo padre Jean Baptiste Delpuits. O seu sucesso foi rápido, dado que, no decorrer de seus dois primeiros anos de existência, o mesmo atingiu, nomeadamente na própria Paris, centenas de membros, sobretudo estudantes que seriam, mais tarde, responsáveis de formar nos costumes do Cristianismo os futuros quadros da sociedade francesa<sup>50</sup>. Dito isto, é do Oeste católico que irão provir a grande percentagem dos primeiros membros de tal Congregação<sup>51</sup>.

Este esforço de renascimento as “elites”, opõe-se, por um lado, o voltairianismo, tantas vezes denunciado pelos responsáveis eclesiásticos, que ainda é pujante na média e pequena burguesia<sup>52</sup>, e, por outro lado, a sentimento popular religioso que ainda vivia de muitas praticas heterodoxas, contra as quais o clero era muitas vezes impotente: «a religião popular prefere o gesto ao discurso, o objeto à ideia, os ritmos cósmicos ao tempo da história, a ação coletiva ao ato individual»<sup>53</sup>.

O caso antes apontado da *Congrégation de la Sainte-Vierge* é, tal como referimos, apenas um exemplo que manifesta uma tendência muito mais ampla: o gosto pelas associações religiosas, antigamente tão relevantes e até poderosas, inclusivamente a nível social, no sul da França durante o *Ancien Régime*<sup>54</sup>. Deveras, depois de terem sido muito maltratadas durante a Revolução Francesa, elas renascem quase que como cogumelos, nomeadamente para voltarem a cuidar dos procedimentos de inumação, em particular de

---

<sup>49</sup> Cf. CHATELLIER, Louis, *À l'origine d'une société catholique: Le rôle des congrégations mariales aux XVIII<sup>e</sup>-XIX siècles*. Paris: Histoire et Société, 1984, p. 202.

<sup>50</sup> Cf. CHATELLIER, Louis, *À l'origine d'une société catholique*, p. 210.

<sup>51</sup> Cf. GRANDMAISON, Charles Geoffroy, *La Congrégation (1801-1830)*. Paris: Hachette, 2012, p. 409.

<sup>52</sup> Cf. GUGELOT, Frédéric, *La conversion des intellectuels au catholicisme*, Paris: CNRS, 1998, p. 33.

<sup>53</sup> CHOLVY, Gérard; HILAIRE, Yves Marie, *Histoire religieuse de la France contemporaine*, vol. 1, p. 201.

<sup>54</sup> Cf. CHATELLIER, Louis, *À l'origine d'une société catholique*, p. 218.

todos aqueles cristãos que não haviam recebido exéquias cristã por ocasião daquele período<sup>55</sup>.

Por algum tempo, Napoleão Bonaparte, Cônsul de 1802 até 1804 –data do fim da Primeira República e de proclamação do Primeiro Império–, instaura um período de convergência, durante a qual os padres são solicitados para batizar e casar religiosamente os fiéis que não tinham podido ser sob a Revolução<sup>56</sup>. Esta vitalidade religiosa acaba por inquietar os poderes públicos que acabam por ordenar aos prefeitos o controlo das igrejas<sup>57</sup>, conferindo-lhes, assim, os meios para poderem voltar a ameaçar a liberdade religiosa anteriormente outorgada, findando por ordenar-lhes a proibição do exercício de culto aos padres que terão recusado o juramento à Constituição de julho de 1810<sup>58</sup>.

Contudo, todas estas medidas, tomadas já depois da Concordata de 1801, são insuficientes para travar um profundo movimento de retorno dos franceses à prática religiosa, nomeadamente católica<sup>59</sup>. E isto apesar de, durante quase cerca de dez anos, terem sido muitos aqueles cristãos que se habituaram a viver distanciados da tutela dos sacerdotes. Mas não só: a própria formação catequética foi suspensa durante esse período; os sacramentos não foram administrados senão com parcimónia; algumas paróquias não tinham párocos durante muitos desses anos<sup>60</sup>.

Seja dito com toda a verdade que tudo isto fez, em grande medida, com que, ao mesmo tempo que se afirmava o princípio da liberdade religiosa, a vida espiritual e religiosa tenha começado a adquirir uma tonalidade essencialmente individual<sup>61</sup>. Vendo-se a realidade pela positiva, a verdade é que a este período que estamos agora a tratar operou uma espécie de passagem pelo crivo dos católicos, fazendo emergir os mais convictos e fervorosos entres eles<sup>62</sup>.

---

<sup>55</sup> Cf. CHOLVY, Gérard; HILAIRE, Yves Marie, *Histoire religieuse de la France contemporaine*, vol. 1, p. 219.

<sup>56</sup> Cf. PLONGERON, Bernard, *Pratiques religieuses dans l'Europe révolutionnaire*. Paris: Brepols, 1988, p. 25.

<sup>57</sup> Cf. PLONGERON, Bernard, *Pratiques religieuses dans l'Europe révolutionnaire*, p. 55.

<sup>58</sup> Cf. DELACROIX, Simon, *La réorganisation de l'Église de France après la Révolution (1801-1809)*, vol 1. Paris: Vitrail, 1962, p. 37.

<sup>59</sup> Cf. ROBERT, Daniel, *Les Églises réformées en France, 1800-1830*. Genève: Droz; Paris: Minard, 1961, p. 33-34.

<sup>60</sup> Cf. ROBERT, Daniel, *Les Églises réformées en France, 1800-1830*, p. 37.

<sup>61</sup> Cf. PLONGERON, Bernard, *Pratiques religieuses dans l'Europe révolutionnaire*, p. 76.

<sup>62</sup> Cf. ROBERT, Daniel, *Les Églises réformées en France, 1800-1830*, p. 69.

#### 1.4.- A vida e pluralidade do Catolicismo francês na primeira metade de Oitocentos

A questão religiosa está no centro da vida política em França desde 1791 e as suas implicações passaram a manifestar-se ainda mais a partir de 1848, com a reimplementação, e no decurso da *Troisième révolution française*, do *suffrage universel* –que havia sido estabelecido durante a Revolução Francesa em 1792 e abolido pelo *Directoire*<sup>63</sup>. A subordinação dos cultos ao Estado, muito mais fácil a obter nas nações protestantes, especialmente luteranas, ou na Igreja do Oriente ortodoxo, depara-se em França com um catolicismo cujo responsável máximo estava em Roma, manifestando uma certa desconfiança face ao galicanismo<sup>64</sup>.

Perante o dito antes, em particular a secularização em marcha durante a primeira metade do séc. XIX, faz-se num aberto confronto com o Catolicismo mais ultramontano e intransigente, que acabará por marginalizar a já antes mencionada corrente católica liberal<sup>65</sup>. Face a isto, a verdade é que a vida religiosa dos franceses vai começando a ser sobretudo apreciada a partir de uma prática observada à luz da participação na Eucaristia Dominical e na comunhão pascal<sup>66</sup>, ainda que esta apreciação deva ser matizada pelo facto de haver grandes contrastes, mais geográficos do que propriamente sociais, decorrentes usualmente de questões provindas de um passado longínquo<sup>67</sup>.

Seja como for, a imensa maioria dos atos da vida espiritual francesa é vivida no interior dos quadros mais relevantes da Igreja francesa e com referências explícitas face aos mesmos<sup>68</sup>. Deste modo os atos e os pensamentos dos fiéis, desde os seus mais íntimos aos mais verbalizados, passam a estar pautados por tal ligação, com tudo o que isso comporta, quer de possibilidade de crescimento –quando tais quadros eram exemplos de uma vida cristã exemplar–, quer de desânimo e descrédito –quando esses quadros eram o oposto do anteriormente mencionado<sup>69</sup>.

A vivência cristã assim surgida desde uma certa vinculação institucional ao bispo ao padre, ao fundador de Ordens e Congregações Religiosas, ao animador das obras, tem

---

<sup>63</sup> Cf. HUARD, Raymond, *Le modèle Républicaine*. Paris: PUF, 1992, p. 90.

<sup>64</sup> Cf. ROBERT, Daniel, *Les Églises réformées en France, 1800-1830*, p. 75.

<sup>65</sup> Cf. CORBIN, Alain, *Histoire du christianisme*, p. 66.

<sup>66</sup> Cf. CORBIN, Alain, *Histoire du christianisme*, p. 77.

<sup>67</sup> Cf. CHOLVY, Gérard, *Christianisme et Société en France au XIX<sup>e</sup> siècle (1790-1914)*, p. 56.

<sup>68</sup> Cf. CHOLVY, Gérard, *Christianisme et Société en France au XIX<sup>e</sup> siècle (1790-1914)*, p. 79.

<sup>69</sup> Cf. CHOLVY, Gérard, *Christianisme et Société en France au XIX<sup>e</sup> siècle (1790-1914)*, p. 86.

um lugar de destaque<sup>70</sup>. Face a isto, a vida religiosa surge muitas vezes estreitamente conformada a uma lógica de reação ou de inserção numa lógica de “pastoral perseguida”, em que as páticas antigas ao redor do santo, patrono ou titular desaparecem, rejeitadas por a religião popular ter passado a ser encarada como algo que já não era capaz de fornecer matéria às imaginações<sup>71</sup>. De qualquer modo, muitos padres, urbanos e rurais, mantêm uma certa tradição enquanto focos das iniciativas pastorais, fazendo-se, socialmente e mentalmente, próximos dos paroquianos, mesmo quando esta proximidade –que encontraremos no Cura d’Ars– seja muitas vezes incompreendida e resistida, por motivos compreensivelmente distintos, pelos antifolcloristas e anticlericais<sup>72</sup>.

Os meios da pastoral são ainda clássicos: catequeses e pregações<sup>73</sup>, ainda que seja necessário distinguir entre, por um lado, os momentos comuns do período litúrgico e as ocasiões excepcionais, tais coimo os jubileus e as “missões populares”<sup>74</sup>. Estes tempos fortes são especialmente marcados, como herança do rigorismo também jansenista, pela a evocação do “Deus terrível”, que, contudo, começará a ser debelado pelo liguorismo que penetra em França entre 1823 e 1832<sup>75</sup>, a par do surgir do romantismo religioso que traz consigo novos ares para a Igreja em que o catolicismo liberal e social não serão o menor dos seus exemplos<sup>76</sup>.

Ora bem, a nível da prática religiosa dominical e sazonal, estes são observados pela quase totalidade dos Franceses, sobretudo devido a uma evidente pressão social que estigmatizava quem neles não estivesse presente. Mas isto não nos permite aferir com rigor o zelo daqueles que neles participavam<sup>77</sup>. O mesmo se diga acerca da difusão da literatura piedosa e das confrarias e ordens terceiras, embora o número significativo destes três elementos constitua, evidentemente, um sinal não negligenciável<sup>78</sup>.

Já numa segunda etapa do processo que estamos a ponderar –ainda e sempre dentro dos anos da vida de Jean-Marie Vianney e sempre num face-a-face com uma certa descristianização principiada em 1789–, encontramos, particularmente depois de 1840, com uma vaga crescente de piedade ultramontana. Talvez se possa referir que esta

---

<sup>70</sup> Cf. CHATELLIER, Louis, *À l’origine d’une société catholique*, p. 56.

<sup>71</sup> Cf. CORBIN, Alain, *Histoire du christianisme*, p. 101-102

<sup>72</sup> Cf. BOUTRY, Philippe, *Prêtres et paroisses au pays du Curé d’Ars*. Paris: Cerf, 1986, p. 76.

<sup>73</sup> Cf. BLOT, Thierry, *Reconstruire l’Église après la Révolution*. Paris: Cerf, 1997, p. 19.

<sup>74</sup> Cf. BLOT, Thierry, *Reconstruire l’Église après la Révolution*, p. 31.

<sup>75</sup> Cf. DELUMEAU, Jean, *La Peur en Occident (XIV<sup>e</sup>- XVIII<sup>e</sup> siècles)*. Paris: Fayard, 1979, p. 300.

<sup>76</sup> Cf. DELUMEAU, Jean, *La Peur en Occident (XIV<sup>e</sup>- XVIII<sup>e</sup> siècles)*, p. 330.

<sup>77</sup> Cf. CORBIN, Alain, *Histoire du christianisme*, p. 124.

<sup>78</sup> Cf. DUCHESNE, Jean, *Histoire chrétienne de la littérature*. Paris: Flammarion, 1996, p. 103.

teve, como aspeto mais característico além do desenvolvimento da devoção ao papado, a “redescoberta”, inclusive face ao rigorismo jansenista, da humanidade de Jesus Cristo, no que pode ser constatado no incremento do culto ao Sagrado Coração de Jesus e à adoração Eucaristia<sup>79</sup>. Concomitantemente, e como já pudemos apontar precedentemente, incrementa-se uma pregação assente no “Deus Amor”, em consequência do sucesso da moral liguoriana<sup>80</sup>.

Por seu lado, a devoção aos «santos contestatários dos valores burgueses»<sup>81</sup>, tais como Benoît-Joseph Labre, não cessa de progredir, juntamente com uma dimensão religiosa mais festiva e demonstrativa: procissões; peregrinações; construções de igrejas<sup>82</sup>. Igualmente importante, e configurando um fenómeno que não pode ser desvalorizado ou diminuído, é inegável a feminização do Catolicismo, como pode ser verificado com o desenvolvimento das Congregações Religiosas, ao passo que o culto mariano encontra novas formas expressivas valorizadoras da figura da mulher<sup>83</sup>.

### **1.5.- Os padres rurais no contexto da restauração da autoridade clerical**

Como veremos no segundo capítulo desta nossa Dissertação, Jean-Marie Vianney será um pároco rural, tal como era a extrema maioria dos sacerdotes em França a meados do séc. XIX. Face a isto, cremos perfeitamente justificado abordar, presentemente, o tema deste subcapítulo.

Pois bem, em virtude de uma lei de 14 dezembro 1789, estabeleceu-se, por toda a França, uma rede de municipalidades assaz decalcada sobre o das paróquias<sup>84</sup>, facto este que, em associação da crescente dissociação entre a vida civil e a vida religiosa como consequência da Concordata de 1801<sup>85</sup>, abriu uma primeira brecha no sistema até então existente que subsistia, em grande medida, o poder dos sacerdotes. A criação das comunas foi efetivamente acompanhada de uma crescente transferência, para a autoridade civil, de

---

<sup>79</sup> Cf. BOUTRY, Philippe, *Prêtres et paroisses au pays du Curé d'Ars*, p. 17.

<sup>80</sup> Cf. CHOLVY, Gérard; HILAIRE, Yves Marie, *Histoire religieuse de la France contemporaine*, vol. 1, p. 123.

<sup>81</sup> CHOLVY, Gérard; HILAIRE, Yves Marie, *Histoire religieuse de la France contemporaine*, vol. 1, p. 238.

<sup>82</sup> Cf. BOUTRY, Philippe; CINQUIN, Michel, *Deux pèlerinages au XIX<sup>e</sup> siècle: Ars et Paray-le-Monial*. Paris: Beauchesne, 1980, p. 55-57

<sup>83</sup> Cf. CABANEL, Patrick; DURANT, Jean-Marie, *Le grande exil des congrégations religieuses françaises*. Paris: Cerf, 2005, p. 144-147.

<sup>84</sup> Cf. GOFF, Jacques; RÉMOND, René, *Histoire de la France religieuse: du Roi très chrétien à la laïcité républicaine, XVIII-XIX siècle*, vol. 3, p. 31.

<sup>85</sup> Cf. BOUTRY, Philippe, *Prêtres et paroisses au pays du Curé d'Ars*, p. 301.

uma parte das antigas prerrogativas do padre em matéria, por exemplo, da assistência aos pobres, ou de difusão de informação<sup>86</sup>.

Os padres de aldeia, que possuíam um sentimento muito vivo de que a sua superioridade e dignidade os levava a ser naturalmente um verdadeiro chefe da aldeia, passaram, deste então, a deparar na pessoa do burgomestre um sério rival<sup>87</sup>. Com efeito, muitos camponeses parecem ter rapidamente ascendido ao papel de magistrados, cuja autoridade «transparece, em especial, no papel desempenhado nas formas negociadas de resolução de litígios privados»<sup>88</sup>. E isto, por mais que a implementação da instituição municipal na vida quotidiana das zonas rurais tenha desempenhado «efetivamente o papel de mediação na intrusão do poder central nas aldeias, dado que é pelo intermédio do burgomestre que os camponeses acedem a algumas receitas publicas»<sup>89</sup>.

Como já apontámos de passagem, o clero pós-revolucionário, quase todo ele impregnado de uma conceção englobante do magistério religioso<sup>90</sup> e animado de um verdadeiro espírito de “reconquista”, opõe-se ferozmente ao processo da secularização em curso<sup>91</sup>. Todavia, tal clero, e principalmente o das zonas rurais, depara-se com uma opinião pública que vai manifestando crer que a intervenção dos eclesiásticos em áreas da vida social, outrora regidas pelo padre, se tratava de ingerências inamissíveis<sup>92</sup>.

A Revolução de 1830 —em que parte dos parisienses se sublevou contra a política reacionária do rei Carlos X—, foi um evento particularmente doloroso para a vida dos cristãos franceses<sup>93</sup>. Para isso não foi indiferente o facto de que, sob o regime da Concordata, os sectores de competência do padre e do burgomestre se terem passado a sobrepor consideravelmente<sup>94</sup>. De facto, esta indeterminação relativa quanto aos limites do temporal e do espiritual não somente fez surgir pontos de fricção, como também ofereceu a possibilidade às pequenas elites de aldeões de entrarem em concorrência na arena comunal e de racionalizarem as suas divergências ao redor de três assuntos capitais:

---

<sup>86</sup> Cf. BOUTRY, Philippe, *Prêtres et paroisses au pays du Curé d'Ars*, p. 45.

<sup>87</sup> Cf. BOUTRY, Philippe, *Prêtres et paroisses au pays du Curé d'Ars*, p. 53.

<sup>88</sup> PLOUX, François, *Guerres paysannes en Quercy: Violences, conciliations et répression pénale dans les campagnes du Lot (1810-1860)*. Paris: La Boutique de l'histoire, 2002, p. 230.

<sup>89</sup> THIBON, Christian, *Pays de Sault: Les Pyrénées audoise au XIX<sup>e</sup> siècle: les villages et l'État*, Toulouse: CNRS, 1988. p. 77.

<sup>90</sup> Cf. DÉLOYE, Yves, *Les voix de Dieu: Pour une autre histoire du suffrage: le clergé catholique français et le vote, XIX<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> Siècle*. Paris: Fayard, 2006, p. 124.

<sup>91</sup> Cf. DÉLOYE, Yves, *Les voix de Dieu*, p. 128.

<sup>92</sup> Cf. BOUTRY, Philippe, *Prêtres et paroisses au pays du Curé d'Ars*, p. 77.

<sup>93</sup> Cf. BLOT, Thierry, *Reconstruire l'Église après la Révolution*, p. 105.

<sup>94</sup> Cf. BOUTRY, Philippe, *Prêtres et paroisses au pays du Curé d'Ars*, p. 101.

a) ingerência do pároco nos assuntos da comuna; b) acusações de rigorismo excessivo; c) pagamento de estipendio<sup>95</sup>.

Por outro lado, se, como afirma Philippe Boutry, «a paroquia assumia na França, na véspera da Revolução, todas as funções relacionadas com a territorialidade, (...) que definia claramente as competências e a comunidade dos habitantes»<sup>96</sup>, tal realidade cessa progressivamente, à medida que, como já vimos, parte da prática religiosa se foi individualizando<sup>97</sup>. Assim, se antes os párocos possuíam um grande papel na vida coletiva e nas identidades aldeãs, passa-se a verificar o desaparecimento da vida associativa paroquial, doravante dedicada quase que somente as atividades puramente espirituais<sup>98</sup>.

Por seu lado, o poder municipal rural esforça-se por afirmar a sua influência sobre o espaço comunitário e controlar a gestão do tempo social<sup>99</sup>, sobretudo mediante a transladação de cemitérios para terrenos municipais e as construções de escolas e de lavadouros<sup>100</sup>, no que constitui uma soma de oportunidades para que a autoridade civil manifeste a sua preeminência sobre uma comunidade laicizada<sup>101</sup>.

Depois disto tudo, em que o Cristianismo parecia estar a ser como que derrotado em todas as frentes, resta-nos, pois aproximamo-nos do ano da morte de Jean-Marie Vianney, findar este subcapítulo num outro tom. Na realidade, surge neste período um impulso sem precedentes que, a partir dos anos 1840, leva ao incremento de uma erudição eclesiástica, no seio da qual o clero paroquial também rural se revela particularmente dinâmico, insere-se, como parece ser evidente, neste contexto de uma emancipação das populações camponesas<sup>102</sup>. De facto, e na linha da “reconquista” já acenada antes, o clero paroquial participa de uma estratégia mais global de reaquisição de uma crescente autoridade que se ia manifestando oscilante, pois a Igreja acaba por tomar consciência

---

<sup>95</sup> Cf. DELACROIX, Simon, *La réorganisation de l'Église de France après la Révolution (1801-1809)*, vol 1, p. 118.

<sup>96</sup> BOUTRY, Philippe, *Commune et paroisse en France au XIX<sup>e</sup> siècle*, in *Territoire et territorialité*. Paris: Publications de l'Ecole Normale Supérieure, 1983, p. 45.

<sup>97</sup> Cf. GOFF, Jacques; RÉMOND, René, *Histoire de la France religieuse: du Roi très chrétien à la laïcité républicaine, XVIII-XIX siècle*, vol. 3, p. 169.

<sup>98</sup> Cf. GOUJON, Pierre, *Le vigneron citoyen: Mâconnais et Chalonnais (1848-1914)*. Paris: CTHS, 1992, p. 17.

<sup>99</sup> Cf. DELPAL, Bernard, *Entre paroisse et commune: les catholiques de la Drome au milieu du XIX<sup>e</sup> siècle*. Valence: Peuple Libre, 1989, p. 77.

<sup>100</sup> Cf. BLOT, Thierry, *Reconstruire l'Église après la Révolution*, p. 126.

<sup>101</sup> Cf. BLOT, Thierry, *Reconstruire l'Église après la Révolution*, p. 128.

<sup>102</sup> Cf. BOUTRY, Philippe, *Prêtres et paroisses au pays du Curé d'Ars*, p. 190.



que, sobretudo nas comunas rurais, o surgir de uma pequena elite de intelectuais nas aldeias podia contribuir para reforçar a influência do clero nas mesmas<sup>103</sup>.

O assinalado no parágrafo anterior é ainda mais relevante se tivermos em conta a mutação profunda que ocorreu no “recrutamento” dos sacerdotes no antes- e pós-Revolução. Enquanto no *Ancien Régime* o clero secular era maioritariamente, e em todas as coordenadas geográficas, oriundo da burguesia urbana, já no século XIX os párocos de aldeia são, na maioria, filhos de artesão ou de agricultores. Isto não significa, porém, que provenham das classes mais modestas da sociedade aldeã, pois são uma ínfima minoria aqueles que provêm de pais domésticos ou que vivem de labores jornaleiros<sup>104</sup>.

De qualquer modo, a simples redação de um artigo, de uma notícia ou de uma publicação de história local, sendo sancionada e aprovada ao nível de uma instituição sábia e, depois, publicada, já é um meio suficiente para que o sacerdote rural como que ascenda à elite das pessoas instruídas<sup>105</sup>. É raro que os autores de tais escritos, quando manifestam as suas motivações, evoquem a necessidade de alicerçarem a sua autoridade sobre novos fundamentos, mas não deve haver dúvida de que isso também terá sido um fator que entrou em conta na proliferação de tais documentos<sup>106</sup>.

Não é de modo algum certo que o ensinamento lecionado nos seminários tivesse contribuído diretamente para o suscitar, entre esses filhos de labradores ou de artesãos, de vocações eruditas. A prioridade era colocada na aquisição de saberes diretamente úteis para o exercício do ministério paroquial, sendo o restante considerado secundário<sup>107</sup>. Na verdade, o seminário era, sobretudo, o lugar onde o futuro sacerdote interiorizava as virtudes próprias da sua presente e futura condição de vida: piedade, retidão, reserva, castidade: «o “bom padre” do século XIX aprende no seminário uma regra de vida, um modo especificamente clerical de comportamento e de pensamento baseado na disciplina interior e exterior, o controlo dos gestos e das palavras, a ordem e a medida»<sup>108</sup>.

Por outras palavras: seguindo muito de perto sobretudo a escola sacerdotal de Pierre de Bérulle e de Saint-Sulpice, tudo é executado, ao nível dos seminários, para que

---

<sup>103</sup> Cf. L'ESTOILE, Bernard, Le goût du passé: Erudition locale et appropriation du territoire, in *Terrain*, n.º 37 (2001) p. 123-138.

<sup>104</sup> Cf. FOUCAULT, Pierre, L'origine socio-professionnelle du clergé sarthois durant la période concordataire (1801-1905), in *Mentalités religieuses dans la France de l'Ouest aux XIX<sup>e</sup> et XX<sup>e</sup> siècles: Études d'histoire sérielle = Cahiers des Annales de Normandie*, n.º 8 (1976) p. 147-170.

<sup>105</sup> Cf. LEMAITRE, Nicole, *Histoire des curés*. Paris: Fayard, 2002, p. 20.

<sup>106</sup> Cf. LAUNAY, Marcel, *Le bon prêtre: le clergé rural au XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Aubier, 1986, p. 12.

<sup>107</sup> Cf. LAUNAY, Marcel, *Le bon prêtre*, p. 24.

<sup>108</sup> BOUTRY, Philippe, “Vertus d'état” et clergé intellectuel, in *Territoire et territorialité*, p. 216.

se mantenha o futuro padre à margem da sociedade comum, e o próprio uso da sotaina é o sinal exterior de um afastamento do mundo profano<sup>109</sup>. Tudo isto leva a que os padres rurais, quando vindos do povo mais simples, acabem por viver, na sua paroquia, à parte da comunidade a que estavam chamados a servir<sup>110</sup>, nem sempre estando isto isolado de um certo autoritarismo decorrente da percepção de estarem acima do comum dos mortais<sup>111</sup>, no que, por seu lado, apenas reforçava uma certa contestação anticlerical<sup>112</sup>.

---

<sup>109</sup> Cf. BOUTRY, Philippe, *Prêtres et paroisses au pays du Curé d'Ars*, p. 77.

<sup>110</sup> Cf. LAUNAY, Marcel, *Le bon prêtre*, p. 88.

<sup>111</sup> Cf. LEMAITRE, Nicole, *Histoire des curés*, p. 76.

<sup>112</sup> Cf. BOUTRY, Philippe, *Prêtres et paroisses au pays du Curé d'Ars*, p. 69.

## CAPÍTULO 2: A VIDA DO CURA D'ARS

Após o nosso primeiro capítulo, dedicado a uma breve contextualização histórica do período em que viveu o nosso Autor, o objetivo da presente parte da nossa Dissertação é o de darmos a conhecer, de uma forma igualmente breve, a vida do Cura d'Ars. Desta forma, esta parte do nosso estudo constituirá uma espécie de charneira entre a referida contextualização e o que será aduzido no último momento do presente trabalho.

### 2.1.- Do nascimento à ordenação sacerdotal

Na pequena aldeia de Dardilly, onde a cresceu Jean-Marie Vianney, não havia propriamente a preocupação de encarar com rigor a precisão administrativa, e, assim, quando lhe perguntavam a data do seu nascimento, o mesmo não era regular nas suas respostas. De qualquer modo, os dados mais fidedignos de que dispomos indicam o dia de 8 de maio de 1786<sup>113</sup>.

Nascido no seio de uma pequena família de camponeses, Jean-Marie veio ao mundo numa altura em que na França estava em vigor o, assim denominado, *Terreur*, período da Revolução Francesa caracterizado por aquilo que hoje em dia pode ser tido como um “estado de emergência” em que a violência e as atrocidades do Estado contra indivíduos que se estimavam estar a ameaçar os primeiros regimes parlamentares franceses<sup>114</sup>.

Quando Vianney tem sete anos de idade, a maior parte dos sacerdotes está a ser condenada ao exílio ou, então e no que deu origem a não poucos mártires, à morte. De facto, todos sacerdotes que não se submetessem à “Constituição civil do clero” de 1790, suscitadora de um verdadeiro cisma porquanto desautorizada por Pio VI no ano seguinte, eram massacrados<sup>115</sup>.

---

<sup>113</sup> Cf. VALLIN, Pierre, *Le cure d'Ars en un âge de révolutions*, Paris: Médiasèvres, 1988. p. 6-12.

<sup>114</sup> Cf. COUSIN, Bernard, *La pique et la croix*, p. 57.

<sup>115</sup> Cf. GHÉON, Henri, *Le saint Curé d'Ars*. Plouisy: Rassemblement à son image, 2016, p. 25.

Mesmo em Lyon, grande cidade de onde a aldeia de Dardilly não distava muitos quilômetros, as tropas da *Convention nationale* agem com brutalidade para suprimir a insurreição, acabando mesmo por entrar naquela aldeia. A igreja paroquial de Dardilly é fechada, o pároco –Jacques Rey– cede e aceita todos os juramentos que lhe exigem para se mostrar conforme à “Constituição civil do clero”<sup>116</sup>. Tempos depois, durante o qual a família Vianney se mantém fiel ao mesmo, Jacques Rey acabará inclusive por abandonar o sacerdócio, regressando a pároco legítimo de Dardilly apenas em 1803<sup>117</sup>, logo a seguir a Napoleão e Pio VII terem assinado uma concordata que “normalizava” a situação do clero francês e das relações entre a França e a Santa Sé<sup>118</sup>.

Apesar da referida fidelidade ao seu pároco, os pais de Jean-Marie, já depois de em 1797 terem tomado consciência da «situação irregular»<sup>119</sup>, arriscam a própria vida ao oferecerem abrigo a sacerdotes clandestinos que haviam recusado prestar aqueles juramentos. Acolhiam-nos num quarto com as janelas encobertas e escondidas por uma carroça de feno<sup>120</sup>. Mas esta vida de “clandestinidade” também se estendia à família de Jean-Marie, bem como a outras famílias que se mantiveram leais ao Papado, celebrando e vivendo a sua fé às ocultas, à semelhança como que foi o Cristianismo nos primeiros séculos da sua existência<sup>121</sup>.

A infância de Jean-Marie Vianney foi profundamente marcada pela vida familiar e também pelo trabalho agrícola do campo. Com apenas sete anos de idade, ele já ajudava o seu pai –Matthieu Vianney– e a sua mãe –Marie Belize-Vianney– no ganha pão da família, tal como viria a acontecer com os outros cinco irmãos. Jean-Marie levantava-se muito cedo, para cuidar dos animais, e tentava ser «bondoso para com todos, especialmente com os mais miseráveis»<sup>122</sup>, não se esquecendo jamais de se entregar à oração: «durante o intervalo dos trabalhos no campo, eu fingia descansar e dormir como os outros e orava a Deus de todo o meu coração; era um bom momento e eu sentia-me feliz»<sup>123</sup>.

---

<sup>116</sup> Cf. VIAL, Paul, *La formation sacerdotale de Jean Marie Vianney*. Lyon: Emmanuel Vitte, 1959, p. 3.

<sup>117</sup> Cf. FOURREY, René, *Le Curé d'Ars authentique*. Dijon: L'Echelle de Jacob, 2009, p. 32.

<sup>118</sup> Cf. POULAT, Emile, *Notre laïcité publique*, p. 70.

<sup>119</sup> Cf. FOURREY, René, *Le Curé d'Ars authentique*, p. 28.

<sup>120</sup> Cf. GHÉON, Henri, *Le saint Curé d'Ars*, p. 35.

<sup>121</sup> Cf. GHÉON, Henri, *Le saint Curé d'Ars*, p. 40.

<sup>122</sup> Cf. TROCHU, Francis, *Le Curé d'Ars*. Lyon: Résiac, 1925, p. 91.

<sup>123</sup> Citado em NODET, Bernard, *Jean-Marie Vianney, Curé d'Ars: Sa pensée, son cœur*, 6ª ed. Paris: Cerf, 2006, p. 91.

Um outro elemento presente na infância do futuro Cura d'Ars foi a sua intensa vida de oração, instituída e influenciada por sua mãe. Se por um lado, na França, e por causa das consequências do regime instaurado pela Revolução Francesa, era estritamente interdito rezar, Jean-Marie reunia-se com os seus irmãos e amigos e, enquanto tomava conta dos animais no campo, orava a Deus<sup>124</sup>.

A sua fé e a sua piedade não o perturbaram nas etapas normais da infância, antes levaram a que fosse surgindo, e fortalecendo, um anseio de se tornar sacerdote da Igreja católica. Com efeito, a sua vocação surgiu bastante cedo e reforçou-se anos depois quando teve um encontro com alguém que viria a ser mártir da fé; isto é, quando Jean-Marie percebeu que ser sacerdote também significava estar preparado a dar a vida para, por amor aos demais e à semelhança do próprio Jesus, poder exercer o próprio ministério<sup>125</sup>.

Anos mais tarde, e conforme alude Francis Trochu no seu livro "*Le Curé d'Ars*", o jovem Vianney terá manifestado ao seu tio Humbert o verídico motivo de sua vocação: «quero ser sacerdote, desejaria ganhar para Cristo muitas almas»<sup>126</sup>.

Com o passar dos anos, o Vigário-Geral da diocese de Lyon empreende a constituição de uma rede de sacerdotes missionários clandestinos que se mantiveram fiéis à condenação, por Pio VI e pelo breve "*Quod Aliquantum*", da "Constituição civil do clero". Dessa forma, um destes sacerdotes instala-se, protegido pelos camponeses, na aldeia de Écully, e é aí que, com treze anos, Jean-Marie celebrou a Primeira Comunhão<sup>127</sup>.

Crescendo e amadurecendo humana e espiritualmente, chegou a ocasião de, finalmente e depois da comuna de Dardilly ter permanecido sem professor desde o começo da Revolução Francesa, Jean-Marie começar a frequentar a escola, tendo já, nesse momento, dezassete anos<sup>128</sup>. É nos anos de 1806 e 1807 que Jean-Marie é acolhido pelo padre Charles Balley na escola presbiteral que ele fundou<sup>129</sup>. Apesar das grandes dificuldades que Jean-Marie sentiu e manifestou a nível da aprendizagem, em especial no que concerne ao idioma latino, o padre Balley não duvidou jamais da sua vocação<sup>130</sup>.

---

<sup>124</sup> Cf. ARCHIVES PAROISSIALES D'ARS, *Procès de L'Ordinaire*, n.º 1011.

<sup>125</sup> Cf. RAVIER, André, *Le Curé d'Ars: un prêtre pour le peuple de Dieu*. Ars: Parole et Silence, 1999, p. 41.

<sup>126</sup> TROCHU, Francis, *Le Curé d'Ars*, p. 39.

<sup>127</sup> Cf. FOURREY, René, *Le Curé d'Ars authentique*, p. 26.

<sup>128</sup> Cf. TROCHU, Francis, *Le Curé d'Ars*, p. 12.

<sup>129</sup> Cf. ANTIER, Jean-Jacques, *Le curé d'Ars: un saint dans la tourmente*. Paris: Perrin, 2006, p. 34-36.

<sup>130</sup> Cf. FOURREY, René, *Le Curé d'Ars authentique*, p. 41.

Com o eclodir, em 1808, da Guerra de Independência de Espanha, muitos jovens e adultos franceses foram recrutados para os exércitos napoleónicos. Embora os estudantes eclesiásticos pudessem ser isentos desse encargo, Jean-Marie, por não conseguir evidenciar ser um de tais estudantes devido aos seus fracos conhecimentos académicos, é chamado a alistar-se<sup>131</sup>.

É no mínimo bizarro pensar na pessoa do jovem Vianney agarrado a armas para retirar a vida a outros seres humanos. Por esse motivo, aliado a uma inadaptação decorrente da conduta imoral e das blasfêmias dos camaradas que o abalaram profundamente, não conseguiu adaptar-se. Face a esta realidade, ele acaba por desertar<sup>132</sup>.

Num ambiente em que novamente a Igreja se encontrava perseguida por Napoleão Bonaparte, a deserção não podia ser considerada como um ato repreensível e se o futuro Cura d'Ars teve alguns escrúpulos, os camponeses de Alto Loire não o tinham e protegeram-no<sup>133</sup>. O seu pai também teria permanecido em silêncio, mas acabou por ser tido como responsável do seu desaparecimento, tendo esta situação acabado por ser resolvida somente quando um irmão de Jean-Marie –François– se compromete a alistar-se no lugar de seu irmão<sup>134</sup>.

Já não sendo mais um desertor, Jean-Marie, então com vinte e seis anos, regressa à escola presbiteral de Écully e no ano de 1812, o padre Balley permite o seu ingresso no Seminário Menor de Verrières, que havia sido aberto clandestinamente alguns anos antes<sup>135</sup>. Uma vez que o pai de Jean-Marie precisava da ajuda de todos os seus filhos para cuidar dos seus campos, manifestou uma enorme insatisfação com o desejo daquele em ser sacerdote. Recusando a Jean-Marie toda a ajuda necessária, quando este entra para o primeiro ano do Seminário Maior de Santo Ireneu em Lyon, foi o único dos oitenta e quatro alunos a não pagar nada<sup>136</sup>.

Para poder ser sacerdote, a sua piedade não era o suficiente: era necessário estudar, especialmente, para alguém com a sua formação tão precária, a nível da língua latina – idioma em que eram lecionadas as aulas. Eis aqui a grande limitação, diante da qual o jovem Vianney se esforçava quotidianamente para conseguir superá-la e que, de vez enquanto, levava-o a ser alvo de ironia entre os colegas de seminário:

---

<sup>131</sup> Cf. FOURREY, René, *Le Curé d'Ars authentique*, p. 43.

<sup>132</sup> Cf. TROCHU, Francis, *Le Curé d'Ars*, p. 28.

<sup>133</sup> Cf. COUVERT, Hippolyte, *Le Saint Curé d'Ars et sa famille*. Lyon: Emmanuel Vitte, 1922, p. 41.

<sup>134</sup> Cf. FOURREY, René, *Le Curé d'Ars authentique*, p. 67.

<sup>135</sup> Cf. FOURREY, René, *Le Curé d'Ars authentique*, p. 60.

<sup>136</sup> Cf. FOURREY, René, *Le Curé d'Ars authentique*, p. 81.

«[Jean-Marie] esquecera as pouquíssimas noções gramaticais recebidas na escola (...). O pequeno Deschamps e os irmãos Loras, muito melhor educados e que retinham com facilidade as declinações e conjugações, riam com astúcia ao escutarem o maior dos seus colegas a vacilar naquilo que eles, por seu lado, haviam aprendido a brincar. (...) Será que aquele rapaz [Jean-Marie], já ponderado e de profunda piedade superaria o seu primeiro obstáculo? Terrível trabalho, mais árduo do que o que conhecera no campo. Vindo a noite, o aluno de vinte anos, à fraca luz de uma candeia, debruçava-se obstinadamente sobre os livros. Depois de uma suplica com fervor, invocava ao Espírito Santo que lhe gravasse os vocábulos no seu “pobre intelecto”. E no dia seguinte verificava que as palavras tinham escapado da memória»<sup>137</sup>.

Se bem que o estudo não fosse o seu “ponto forte”, é importante ter-se em linha de conta o seu percurso de formação intelectual para se compreender por que mais tarde o enviariam para a paróquia de Ars. Naquele tempo, os estudos Maiores para a formação sacerdotal abrangiam habitualmente um ano de Filosofia e dois anos de Teologia, que acabaram, durante a frequência de Jean-Marie, por ser ministrados no já mencionado seminário de Verrières<sup>138</sup>. Mesmo que tivesse dificuldades em relação à gramática latina, o jovem Vianney gostava bastante da literatura histórica e espiritual dos Santos, pois, era lá que encontrava um dos mais importantes alentos para seguir em frente neste difícil período de estudos:

«Incompreendido pelos homens, Jean-Marie Vianney voltou-se para Deus, o eterno amigo que percebe o silêncio e compreende as íntimas palpitações do coração. Pelo menos na capela podia abrir a alma e chorar à vontade. (...) Os condiscípulos lépidos convertiam-no em objeto de brincadeira e os mestres pouco se interessavam em animá-lo. Dirá [Jean-Marie] mais tarde: “Em Verrères tive que sofrer um pouco”»<sup>139</sup>.

Seria um exagero afirmar que Jean-Marie Vianney vivera, no seminário de Verrères, apenas uma vida de exilado e de perseguido. A sua reputação de santidade e a sua maneira simples de conviver com os seus granjeava-lhe admiradores que se apraziam em escutá-lo falar das coisas de Deus<sup>140</sup>. Um destes seus admiradores foi o seu amigo Marcellin Champagnat, que, mais tarde, virá a ser o fundador da *Société des Petits Frères de Marie* –os célebres irmãos maristas<sup>141</sup>, que com ele virá a ser ordenado Diácono no dia 23 de julho de 1815<sup>142</sup>.

---

<sup>137</sup> TROCHU, Francis, *Le Curé d'Ars*, p. 44.

<sup>138</sup> Cf. TROCHU, Francis, *Le Curé d'Ars*, p. 71.

<sup>139</sup> TROCHU, Francis, *Le Curé d'Ars*, p. 74.

<sup>140</sup> Cf. JOULIN, Marco, *A vida do Cura d'Ars*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 25.

<sup>141</sup> Cf. LAURAND, Luce, *Un berger qui vient de la montagne: Le Bienheureux Marcellin Champagnat (1789-1840)*. Genval: Marie-médiatrice, 1967, p. 15.

<sup>142</sup> Cf. TROCHU, Francis, *Le Curé d'Ars*, p. 89.

De qualquer modo, como é que os professores poderiam tolerar este aluno que se classificava na décima e ultima porção dos alunos —a que era qualificada pelo epíteto infamante de *debilissimus*?<sup>143</sup> Não foi fácil, e ele acaba mesmo por ser mandado sair do Seminário<sup>144</sup>. Todavia, o padre Balley não deixa de o apoiar e é graças à persistência do mesmo que Jean-Marie aprende quase toda a teologia que viria a conhecer, através do estudo do “*Rituel Du Diocèse de Toulon*”<sup>145</sup>. Foi mesmo graças a este estudo que o futuro Cura d’Ars obteve, no ano de 1814, a nota um pouco menos má de *debilior*, e, com a recomendação que o Charles Balley entregou aos administradores da diocese de Lyon, pôde ser ordenado sacerdote no dia 13 de agosto de 1815<sup>146</sup>.

## 2.2.- Do começo da vida sacerdotal ao falecimento

Após a sua ordenação, Jean-Marie inicia o seu ministério sacerdotal como coadjutor do padre Charles Balley em Écully, onde permanece durante três anos; isto é, até 1818<sup>147</sup>. Ao longo deste período, Jean-Marie é capaz de conseguir conviver e partilhar seu sacerdócio com esse seu grande amigo e mestre, o qual foi o primeiro a confessar-se a ele<sup>148</sup>. A confiança que o povo cristão passou a depositar no jovem sacerdote, nomeadamente enquanto sábio e santo confessor, principiou logo desde os primeiros tempos de sacerdote, até porque ele recebeu a autorização para poder confessar apenas alguns meses depois de ser ordenado<sup>149</sup>. Na sua biografia sobre aquele que um dia viria a ser o Cura d’Ars, Francis Trochu ajuda a entender melhor as características que determinaram o início de seu trabalho:

«Logo após [os paroquianos] terem sabido que [Jean-Marie] fora “aprovado” pela Curia Arquiepiscopal [para confessar], o seu confessorário passou a ser importunado por quem se reconhecia enfermo do ponto de vista espiritual, e, uma vez se confessando a ele, não mais procuravam outro [sacerdote]. Isso passou a exigir que ele dedicasse cada vez mais tempo a tal encargo, começando a negligenciar as próprias refeições. Um pouco mais tarde, essa negligência tornou-se habitual. Todavia, a sua missão estava longe de ser infrutuosa e sem consolações, pois um grande número de pessoas, que até esse momento eram tidos como “casos moralmente perdidos” na paróquia, mudaram de vida após se terem confessado ao Pe. Vianney. Este preparava e depois explicava cuidadosamente a secção de catequese, tornando-se pequenino com os pequenos. Levava os que tinham

---

<sup>143</sup> Cf. FOURREY, René, *Le Curé d’Ars authentique*, p. 83.

<sup>144</sup> Cf. VIAL, Paul, *Le maître du curé d’Ars: Charles Balley (1751-1817)*. Paris: Beauchesne, 1970, p. 54.

<sup>145</sup> Cf. VIAL, Paul, *La formation sacerdotale de Jean Marie Vianney*, p. 12

<sup>146</sup> Cf. FOURREY, René, *Le Curé d’Ars authentique*, p. 71.

<sup>147</sup> Cf. MONNIN, Alfred, *Le Curé d’Ars: Vie de M. Jean-Baptiste-Marie Vianney*. Paris: Douniol, 1874, p. 144-145.

<sup>148</sup> Cf. VIAL, Paul, *Le maître du curé d’Ars*, p. 15.

<sup>149</sup> Cf. PEZERIL, Daniel, *Pauvre et Saint Curé d’Ars*. Paris: Seuil, 1959, p. 34-35.



mais dificuldades para um lugar à parte, e, recordado do que os outros lhe haviam feito durante a Revolução, instruía-os com uma paciência infatigável. No púlpito de Écully, ele era breve, mas claro no que afirmava. Desse modo dava início a um ministério que lhe haveria de custar rudes esforços, mas que teria triunfos surpreendentes»<sup>150</sup>.

Para nós, aquilo que mais impressiona nas características antes descritas acerca da maneira de ser e de trabalhar de Jean-Marie Baptiste Vianney<sup>151</sup> é a maneira como trata os seus fiéis paroquianos. Na verdade, o seu trabalho pastoral é verdadeiramente inclusivo, tendo um cuidado especial para com todos aqueles que lhe tinham sido confiados, mesmo que para isso fossem precisos sacrifícios pessoais. Tudo isto fez com que Jean-Marie, até então tido geralmente como incapaz a diversos níveis, começasse a evidenciar, mediante gestos pequenos, mas persistentes, e sua enorme dedicação pastoral.

O padre Charles Balley estava feliz por, finalmente, ter encontrado um discípulo que, longe de se assustar com o seu ascetismo, ia ainda mais longe do que a sua pessoa nas suas mortificações<sup>152</sup>. Esta empatia nos instrumentos auxiliares do crescimento espiritual, fez quem com Monsenhor Balley continuasse a confiar ao jovem sacerdote conselhos práticos frequentemente excelentes, mas sempre repletos de tons de severo moralismo<sup>153</sup> que, nos inícios da sua vida sacerdotal, Jean-Marie seguia fielmente. Os sermões deste, com efeito, mostram-se repletos de uma severidade assombrosa<sup>154</sup>, que só será atenuada pela ação da graça, mas sem nunca o ter tornado ingrato para com o seu tutor<sup>155</sup>.

Apesar de ser humilde e obediente, Jean-Marie não era propriamente um conformista. Depois da morte de Charles Balley, no ano de 1817<sup>156</sup>, o sucessor deste na paróquia de Écully não demorou um mês para constatar que não podia manter junto de si, e como seu vigário, Jean-Marie. É fruto disto que, em fevereiro de 1818, este último se

---

<sup>150</sup> TROCHU, Francis, *Le Curé d'Ars*, p. 89.

<sup>151</sup> Faça-se notar que Jean-Marie adota, para o seu nome pessoal e por ocasião do seu Crisma em 1807, o nome “Baptiste” antes do seu nome paterno de modo a torná-lo seu padroeiro e protetor. Cf. TROCHU, Francis, *Le Curé d'Ars*, p. 80.

<sup>152</sup> Cf. GALLIZA, Bernard, *Charles Balley: maitre du Curé d'Ars*. Paris: Salvator, 2015, p. 24-25.

<sup>153</sup> Cf. FOURREY, René, *Le Curé d'Ars authentique*, p. 99.

<sup>154</sup> Cf. TROCHU, Francis, *Le Curé d'Ars*, p. 250.

<sup>155</sup> Cf. GHÉON, Henri, *Le saint Curé d'Ars*, p. 39.

<sup>156</sup> Para se conhecer melhor esta figura, há uma fonte que, tendo por nós sido já utilizada anteriormente, sobressai entre as demais uma que já usámos anteriormente: VIAL, Paul, *Le maître du curé d'Ars*.

faz ao caminho para Ars<sup>157</sup>, pequena aldeia perdida entre as montanhas, na parte sudoeste do departamento de Ain, bem no coração da região de Dombes<sup>158</sup>.

Quando, ainda ao longe, depois de, tendo-se perdido, seguir o caminho indicado por alguns pastores, deparou-se com as poucas habitações ao redor de uma humilde e pequena capela, Jean-Marie genufletiu-se e rezou<sup>159</sup>, como que agradecendo a missão recebida e consagrando-se a Deus mediante a disposição de serviço à sua nova comunidade.

Tendo permanecido muito tempo sem uma adequada assistência religiosa, o zelo dos paroquianos d'Ars tinha decaído consideravelmente. Jean-Marie terá um grande trabalho pastoral para restaurar a fé e os valores cristãos deste povo simples e humilde que se via obrigado, de manhã até à noite, a um trabalho árduo que somente era interrompido uma vez por semana, ao Domingo<sup>160</sup>. Mesmo assim, era muito frequente que as pessoas de Ars optassem mais por trabalhar ao Domingo, do que em participarem na Eucaristia<sup>161</sup>.

Para se aproximar dos seus poucos paroquianos, Jean-Marie começou imediatamente a dar testemunho da sua simplicidade e pobreza. Isso fez com que o povo se apercebesse que ele era um sacerdote diferente: alguém que, em vez de preocupar com o seu conforto e a realização de grandes obras, vivia com eles e, no que a sua vocação lhe permitia, como eles<sup>162</sup>. Mas isto, sem nunca descurar o que, para ele, era fulcral: o tempo dado a Deus, tal como Jean Partinand, professor em Ars nessa ocasião, nos testemunha: «nos primórdios do seu ministério em Ars, [Jean-Marie] ia regularmente à igreja às quatro horas da manhã e permanecia em adoração aos pés dos altares até à hora da missa, que ele celebrava por volta das sete da manhã»<sup>163</sup>.

Fruto desta empatia, que o tempo haveria apenas de fomentar, os paroquianos de Jean-Marie cuidaram de fazer da sua residência a melhor entre todas, todavia, com o tempo, ele foi devolvendo todo o mobiliário que julgava supérfluo, querendo ficar apenas com as coisas que lhe eram estritamente necessárias. Em consequência disto, a sua

---

<sup>157</sup> Ao tempo, esta localidade, que hoje é conhecida pelo nome de Ars-sur-Formans, chamava-se Ars-en-Dombes.

<sup>158</sup> Cf. BOUTRY, Philippe, Un sanctuaire et son Saint au XIX<sup>e</sup> siècle. Jean Marie Baptiste Vianney, Curé d'Ars. In *Annales. Economies, Sociétés, Civilisation*, vol. 35, n.º 2 (1980) p. 354.

<sup>159</sup> Cf. MEERSCH, Maxence Van Der, *Vie du Curé d'Ars*, Paris: Albin Michel, 1942, p. 35.

<sup>160</sup> Cf. FOURREY, René, *Le Curé d'Ars authentique*, p. 150.

<sup>161</sup> Cf. NODET, Bernard, *Jean-Marie Vianney, Curé d'Ars*, p. 110.

<sup>162</sup> RAVIER, André, *Le Curé d'Ars*, p. 150.

<sup>163</sup> Citado em NODET, Bernard, *Le Curé d'Ars sur la foi du serment*. Le Puy: Mappus, 1959, p. 43.

residência tornou-se como ele mesmo era: pobre e simples<sup>164</sup>. A sua assimilação ao modo de viver daqueles a quem servia estendeu-se igualmente à forma como se alimentava<sup>165</sup>, mostrando-se igualmente trabalhador e um homem de poucas palavras<sup>166</sup>, o que, de certo modo, causou um ainda maior impacto nas pessoas, as quais que não estavam acostumadas a esse perfil de sacerdote.

Devemos reconhecer que a tarefa pastoral que Jean-Marie tinha em mãos não era minimamente fácil, pois, na verdade, ele sentia-se fraco diante de uma tal responsabilidade. Este facto levava-o muitas vezes a apoiar-se numa célebre frase que Paulo inseriu na sua “*Segunda Carta aos Coríntios*”: «glorio-me nas minhas fraquezas, pois quando fraco, então é que sou forte» (2Cor. 12,10). A interiorização desta profunda realidade espiritual, aliada ao seu próprio temperamento moldado ao longo do tempo no meio de tantas dificuldades por que passou, criou as condições ideais para que nele se manifestasse uma especial graça de Deus para suportar as frustrações e as misérias do trabalho pastoral apostólico<sup>167</sup>.

Além das características aludidas nos últimos parágrafos, o agora já genuíno Cura d’Ars desenvolveu, como pastor de seu pequeno rebanho<sup>168</sup>, uma pedagogia radiosa para os paradigmas do seu tempo. Uma que, em abono da verdade e de alguma maneira, é ainda hoje relevante quando se lida com a educação, ou o cuidado da vida, de outras pessoas. Na verdade, ele dedicava-se a conhecer pessoal e intimamente as pessoas que a si foram confiadas, sabendo na perfeição, e agindo em coerência com isso, que os problemas de uma pessoa até podiam parecer idênticos aos de outra, mas cada uma necessitava de um acompanhamento personalizado<sup>169</sup>. Por outras palavras: o Cura d’Ars percebeu que o modo mais fecundo de agir eficaz seria decorrente do contato pessoal, e, na nossa opinião agora concorde com a de Francis Trochu, o mais interessante era a forma como levava à prática esta realidade:

«Visitar cerca de sessenta casas não era propriamente nem um desafio, nem algo de especial; o extraordinário estava no modo como fazê-lo. O Cura d’Ars, com o seu grande chapéu debaixo do braço –quase que nunca o levava de outra maneira –, saía, da igreja ou da residência paroquial, por volta do meio dia. Ele estava certo de que a tais horas

---

<sup>164</sup> TROCHU, Francis, *Le Curé d’Ars*, p. 117.

<sup>165</sup> Cf. FOURREY, René, *Le Curé d’Ars authentique*, p. 91.

<sup>166</sup> GHÉON, Henri, *Le saint Curé d’Ars*, p. 36.

<sup>167</sup> Cf. LASSAGNE, Catherine, *Le Curé d’Ars au quotidien, par un témoin privilégié*. Paris: Parole et Silence, 2003, p. 55-58.

<sup>168</sup> Note-se que a população d’Ars seria, por esta altura, aproximadamente de trezentos habitantes. Cf. BOSSI, Carlo, *Statistique générale du département de l’Ain*. Paris: s/e, 1808, p. 23.

<sup>169</sup> Cf. FOLLAIN, Jean, *Curato d’Ars, quando um uomo semplice confonde i sapienti*, 2ª ed. Milano: San Paolo, 2008, p. 45.

encontraria todos em casa [para com eles entabular diálogos]. (...) Nessas pequenas conversas, ele geralmente começava por falar das preocupações materiais, trabalhos e futuras colheitas [dos seus paroquianos]. Procurava [depois] saber acerca da situação das famílias: o número e a idade dos filhos; as suas relações de parentesco e de amizade. Enfim, uma palavra sobre a religião proferida no fim da visita provocava determinadas respostas que lhe [a Jean-Marie] permitiam aferir o menor ou maior grau de fé existente em cada casa»<sup>170</sup>.

A vida quotidiana do Cura d'Ars era bem conhecida, e dividia-se entre a igreja, a residência paroquial e aquelas antes referidas visitas às famílias. Ao anoitecer, quando o tempo permitia, ainda passeava um pouco, indo cumprimentar os agricultores que regressavam cansados para casa<sup>171</sup>. Contudo, os resultados destes seus esforços de evangelização “de raiz”, não foram nada animadores, pois facilmente o Cura d'Ars deu-se conta do desconhecimento dos valores elementares do Cristianismo e da superstição que ainda persistiam no seio da dimensão religiosa dos habitantes d'Ars<sup>172</sup>.

Face a isto, os resultados que ele acabou por lograr extrair dos seus paroquianos só foram possíveis graças a uma longa e persistente vida de oração, contemplação, trabalho pastoral e muita paciência da sua parte<sup>173</sup>. Meditando muitas vezes a categórica mensagem presente em *Sal.* 126, 5 –«os que semeiam em lágrimas, recolhem com alegria»– o Cura d'Ars esforçava-se por centrar o seu coração na vivência do facto de que, para si, o importante seria semear com toda a paciência, alimentando, naquele seu coração, convicção de que, uma vez lançada na terra, a boa semente da Boa-Nova germinaria mais cedo ao mais tarde, ainda que que nem sempre pudesse ser o semeador a fazer a colheita.

E que resultados foram aqueles? Podemos sintetizá-los num só: transformar a aldeia d'Ars numa grande família em que o amor agia fecundamente<sup>174</sup>. Pois bem, para que este amor se consolidasse, devemos destacar três grandes aspetos do ministério sacerdotal de Jean-Marie Baptiste Vianney, que interessam muito para o propósito desta nossa Dissertação. O primeiro é a sua genuína caridade para com os seus paroquianos, principalmente os mais pequenos e pobres, que precisavam dos maiores cuidados<sup>175</sup>.

---

<sup>170</sup> TROCHU, Francis, *Le Curé d'Ars*, p. 110.

<sup>171</sup> Cf. FOLLAIN, Jean, *Curato d'Ars*, p. 52.

<sup>172</sup> Cf. BOUTRY, Philippe. Le mal, le malheur. Le Curé d'Ars face à la souffrance, in *Le Monde alpin et rhodanien*, n.º 2-4 (1986) p. 59-61.

<sup>173</sup> Cf. ANCEL, Alfred, *La spiritualité pastorale du curé d'Ars*. Paris: Fleurus, 1959, p. 10-12.

<sup>174</sup> Cf. NODET, Bernard, *Un homme social: monsieur Vianney, Curé d'Ars*. Lyon: Emmanuel Vitte, 1968, p. 8.

<sup>175</sup> Cf. MONNIN, Alfred, *Esprit du Curé d'Ars: M. Vianney dans ses catéchismes, ses homélies et sa conversation*. Paris: Douniol, 1864, p. 15.

Depois, as confissões e o acompanhamento espiritual, que acabariam por arrastar literalmente multidões até Ars, transformando-a um centro de peregrinações da França e de muitos outros países da Europa<sup>176</sup>. Por fim, devemos mencionar a “*Maison de la Providence*”, dedicada ao acolhimento de todas as crianças órfãs e por si aberta no ano de 1824<sup>177</sup>.

Daremos, de seguida, alguma atenção a estas três dimensões do labor sacerdotal do Cura d’Ars, pois, em nossa opinião, são como grandes exemplos para a vida dos homens e das mulheres, não só do seu tempo, mas também dos nossos dias, os quais, embora sejam seguramente diferentes daqueles em que aquele viveu, são, sob diversos aspetos, marcados por muitos dos mesmos desafios humanos e espirituais fundamentais.

Como dissemos, uma das manifestações do amor de Jean-Marie pelos mais pobres foi o ter fundado “*Maison de la Providence*” para as crianças órfãs que, entres outros desafios que experimentariam na vida, não tinham possibilidade de acesso à educação. De facto, a aldeia de Ars, que também sentira os efeitos decorrentes da Revolução Francesa, não tinha escolas que pudessem educar as crianças<sup>178</sup>. Quando possível, chamava-se um professor das aldeias vizinhas e todos aqueles que estavam em idade escolar, fossem estes rapazes ou raparigas, iam para a mesma sala de aula –algo que, quanto às turmas mistas, não era habitual ao tempo<sup>179</sup>.

Perante este último facto mencionado, Jean-Marie empenha-se a estabelecer duas escolas: uma para os rapazes e, outra, para as raparigas, a última das quais é aberta, no mês de Março de 1824 e providenciando ensino totalmente gratuito, sob a direção de duas mulheres –Catherine Lassagne e Benita Lardet– que aquele formou durante dois anos<sup>180</sup>. Será esta escola que, mais tarde, se tornará a “*Maison de la Providence*” orientada para o cuidado das órfãs de Ars:

«Quando o cura Vianney viu que à sua modesta escola começaram a afluir muitas meninas surgiu-lhe uma nova inspiração. O bom pastor encontrara, quer na aldeia, quer nos seus arredores, muitas pobres e infelizes órfãs sem casa, filhas de pais desnaturados ou indigentes que as deixavam mendigar ou as empregavam ainda bastantes jovens como serva em casas sem religião. Nada sabiam das coisas de Deus, e quase não apreendiam mais do que o vício. O coração misericordioso do cura d’Ars não conseguia permanecer

---

<sup>176</sup> Cf. BOUTRY, Philippe; CINQUIN, Michel, *Deux pèlerinages au XIX<sup>e</sup> siècle: Ars et Paray-le-Monial*, p. 67.

<sup>177</sup> Cf. FOURREY, René, *Le Curé d’Ars authentique*, p. 154.

<sup>178</sup> Cf. NODÉ, Bernard, *Un homme social*, p. 21.

<sup>179</sup> Cf. FOURREY, René, *Le Curé d’Ars authentique*, p. 157-158.

<sup>180</sup> Cf. FOURREY, René, *Le Curé d’Ars authentique*, p. 155.

indiferente a tal realidade e resolveu estabelecer na escola que havia fundado um orfanato com o relevante nome de *Providence*»<sup>181</sup>.

Não é de admirar que Jean-Marie tenha encontrado alguns problemas com todos aqueles que não compreendiam a sua preocupação em potenciar as condições para que as raparigas, sobretudo as órfãs –que, em geral, deixava a casa familiar entre os dezanove e os vinte anos<sup>182</sup>, pudessem desenvolver as suas dimensões sociais e humanas, garantindo-lhes também uma boa educação para que também fossem boas cristãs<sup>183</sup>. Apesar disto, Jean-Marie Vianney persistiu no seu propósito e preocupou-se incessantemente para que na “*Maison de la Providence*” se vivesse fraternalmente como uma grande família de Deus<sup>184</sup>.

As raparigas que viviam na “*Maison de la Providence*” recebiam, sobretudo, formação a nível de competências domésticas e práticas: confeccionavam meias; cozinham; lavavam e passavam a roupa<sup>185</sup>. Diga-se, ainda, que embora a instrução escolar fosse pouco desenvolvida, a fé, a piedade religiosa e a mansidão eram traços que, provindo do fundador de tal instituição, acabavam por ser comunicadas às raparigas que viviam na “*Maison de la Providence*”<sup>186</sup>. De facto, mas do que apenas ensinamentos intelectuais, tais raparigas acabavam por receber aquelas virtudes e piedades necessárias para encararem, quer os perigos morais, quer as dificuldades que as esperavam<sup>187</sup>.

Foi também na *Maison de la Providence*” que Jean-Marie Vianney iniciou aquelas que se tornariam as célebres “*Catéchèse d’Ars*”, que, mais tarde, tiveram que ser por ele transferidas para a igreja da paróquia, devido ao grande número de peregrinos que começaram a se dirigirem a Ars para as ouvir<sup>188</sup>. Em tais catequeses, o Cura d’Ars reunia as multidões de peregrinos para refletir sobre alguns temas da fé e da moral cristã, visando ajudar aqueles que as escutavam a aprofundarem a vida cristã<sup>189</sup>.

Se as multidões de peregrinos começavam a dirigir-se, gradualmente e em peregrinação, até Ars, para se encontrarem com Jean-Marie Vianney, as suas confissões e o seu acompanhamento espiritual tornaram-se igualmente importantes para que tal

---

<sup>181</sup> TROCHU, Francis, *Le Curé d’Ars*, p. 180.

<sup>182</sup> Cf. ARCHIVES PAROISSIALES D’ARS, *Procès de L’Ordinaire*, n.º 1469.

<sup>183</sup> Cf. LASSAGNE, Catherine, *Le Curé d’Ars au quotidien*, p. 45.

<sup>184</sup> Cf. LASSAGNE, Catherine, *Le Curé d’Ars au quotidien*, p. 52.

<sup>185</sup> Cf. FOURREY, René, *Le Curé d’Ars authentique*, p. 159.

<sup>186</sup> Cf. NODET, Bernard, *Un homme social*, p. 20.

<sup>187</sup> Cf. NODET, Bernard, *Un homme social*, p. 17.

<sup>188</sup> Cf. MONNIN, Alfred, *Le Curé d’Ars*, p. 234.

<sup>189</sup> Cf. MONNIN, Alfred, *Esprit du curé d’Ars*, p. 172.

fenómeno incrementasse. De facto, a sua maneira de ser atraía muitos peregrinos que procuravam consolação espiritual para as agonias que traziam consigo<sup>190</sup>.

Com o passar do tempo, e graças ao seu esforço pastoral, o Cura d'Ars passou a estar à frente de numa paróquia que, transformando-se visivelmente, manifesta estar cheia de fervor religioso, passando dos vícios à virtude<sup>191</sup>, sendo que, entre 1827 e 1859, a igreja esteve sempre abarrotar, seja pelos paroquianos, seja por todos os outros que, percorrendo caminhos precários, se dirigiam a Ars<sup>192</sup>. Estes peregrinos não vinham para Ars com a ilusão de encontrarem um homem douto e rico, mas um humilde padre que sabia testemunhar, ao seu estilo, o infinito amor misericordioso de Deus<sup>193</sup>. Com efeito, era este amor que elas procuravam, pois sentiam a necessidade de se sentirem amadas para que pudessem amar novamente, e assim, o segredo das confissões de Jean-Marie não era outro senão o modo como ele lidava, sempre com doses certas de amor misericordioso, com as diferentes pessoas que o procuravam<sup>194</sup>.

No confessionário, o Cura d'Ars nunca passava, diariamente, menos de onze ou dozes horas<sup>195</sup>, e assim, a sua vida pastoral mudou radicalmente face à que vimos que era característica no início do seu ministério em Ars. Se antes visitava as pessoas, passou quase a nunca sair da igreja para que, com muito custo, pudesse atender e acolher a todos paroquianos e peregrinos. Estes últimos, uns já habituados a conversar acerca dos mais graves problemas pessoais e outros movidos apenas pela humildade da fé, eram pessoas de todas as idades, classes sociais e até membros, quer de diferentes graus da hierarquia eclesiástica, quer de distintas ordens religiosas –jesuítas, dominicanos, maristas e capuchinhos<sup>196</sup>.

Segundo informações que pudemos recolher, havia famílias inteiras de camponeses que vinham das regiões de Ars para se encontrarem com Jean-Marie, estando estas, tal como muitas outras, dispostas a esperar, por vezes, até três dias para se confessarem e serem acompanhadas<sup>197</sup>. Missão difícil esta. Não tenhamos dúvidas acerca

---

<sup>190</sup> Cf. BOUTRY, Philippe, *Un sanctuaire et son Saint au XIX<sup>e</sup> siècle*, 359.

<sup>191</sup> Cf. FOURREY, René, *Le Curé d'Ars authentique*, p. 125,

<sup>192</sup> Cf. BOUTRY, Philippe, *Un sanctuaire et son Saint au XIX<sup>e</sup> siècle*, p. 62.

<sup>193</sup> Cf. DUPLEIX, André, *Comme insiste l'amour: présence du Curé d'Ars*. Paris: Nouvelle Cité, 1999, p. 39.

<sup>194</sup> Cf. COUVERT, Henri, *Le Saint curé d'Ars et le sacrement de pénitence*. Lyon: Librairie Emmanuel Vitte, 1931, p. 48-51.

<sup>195</sup> Cf. TROCHU, Francis, *Le Curé d'Ars*, p. 277.

<sup>196</sup> Cf. BOUTRY, Philippe, *Un sanctuaire et son Saint au XIX<sup>e</sup> siècle*, 370.

<sup>197</sup> Cf. BOUTRY, Philippe; CINQUIN, Michel, *Deux pèlerinages au XIX<sup>e</sup> siècle*, p. 119-124.

disso. O próprio Cura d'Ars no-lo assegura: «a minha alma está triste até morrer; os meus ouvidos só ouvem coisas dolorosas e que me atormentam o coração. Eu não tenho tempo para orar ao Bom Deus, já não aguento mais»<sup>198</sup>.

Seja como for, e apesar destes desabafos que nos parecem totalmente sinceros, a verdade é que se pode estimar que no último ano de vida do Cura d'Ars o número de peregrinos atingiu os oitenta mil<sup>199</sup>. Será excessivo dizer que convertia todos aqueles que se aproximavam de si? Talvez. Mas, segundo Henri Ghéon, se o mesmo não tivesse morrido, talvez tivesse convertido toda a França, e até outros países, sendo que, segundo o mesmo, numa noite o “demónio” terá invetivado contra Jean-Marie dizendo-lhe: «saco de carvão [ignorante]... se no mundo inteiro houvesse três Curas d'Ars, o meu reino seria destruído»<sup>200</sup>.

Face a estes dados, que não podem deixar de impressionar, há uma pergunta que surge com naturalidade: o que é que as pessoas buscavam e encontravam nas confissões do Cura d'Ars? Segundo a nossa opinião, uma das respostas mais seguras foi já por nós apontada anteriormente: o amor e a misericórdia bondosos, mas igualmente frontais e exigentes, com que ele acolhia todos aqueles que o procuravam com as suas dores, inquietudes, sofrimentos humanos e espirituais. Efetivamente, e até se podendo alargar o campo de visão da nossa anterior questão, é de se dizer que não era a sua eloquência que convertia os peregrinos, mas a sua vida e trabalho pastoral silencioso. Um labor que, face a muitas críticas de seus colegas presbíteros, nunca foi por si descurado, pois, tal como dissera Jean-Marie na juventude como afirmara na sua juventude, o que o motivava não era o seu sucesso, mas o ganhar almas para Deus<sup>201</sup>.

Por duas vezes Jean-Marie Vianney tentou sair de Ars: em 1843 (por se sentir indigno ante um tão grande sucesso sacerdotal<sup>202</sup>) e em 1853 (por motivos de saúde<sup>203</sup>). Todavia, o mesmo –por vontade própria na primeira ocasião e em obediência aos seus superiores na segunda–, acaba por regressar a Ars e aí permanecer até falecer a 4 de Agosto de 1859<sup>204</sup>, um dia depois de um seu assistente e vigário, o padre Joseph Toccanier

---

<sup>198</sup> Citado em FOURREY, René, *Ce qui prêchait le Cure d'Ars*. Paris: Ed. Echelle Jacob, 2009, p. 83-84.

<sup>199</sup> Cf. BOUTRY, Philippe; CINQUIN, Michel, *Deux pèlerinages au XIX<sup>e</sup> siècle*, p. 109.

<sup>200</sup> GHÉON, Henri, *Le saint Curé d'Ars*, p. 26.

<sup>201</sup> Cf. NODÉ, Bernard, *Jean-Marie Vianney, Curé d'Ars*, p. 226.

<sup>202</sup> Cf. FOURREY, René, *Le Curé d'Ars authentique*, p. 214.

<sup>203</sup> Cf. FOURREY, René, *Le Curé d'Ars authentique*, p. 261.

<sup>204</sup> Cf. TROCHU, Francis, *Le Curé d'Ars*, p. 476-477.



da *Société des Petits Frères de Marie*, o ter convencido a legar todos os seus parques bens ao superior da congregação religiosa a que este último pertencia<sup>205</sup>.

### **2.3.- Alguns traços do carácter e da espiritualidade do Cura d'Ars**

Depois do breve relato da vida de Jean-Marie Vianney apresentado anteriormente, cremos que é oportuno referir neste capítulo da nossa Dissertação alguns aspectos da sua personalidade. Deste modo, estamos certos de que o perfil da sua vida será mais completo e enriquecedor para quem vier a contactar com estas palavras.

O primeiro aspeto que achamos relevante mencionar, é que por detrás da sua atividade sacerdotal, que tantos e tantos estima vam como valiosíssima como instrumento do perdão divino, havia um drama profundíssimo que, à primeira vista, poucos admitiriam existir e se, porventura, admitissem, não lograriam medir a sua intensidade. Com efeito, e tal como já pudemos mencionar anteriormente, ele teve que se esforçar por combater a exclusão: desde a infância, passando pelo período de estudos, até no exercício do ministério sacerdotal. Tudo isto requereu de Jean-Marie uma capacidade enorme de superação e, dessa forma, uma não menor coragem para não desanimar e, no meio dessas mesmas circunstâncias, permitir que muitos dos seus contemporâneos, mesmo sem o saber, pudessem fazer a experiência –humana e espiritualmente fundamental– de se saberem amados por Deus<sup>206</sup>.

Isto que acabámos de mencionar é particularmente importante, pois não eram os mais afamados e estimados da sociedade que o referiam, mas os mais simples e humildes, justamente aqueles que, como ele, compreendiam o peso do trabalho mais invisível, do serem sucessivamente incompreendidos e até desestimados. Eis como, segundo René Fourrey, Jérôme Dunoyet –sacristão e enfermeiro de Jean-Marie em Ars<sup>207</sup>– descreveu o sofrimento íntimo que vivera o Cura d'Ars ao longo da sua vida pastoral. E descreveu-o, a jeito de desabafo, quando, no ano de 1850 e na obra "*L'Ange conducteur des pèlerins d'Ars*", Gabriel Taborin não se continha em elogios: «o Senhor Padre disse-me diversas vezes que quando uma cruz o abandonava, surgia logo uma outra. (...) Ele disse-me que muitas pessoas estimavam-no um santo, mas que, segundo o entendimento que possuía acerca de si, ele era somente um ignorante perseguido por todas as pessoas»<sup>208</sup>.

---

<sup>205</sup> Cf. MONNIN, Alfred, *Le Curé d'Ars*, p. 402.

<sup>206</sup> Cf. DUPLEIX, André, *Comme insiste l'amour*, p. 201.

<sup>207</sup> Cf. GARETS, Marthe, *Un souvenir d'Ars: Vie du frère Jérôme, de la Congrégation de la Sainte Famille de Belley*. Bourg: Imprimerie Villefranche, 1879, p. 271.

<sup>208</sup> Cf. FOURREY, René, *Le Curé d'Ars authentique*, p. 261-263.

Com efeito, e como não deixa de ser uma certa característica de todos os que se aproximam de Deus, Jean-Marie tinha uma maior, e mais nítida, percepção dos seus limites do que os seus admiradores. Também por isso, não era raro que, quando confrontado em confissão com algo que ele cria que superava a sua capacidade de intervenção, remetesse o penitente para confessores mais instruídos<sup>209</sup>, nunca deixando de também ter a perfeita noção de que o que dizia, acerca da vida de alguém e fruto da sua intuição, por vezes poderia não realizar-se<sup>210</sup>.

Não deixa de ser curioso que ele mesmo nunca levou propriamente a sério os seus dotes “proféticos”, sendo frequente ouvi-lo dizer, em tom também de brincadeira, «eu faço como os almanaques: quando o que dizem ajuda, ajuda»<sup>211</sup>. O mesmo se pode dizer acerca das instruções que proferia a partir do púlpito, sobre as quais o padre Jean-Claude Colin –fundador da *Société de Marie*– terá dito: «se pusermos no alambique os seus ensinamentos, não se encontraria nada, excepto o que todos sabiam: o autor [Jean-Marie Vianney] é um santo»<sup>212</sup>.

A imagem da aldeia de Ars transformada –«Ars não é mais a mesma Ars de anteriormente»<sup>213</sup>– não deve deixar esquecer que o seu desenvolvimento, embora se deva certamente a Jean-Marie, também decorreu das peregrinações que aquele motivou<sup>214</sup>. Mas mais do que as mudanças exteriores, é de referirmos as transformações nas almas dos próprios habitantes dessa pequena aldeia. Aqueles que, por mais que as palavras que nos chegaram do seu pároco precisem de ser matizadas para serem tidas como um eco da teologia mais segura mesmo no meio de uma época em que os sermões visavam a moralização pelo aterrorizar das consciências<sup>215</sup>, foram marcados pela libertação espiritual.

Mas os métodos, por si só, nada logram. Por detrás dos mesmos existiu sempre em Jean-Marie a assunção de que não há amor sem, simultaneamente, uma grande dose de sacrifício vivido em benefício dos demais<sup>216</sup>, nomeadamente em consequência da íntima união entre o sacerdote e Cristo Jesus eucarístico:

---

<sup>209</sup> Cf. COUVERT, Henri, *Le saint Curé d'Ars et le sacrement de pénitence*, p. 65.

<sup>210</sup> Cf. COUVERT, Henri, *Le saint Curé d'Ars et le sacrement de pénitence*, p. 71.

<sup>211</sup> MONNIN, Alfred, *Le Curé d'Ars*, p. 301.

<sup>212</sup> KERR, Donald, *Jean Claude Colin, Mariste: un fondateur dans une ère de révolution et restauration: les premières années (1790-1836)*, Paris. Ed. Karthala, 2010, p. 305.

<sup>213</sup> FOURREY, René, *Le Curé d'Ars authentique*, p. 125.

<sup>214</sup> Cf. BOULARD, Chanoine, *La pastoral du Curé d'Ars*. Paris: Fleurus, 1960, p. 75.

<sup>215</sup> Cf. FOURREY, René, *Ce que prêchait le Curé d'Ars*, p. 18.

<sup>216</sup> Cf. NODET, Bernard, *Jean-Marie Vianney, Curé d'Ars*, p. 25.

«Que coisa tão bela! Depois da Consagração, o Bom Deus está lá presente, como no céu (...). Se um qualquer homem conhecesse bem este mistério, morreria de amor. Deus nos purifica por causa das nossas fraquezas. Até ao momento da Consagração, eu celebro muito rapidamente, mas depois da Consagração, eu esqueço-me de mim próprio, segurando o Nosso Senhor nas minhas mãos. O martírio não tem comparação (...) é o sacrifício que o homem faz a Deus da sua vida em resposta ao sacrifício que, na missa, Deus faz pelo homem do seu corpo e do seu sangue. Oh! Que bem que um sacerdote faz, portanto, em se oferecer em sacrifício todas as manhãs!»<sup>217</sup>.

Por seu lado, tal sua vida sacrifício é inseparável da sua confiança em Deus, da sua santidade irradiante e, enfim, da sua gratuidade, as quais, acompanhando o trajeto vital do Cura d'Ars, marcam profundamente a mensagem que deixou para os tempos atuais<sup>218</sup>, sempre a dever ser lida a partir da sua íntima vida de oração que é, ela mesma, um sinal de uma vida de união com Deus no amor. Acerca desta união profunda com Deus, o Cura d'Ars afirma com audácia:

«Nesta união íntima, Deus e a alma são como dois pedaços de cera fundidos em conjunto. Quem me dera poder perder-me em Deus e nunca mais me encontrar senão em Deus. A alma submerge-se e abisma-se, perdendo-se nas suaves conservas com Deus (...). Se pudéssemos compreender que temos o poder amar a Deus desse modo, permaneceríamos imóveis em êxtase»<sup>219</sup>.

A convicção de que era Deus Quem amparava a vocação e a vida de Jean-Marie Vianney é o primeiro elemento que não pode passar despercebido. Ele sabia que não estava só no seu “sim” diário à vocação sacerdotal: era Deus quem o sustentava nas suas limitações e nos desafios do seu trabalho pastoral<sup>220</sup>. Esta profunda convicção fazia-o estar disponível para as exigências pastorais e fez com que o seu trabalho pudesse ser profundamente eficaz do ponto de vista espiritual e moral, incidindo a nível da conversão e da melhoria da vida de muitas pessoas que o procuravam<sup>221</sup>.

Tudo o que ele fazia, fazia-o com a consciência de que não era a sua própria força que o lograva, antes confiando tudo o que fazia nas mãos d'Aquele que os sustentava –a ele e ao seu labor<sup>222</sup>. Na sua última procissão da festa do Corpo Deus, quando já tinha setenta e dois anos, perguntaram-lhe de onde é que tirava as forças para aguentar com o

---

<sup>217</sup> Citado em MONNIN, Alfred, *Esprit du Curé d'Ars*, p. 141-143.

<sup>218</sup> Cf. JEAN PAUL II, *Le curé d'Ars*, p. 25.

<sup>219</sup> Citado em NODET, Bernard, *Jean-Marie Vianney, Curé d'Ars*, p. 94.

<sup>220</sup> Cf. JEAN PAUL II, *Le curé d'Ars*, p. 27.

<sup>221</sup> Cf. ANCEL, Alfred, *La spiritualité pastorale du curé d'Ars*, p. 11.

<sup>222</sup> Cf. BAGNARD, Guy-Marie, *Le curé d'Ars, portait d'un pasteur*. Perpignan: Artège, 2009, p. 13-16.

grande ostensório eucarístico que levava pelas ruas. Ele terá respondido: «como quereis que eu fique casado? Aquele que eu estava a segurar também me estava a segurar. Ele me segura e eu seguro-O»<sup>223</sup>.

A santidade de Jean-Marie era vivida, na maior parte do tempo, no exercício quotidiano –e até repetitivo– do seu trabalho sacerdotal sempre vivido no seio daquela fé que expressava e que o confortava nos momentos de tribulação<sup>224</sup>. Essa sua entrega total é, sem dúvida alguma, fruto de um encontro pessoal e íntimo com o Senhor, o Qual inflamou o seu coração para a vocação à qual ele deu o seu “sim”<sup>225</sup>. Aquele “sim” que fez dele alguém procurado por milhares de mulheres e de homens que buscavam, através dele, o perdão de Deus –por ele antes vivido naquele encontro– e as razões para crerem poder ter esperança numa vida nova<sup>226</sup>.

Tal ação, maximamente visível nas horas e horas passadas a celebrar o sacramento da confissão e na hora diária empregue para catequizar os que abarrotavam a pequenina igreja d’Ars, só foi possível graças ao ter despendido parte do seu pouco tempo disponível em oração pessoal e na celebração, sempre devota, da Missa<sup>227</sup>. Acerca disto, João XXIII, escreveu palavras que achamos elucidativas:

«Esta vida de ascese e de oração (...) mostra claramente o segredo do zelo pastoral de São João Maria Vianney e da extraordinária eficácia sobrenatural do seu ministério. Escrevia o nosso predecessor, de feliz memória, Pio XII: “Que o padre se lembre que o altíssimo ministério que lhe foi confiado será tanto mais fecundo quanto mais estreitamente estiver unido com Cristo e se deixar guiar pelo seu espírito”. A vida do Cura d’Ars confirma, uma vez mais, esta grande lei de todo o apostolado, fundada na própria palavra de Jesus: “Sem mim, nada podeis fazer” (Jo. 15,5)»<sup>228</sup>.

Um seu sucessor na Cátedra de Pedro, João Paulo II, irá na mesma linha, ao dizer que tudo o que fez o Cura d’Ars foi fruto do que adquiriu na sua experiência espiritual, nomeadamente oracional, que lhe fazia tudo tentar para dar o seu melhor, tendo diante de si homens que queria salvar e fazer crescer no amor de Deus. Ele não é um homem de letras, nem um pensador, mas um sacerdote e um pastor ao serviço da vida e da ação salvífica<sup>229</sup>. Deveras, e continuando nós a referir-nos ao dito por este Sumo Pontífice,

---

<sup>223</sup> NODET, Bernard, *Jean-Marie Vianney, Curé d’Ars*, p. 111.

<sup>224</sup> Cf. NAULT, Jean-Philippe, *Le Curé d’Ars, figure de sainteté sacerdotale*. Paris. Parole et Silence, 2004, p. 11.

<sup>225</sup> Cf. RAVIER, André, *Le Curé d’Ars*, p. 55-56.

<sup>226</sup> Cf. RAVIER, André, *Le Curé d’Ars*, p. 60.

<sup>227</sup> Cf. NODET, Bernard, *Jean-Marie Vianney, Curé d’Ars*, p. 105.

<sup>228</sup> JOÃO XXIII, *Carta encíclica Sacerdotii nostri primordia*, in *AAS* 51 (1959) p. 566.

<sup>229</sup> Cf. JEAN PAUL II, *Le curé d’Ars*, p. 26.

toda a vida do Cura d'Ars é fruto da sua oração –desde a sua infância até à sua morte e em qualquer empreendimento que tenha levado a cabo–, e sem se ter bem presente esta realidade, nunca se compreenderá a sua espiritualidade pastoral<sup>230</sup>, inclusive aquela que ele nutria através do contacto com o Breviário, tal como podemos ler nas suas seguintes palavras:

«Que alegria poder descontraír um pouco das fadigas da jornada recitando o Santo Ofício! Que consolação poder orar ao Bom Deus! Sem isso, a vida não seria suportável, o breviário era leve como uma pluma para mim»<sup>231</sup>.

De qualquer modo, a sua maior alegria era outra: a vivência da Eucaristia:

«Sem a divina Eucaristia, não haveria, pelo menos para mim, verdadeira alegria neste mundo; a vida não seria suportável. Quando recebemos a sagrada comunhão, recebemos a nossa alegria, a nossa felicidade. Quando comungamos a sagrada comunhão, sentimos algo de extraordinário, um bem estar que percorre todo o corpo e se expande até aos extremos»<sup>232</sup>.

Um outro traço de Jean-Marie que, tendo sido já evocado, iremos agora desenvolver, é o da sua gratuidade. Ele não foi alguém que se moveu por interesses pessoais que o tenham levado a trabalhar com a meta de obter prestígio ou estatuto. A sua vida e ação esteve sempre marcada por uma presença responsável e gratuita, sem esperar qualquer género de honras ou, sequer, de reconhecimento pelo que fez<sup>233</sup>. Jean-Marie nunca pedia o que quer que fosse em troca daquilo que o movia: o semear na vida e no coração dos que os procuravam sempre mais dignidade, mais justiça e mais liberdade. Os encontros que mantinha com as pessoas, refletiam o próprio encontro gratuito que tivera anteriormente com Deus, levando-o a limitar-se a encarar o que fazia como algo simplesmente inerente à sua vocação<sup>234</sup>.

Jean-Marie foi, assim, um pastor no meio das suas humildes ovelhas, particularmente atento àquelas que não poderiam retribuir-lhe o que quer que fosse, à semelhança de Cristo “bom pastor”, sacerdote e vítima do amor para operar a salvação da humanidade<sup>235</sup>. Com efeito, a figura do “bom pastor” é, segundo a nossa opinião, das melhores para podermos sintetizar a sua vida sacerdotal, repleta de exigências espirituais,

---

<sup>230</sup> Cf. JEAN PAUL II, *Le curé d'Ars*, p. 46.

<sup>231</sup> Citado em NODET, Bernard, *Jean-Marie Vianney, Curé d'Ars*, p. 102.

<sup>232</sup> Citado em NODET, Bernard, *Jean-Marie Vianney, Curé d'Ars*, p. 119.

<sup>233</sup> Cf. ANCEL, Alfred, *La spiritualité pastorale du curé d'Ars*, p. 18.

<sup>234</sup> Cf. JEAN PAUL II, *Le curé d'Ars*, p. 67.

<sup>235</sup> Cf. RAVIER, André, *Le Curé d'Ars*, p. 79-82.

psíquicas e físicas<sup>236</sup>. Ou seja: as exigências inerentes ao querer cuidar das pessoas com aquela gratuidade que dava atenção à promoção de uma vida digna para os demais, ao mesmo tempo que, inseparavelmente, tentava fazer com que eles experimentassem aquele Deus que completa e dá sentido às coisas<sup>237</sup>.

Complementarmente aos três antes apontados aspetos da personalidade de Jean-Marie, é igualmente relevante o seu enorme esforço de se manter unido ao seu bispo. Desde logo, e para se dar um breve exemplo desta união na obediência ao ordinário de Belley, temos o abandono que Cura d'Ars fez do rigorismo que pautou os primeiros anos da sua vida sacerdotal, e que, entre outros exemplos o levava à aplicação da “absolvição diferida”<sup>238</sup>. Com efeito, Dom Alexandre Devie, no ano de 1839, escreve uma carta pastoral em que elogia a “*Theologia moralis*” de santo Alfonso Maria de’ Liguori<sup>239</sup> e, ao mesmo tempo, pede a implementação dos princípios presentes na mesma.

Isto irá justamente na linha daquilo que o Cardeal de Reims –Charles Gousset– escreverá, em 1844, no seu “*Théologie morale à usage des curées et des confesseurs*”, que, tornando-se um veículo notável de promoção da moral alfonsiana, tornar-se-á uma obra de leitura frequente de Jean-Marie Vianney<sup>240</sup>. Daqui surge a tendência de Jean-Marie se entregar a um maior amor à Eucaristia, começar a pregar num tom cheio de otimismo –quase sempre sobre o amor divino<sup>241</sup>– e absolver sem demora os penitentes realmente contritos<sup>242</sup>.

## 2.4.- O Cura d'Ars no Magistério Pontifício

Tudo isto que apontámos nos pontos anteriores deste segundo capítulo da nossa Dissertação, fará do Cura d'Ars uma figura imensamente estimada por diversos Papas. Procuraremos evidenciar isto já de seguida, por mais que o façamos de uma forma extraordinariamente sucinta.

O primeiro destes foi Pio X, o qual, em 1904, apresenta-o como modelo de todos aqueles que tinham como labor sacerdotal a “*cura animarum*”. Eis as suas palavras: na verdade, nada nos poderia causar mais alegria e bendição –para nós mesmos, que, por

---

<sup>236</sup> Cf. RAVIER, André, *Le Curé d'Ars*, p. 98.

<sup>237</sup> Cf. JEAN PAUL II, *Le curé d'Ars*, p. 23.

<sup>238</sup> Cf. QUANTIN, Jean-Louis, *Le rigorisme chrétien*, Paris: Cerf, 2001, p. 59.

<sup>239</sup> Cf. CHOLVY, Gérard; MARIE, Hilaire-Yves, *Histoire religieuse de la France contemporaine*, vol. 1: 1800-1880, p. 156.

<sup>240</sup> Cf. COUVERT, Henri, *Le Saint curé d'Ars et le sacrement de pénitence*, p. 29-48.

<sup>241</sup> Cf. NODÉ, Bernard, *Jean-Marie Vianney, Curé d'Ars*, p. 20.

<sup>242</sup> Cf. MONNIN, Alfred, *Le Curé d'Ars*, p. 381.

tantos anos, desempenhámos com carinho o ministério paroquial, e também a todos os padres do mundo católico –, do que ver este digno sacerdote elevado às honras dos Bem-aventurados, até porque a sua glória espalhar-se-á por todos aqueles que se dedicam ao ministério do cuidado das almas»<sup>243</sup>.

Já Pio XI, na homilia por si proferida após ter canonizado Jean-Marie Vianney, esboçará o perfil daquele no que o mesmo, segundo tal Sumo Pontífice, poderia comportar de modelo para os sacerdotes: «homem desprovido de ciência e sem cultura (...) emagrecido pelo jejum que o fez o mais humilde, inocente e santo dos corações, que comunicava, com as suas palavras e a multidões de pessoas, a esperança da salvação. (...) com a voz apagada, pela noite, pois não contava as horas que dedicava ao serviço do Bom Deus (...) inspirando o arrependimento e o amor a Cristo (...) tornando-se o maior especialista na pesca dos homens»<sup>244</sup>.

Já em 1946, por ocasião do envio de uma missiva enviada ao clero de Roma, Pio XII, recordando as exigências necessárias à pregação e a evidência de que a ciência e a facilidade de discurso não eram dons suficientes, dirá:

«Il Santo Curato d'Ars non aveva certo il genio naturale d'un Segneri o di un Bossuet, ma la convinzione viva, chiara, profonda, da cui era animato, vibrava nella sua parola, brillava nei suoi occhi, suggeriva alla sua fantasia e alla sua sensibilità idee, immagini, paragoni giusti, appropriati, deliziosi, che avrebbero rapito un San Francesco di Sales. Tali predicatori conquistano veramente il loro uditorio. Chi è pieno di Cristo, non troverà difficile di guadagnare altri a Cristo»<sup>245</sup>.

Chegamos agora ao pontificado de João Paulo II. Este não reflete pormenorizadamente sobre Jean-Marie, mas, não escondendo que a biografia de Francis Trochu – também por nós abundantemente usada – o comovera profundamente quando a lera enquanto seminarista<sup>246</sup>, não deixa de se referir a ele diversas vezes de uma forma circunstancial. Um exemplo disto mesmo pode ser encontrado quando se refere ao Cura d'Ars, não só como modelo da vida sacerdotal, mas, igualmente e naquilo que nos parece significativo, como exemplo para todos os teólogos. E isto, não menos porque, tal como

---

<sup>243</sup> Cf. PIO X, *Adresse sur les miracles du Curé d'Ars*, in *Actes de Pie X*, vol. 1. Paris: Editions Questions Actuelles, 1920, p. 21.

<sup>244</sup> PIO XI, *Homilia na Missa de canonização de Jean-Marie Vianney e Jean d'Eudes*, in *AAS* 17 (1925) p. 224-225.

<sup>245</sup> PIO XII, Carta aos párocos de Roma, in *AAS* 38 (1946) p. 186.

<sup>246</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Saudações à povoação de Ars. In *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. 9/2 (1986) p. 880.

já tivemos a oportunidade de referir, aprendera a ser um servidor de Cristo e da Igreja seguindo os ensinamentos de Alfonso Maria de' Liguori<sup>247</sup>.

Enfim, Bento XVI, por ocasião do “ano sacerdotal” promulgado em 2009, traz à atenção, novamente e com vigor, a figura de Jean-Marie Vianney em associação com as metas que esperava para tal ano:

«Questo Anno Sacerdotale [intende], pertanto, favorire la tensione di ogni presbitero “verso la perfezione spirituale dalla quale soprattutto dipende l’efficacia del suo ministero”, e aiutare innanzitutto i sacerdoti, e con essi l’intero Popolo di Dio, a riscoprire e rinvigorire la coscienza dello straordinario ed indispensabile dono di Grazia che il ministero ordinato rappresenta per chi lo ha ricevuto, per la Chiesa intera e per il mondo, che senza la presenza reale di Cristo sarebbe perduto»<sup>248</sup>.

Mantendo-nos neste documento, lido por Bento XVI na Audiência Geral de 24 de junho de 2009, podemos ainda ler que, segundo tal Sumo Pontífice, o Cura d’Ars fora

«un povero contadino diventato umile parroco, che ha consumato il suo servizio pastorale in un piccolo villaggio (...) che ha accolto migliaia e migliaia di fedeli sempre restando nella sua piccola parrocchia (...) [in una] identificazione totale col proprio ministero, [in una] comunione con Cristo (...) [che ha permesso a] san Giovanni Maria Vianney ripetere: “Se avessimo fede, vedremmo Dio nascosto nel sacerdote come una luce dietro il vetro, come il vino mescolato all’acqua”»<sup>249</sup>.

---

<sup>247</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Audiência ao Conselho Geral dos Redentoristas. In *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. 15/1 (1992) p. 252.

<sup>248</sup> BENTO XVI, Audiência Geral de 24 de junho de 2009, In *Insegnamenti di Benedetto XVI*, vol. 5 (2009) p. 1059.

<sup>249</sup> BENTO XVI, Audiência Geral de 24 de junho de 2009, p. 1059.



### **CAPÍTULO 3: O CURA D'ARS E O SACRAMENTO DA CONFISSÃO**

Jean-Marie Baptiste Vianney é daquelas pessoas da história em que a sua maior herança não se encontra nos seus escritos –poucos a chegarem até nós e, apesar de tudo, nem sempre fidedignos–, mas no modo como viveu a sua vida. Será, certamente, um exagero compará-lo a Sócrates e a Jesus, mas, tendo-se as enormes diferenças entre estas pessoas em atenção, algo de semelhante pode ser visto à distância. De qualquer modo, a verdade é que a sua herança chegou até nós e parte dela pode ser entendida como tendo na sua base o modo como foi ministro do sacramento da Confissão. Ou seja: parte de tal herança pode ser percecionada como tendo um dos seus moldes fundamentais no modo como ele, em função da forma da sua existência de cristão, viveu o seu ministério pastoral de confessor.

É, de alguma forma, este molde que, de modo muito sintético, procuraremos apresentar neste nosso terceiro capítulo, não deixando de reconhecer que algumas temáticas já terão sido mencionadas na segunda parte desta nossa Dissertação.

#### **3.1.- A Confissão: do temor e do pecado ao amor**

Das leituras que, mais nos tendo marcaram ao longo dos anos da nossa preparação académica, nos vieram à memória no decurso deste nosso trabalho, a da obra de Jean Delumeau não é a menos importante. Segundo este historiador das religiões, o conceito de “pecado e temor” –que designa uma pastoral rigorista, insistindo sobre os aspetos inquietantes do Cristianismo, tendo em vista o levar à conversão– foi dominante na Igreja Católica desde a Idade Média até ao final do século XVIII<sup>250</sup>, tocando, assim, no cenário mais global da mentalidade em que viveu Jean-Marie Vianney. Entre tais como aspetos, temos, particularmente, um discurso homilético, catequético e confessional mais

---

<sup>250</sup> Cf. DELUMEAU, Jean, *La Peur en Occident (XIV<sup>e</sup>- XVIII<sup>e</sup> siècles)*, p. 40.

centrado: no inferno do que no paraíso; na justiça de Deus do que na misericórdia; na Paixão do que na Ressurreição; na dor da contrição do que na alegria perdão<sup>251</sup>.

Neste sentido, Jean Delumeau, nas suas teses sobre tal conceito tem um contributo importantíssimo para se poder reconhecer, na sua totalidade, o sentido da relação entre o Cura d'Ars e os penitentes que se aproximavam até aquele vivendo imbuídos de uma imagem tremenda do temor de Deus<sup>252</sup>. Uma face à qual, e como já sabemos, Jean-Marie, acabou por esboçar, na sua prática pastoral, diversos caminhos, como a ternura, a atração, o sentimento de confiança e a esperança nas promessas divinas, nomeadamente a do próprio Céu<sup>253</sup>. Tudo isto não estava ausente das práticas vigentes no âmbito do cenário do “pecado e temor”, mas neste eram secundárias e subordinadas<sup>254</sup>.

Para o Cura d'Ars era fundamental que o penitente não desenvolvesse, em vez de um temor reverencial filial legítimo face a Deus, um medo patológico d'Este<sup>255</sup>. Com efeito, somente assim é que, para ele, se poderia viver a realidade da inadequação entre a ofensa e a culpabilidade, porque os desassossegos espirituais são sempre possíveis, até porque estruturalmente inscritos no tradicional “exame de consciência”<sup>256</sup>.

Face às epidemias, às guerras, aos distúrbios políticos e religiosos e à ameaça otomana, a psicologia europeia –também, mas não especialmente, no seu contexto católico– ficou profundamente eivada de um modo de encarar a vida e a mortalidade que, paradoxalmente ou talvez não, na “pastoral do medo” encontrava uma certa utilidade, pois ela substituíu a uma angústia difusa diversos medos religiosos bem definidos<sup>257</sup>. Mas esta realidade estava em profunda mutação na época em que vivia Jean-Marie, e face a esta realidade ele acaba por intervir decididamente, sobretudo ao plasmar o foco dos “medos” em realidades que ele, pelo poder a si comunicado por Deus através da Igreja, podia, intervir: o diabo, o pecado, o sofrimento. E intervir, pelo incentivar da piedade, da oração, da prática eucarística e penitencial sempre em clima de amor, compaixão e perdão<sup>258</sup>.

---

<sup>251</sup> Cf. BOUTRY, Philippe, *Prêtres et paroisses au pays du Curé d'Ars*, p. 12.

<sup>252</sup> Cf. DELUMEAU, Jean, *L'aveu et le pardon. Les difficultés de la confession, XIII<sup>e</sup>- XVIII<sup>e</sup> siècles*. Paris: Fayard, 1990, p. 94.

<sup>253</sup> Cf. CHOLVY, Gérard, Du Dieu terrible au Dieu d'amour: une évolution dans la sensibilité religieuse au XIX<sup>e</sup> siècle, in VERNUS, Michel (org.), *Transmettre la foi, XVI<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècles*, vol 1. Paris: Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 1984, p. 141-144.

<sup>254</sup> Cf. CHOLVY, Gérard, *Être chrétien en France au XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Seuil, 1990, p. 101.

<sup>255</sup> Cf. BAGNARD, Guy-Marie, *Le curé d'Ars, portait d'un pasteur*, p. 21.

<sup>256</sup> Cf. COUVERT, Henri, *Le Saint curé d'Ars et le sacrement de pénitence*, p. 69.

<sup>257</sup> Cf. DELUMEAU, Jean, *La Peur en Occident (XIV<sup>e</sup>- XVIII<sup>e</sup> siècles)*, p. 16-18.

<sup>258</sup> Cf. BOUTRY, Philippe. Le mal, le malheur: le Curé d'Ars face à la souffrance, p. 60-65.

Note-se que este labor de confessor do Cura d'Ars se inscreve dentro do horizonte da confissão no século XIX, em que a confissão auditiva ocupava um lugar central na religião ensinada pelos clérigos e vivida pelos fieis<sup>259</sup>. De facto, a confissão está no centro da existência de Jean Marie Vianney, o qual dedica a este ministério esgotante horas e horas de modo a tentar saciar a insaciável necessidade de escuta dos peregrinos que se deslocavam até Ars: dez a dozes horas no inverno, catorze a dezasseis horas no verão<sup>260</sup>.

Mas note-se que a abordagem de Jean-Marie a este ministério pastoral não foi sempre igual ao longo dos mais de quarenta anos em que o mesmo paroquiou em Ars. De facto, na altura em que se inicia a conversão coletiva da aldeia, o mesmo é um defensor intransigente de uma conceção exclusivamente paroquial do sacramento da confissão. Ou seja: não aceitava a ideia que alguém, vivendo numa dada paróquia, pudesse ir confessar-se a uma outra em que pudesse encontrar um sacerdote mais complacente para fugir às exigências do próprio pároco<sup>261</sup>. Em relação à sua situação particular, ele era particularmente sensível aos que tendiam a afastar-se de si nesse sacramento no contexto do seu esforço de erradicação de comportamentos por si tidos como abusivos, tais como: a dança, o cabaré e o trabalho ao Domingo<sup>262</sup>. Só lentamente é que, com o não poder colocar impedimentos a todos aqueles que o procuravam, Jean-Marie abandona tal conceção territorial restrita de seu ministério, ainda que isso tivesse levado a atritos com os seus confrades das redondezas, sempre ágeis a suspeitar que o mesmo era excessivamente indulgente<sup>263</sup>.

Foi ao mesmo tempo em que se operou a anteriormente anotada transformação, que o Cura d'Ars também muda a sua doutrina, podendo assinalar-se, como momento decisivo para essa realidade que configurou um ponto de viragem capital na história da paróquia de Ars e da espiritualidade de Jean-Marie –seja a por si vivida, seja a por si proposta–, a visita a Ars de um sacerdote de Montpellier: Alexis Tailhades<sup>264</sup>. Conhecedor da moral liguoriana, que dá a conhecer a Jean-Marie, o mesmo acaba por semear neste uma mudança que o leva a abandonar, pouco a pouco, um prática rigorista

---

<sup>259</sup> Cf. LAUNAY, Marcel, *Le bon prêtre*, p. 87.

<sup>260</sup> Cf. COUVERT, Henri, *Le Saint curé d'Ars et le sacrement de pénitence*, p. 7.

<sup>261</sup> Cf. COUVERT, Henri, *Le Saint curé d'Ars et le sacrement de pénitence*, p. 48-50.

<sup>262</sup> Cf. FOURREY, René, *Le Curé d'Ars authentique*, p. 149-150.

<sup>263</sup> Cf. BOUTRY, Philippe, *Prêtres et paroisses au pays du Curé d'Ars*, p. 13.

<sup>264</sup> Cf. FOURREY, René, *Le Curé d'Ars authentique*, p. 264-270.

do sacramento da confissão, por si herdada do seu mestre e amigo: o austero e jansenista padre Charles Balley<sup>265</sup>.

Deveras, acaba-se por verificar uma revolução coperniciana no modo como o Cura d'Ars celebra tal sacramento: para ele, já não são os pecadores que se devem tornar dignos do sacramento, mas o sacramento que deve, indistintamente, acolher os pecadores para lhes comunicar os frutos da Redenção<sup>266</sup>. Ou seja: ele acaba por passar a incarnar os traços que já antes apontámos de amor, compaixão e perdão, comunicados por uma escuta sem restrições nem condições, que abria o coração daqueles que, por vezes desesperados, o iam procurar como instrumento da gratuita misericórdia divina<sup>267</sup>.

Se nós, nos dias de hoje, sabemos o que acabou de ser dito no fim do parágrafo anterior, isso não se deve a Jean-Marie, o qual, acerca das suas inúmeras confissões, não disse uma única palavra, mantendo-se um testemunho notável do santo silêncio sacerdotal implicado em tal sacramento<sup>268</sup>. Sabemo-lo apenas pela iniciativa dos seus penitentes, os quais deram numerosos testemunhos espontâneos, como, por exemplo, o redigido por Jean-Claude Viret, homem piedoso e rico de Cousance, no departamento de Jura. Diz-nos ele, a propósito da sua primeira vez em Ars, no mês de outubro 1842:

«Quando me apercebi que, de algum modo, o Cura d'Ars me conhecia, tomei a decisão de me confessar a ele. Ele lia em mim, e, no entanto, garanto-vos, eu tinha vergonha de lhe explicar todas as minhas misérias (...). O que eu acabei por dizer, acerca destas e nessa ocasião, não contarei, porque isso, agora, só diz respeito a Deus e ao Cura d'Ars, o qual, sei-o bem, não o dirá a ninguém. Mas algo posso dizer: após esse momento só pude dizer: “Vejo que o bom Deus está em vós. Tudo o que mandares fazer, fá-lo-ei”»<sup>269</sup>.

Muitos outros testemunhos análogos a este, possíveis de serem recolhidos em diversas fontes, abundam e deixam patente uma enorme empatia espiritual entre Jean-Marie e os penitentes, na linha do “conhecimento do coração” dos Padres do Deserto<sup>270</sup>. Um conhecimento que, tão nestes como naquele, tem a sua raiz num contexto de caridade ilimitada –embora igualmente séria e exigente– que só era possível de ser vivido pelo

---

<sup>265</sup> Cf. VIAL, Paul, *La formation sacerdotale de Jean Marie Vianney*, p. 13-33.

<sup>266</sup> Cf. GUERBER, Jean, *Le ralliement du clergé français à la morale liguorienne: L'abbé Gousset et ses précurseurs, 1785-1832*. Roma: Università Gregoriana Editrice, 1973, p. 65-75.

<sup>267</sup> Cf. JEAN PAUL II, *Le curé d'Ars*, p. 24.

<sup>268</sup> Cf. LASSAGNE, Catherine, *Le Curé d'Ars au quotidien*, p. 69.

<sup>269</sup> Citado em TROUCHU, Francis, *Les amitiés du curé d'Ars*. Paris: Apostolat de la Presse, 1959, p. 320.

<sup>270</sup> Cf. CAMPBELL, Michel, *Marcher à la mesure du pardon*, in *Prêtre et Pasteur*, n.º 3 (1999), p. 99.

penitente quando este não encarava o confessor como um tribunal de justiça penal retributiva, mas um abraço de acolhimento e perdão<sup>271</sup>. Um abraço que mudava, na sua forma concreta de expressão –sempre marcada por um respeito incondicional–, de pessoas para pessoas, sendo, assim, sempre adaptado, pelo Cura d’Ars, às circunstâncias da vida daquelas<sup>272</sup>.

Deveras, através dos dados que chegaram até nós, podemos afirmar que a celebração de tal sacramento, em tal contexto antes apontado, mudava de feição segundo a posição social e cultural dos penitentes, que lhes levava, de algum modo, a terem problemas, inquietações e aspirações distintas, mas sempre pautadas pela aparente disponibilidade para aceitarem os desígnios da Providencia manifestados por Jean-Marie<sup>273</sup>. Daí que a expressão “ir ao Cura d’Ars” deve ser lida a partir da ação dos três intervenientes na celebração penitencial sacramental: Deus, que é Amor e só comunica amor; o penitente, que se aproxima d’Este através de tal sacramento; e Jean-Marie, que é como que a ponte de comunicação entre Aquele e este, permitindo tanto um reconciliar com Deus, como um conciliar a Deus, sempre em função das inquietudes e necessidades, tão espirituais quão materiais, do penitente<sup>274</sup>. E isto, tendo-se sempre em vista, como em Jean-Marie, a demanda da santidade no amor<sup>275</sup>.

### **3.2.- A Confissão: a vivência pastoral**

Na sequência do já apresentado, é de realçar que, para Jean-Marie, a importância por si dada à confissão não é apenas decorrente da pastoral mais geral proveniente da reforma tridentina. Ela, não se resumiu jamais a um problema de estratégia pastoral, decorria igualmente do intuito de voltar a levar à reconciliação com Deus aqueles muitos cristãos franceses que negligenciaram a prática religiosa em consequência da Revolução de 1789 e seus desenvolvimentos<sup>276</sup>. Mas não só: além de tal sacramento depender, na perspectiva do Cura d’Ars, a eterna salvação dos penitentes, dele também dependia a sua pessoa enquanto confessor<sup>277</sup>. Com efeito, a teologia de então realçava a ideia de que o confessor

---

<sup>271</sup> Cf. DUPLEIX, André, *Comme insiste l’amour*, p. 209.

<sup>272</sup> Cf. RAVIER, André, *Le Curé d’Ars*, p. 33.

<sup>273</sup> Cf. RAVIER, André, *Le Curé d’Ars*, p. 38-44.

<sup>274</sup> Cf. BAGNARD, Guy-Marie, *Le curé d’Ars, portait d’un pasteur*, p. 89.

<sup>275</sup> Cf. DUPLEIX, André, *Comme insiste l’amour*, p. 259.

<sup>276</sup> Cf. VALLIN, Pierre, *Le Cure d’Ars en un âge de révolutions*, p. 15.

<sup>277</sup> Cf. COUVERT, Henri, *Le Saint curé d’Ars et le sacrement de pénitence*, p. 27-28.

teria que prestar contas a Deus acerca dos corações que terá, ou não, resgatado ao pecado<sup>278</sup>.

Para um padre como Jean-Marie Baptiste Vianney, oriundo de uma família solidamente cristã, a pastoral da confissão foi sempre encarada como um meio evangélico de facilitar um retorno dos cristãos à prática dos sacramentos<sup>279</sup>. Mesmo nos seus primeiros anos, o seu rigorismo não é total, pois já havia interiorizado, a partir do contato com dos seus confessores, que uma severidade excessiva exercitada sem discernimento era contraproducente<sup>280</sup>. Assim, a sua norma de absolvição não o conduz ao pessimismo no seu encarar a solidez e a fecundidade do arrependimento dos seus penitentes, e, com o tempo e embora nunca tenha anuído a uma absolvição sem sinais de uma conversão comprovada, ele mesmo observa que os pecadores que se confessam habitualmente se convertem de um modo mais seguro<sup>281</sup>.

No seu esforço de reconstrução da paróquia que lhe foi concedida, a problemática do retardar da absolvição ou do dizer que a mesma só seria verdadeira passado um certo tempo em que a conversão pudesse ser verificada, era algo que o repugnava, sobretudo porque ele sabia bem que se tratava de algo que repugnava visivelmente os penitentes, que se desencorajavam e, no caso de alguns, abandonavam totalmente a prática sacramental<sup>282</sup>. Para ele o fazer confiança na, e dar a testemunho da misericórdia divina era fundamental e, se até certo momento, ele mesmo, imbuído da mentalidade circundante, entendia os sacramentos, especialmente o da confissão, como o coroamento dos esforços do crente, daí em diante a prática sacramental passa a ser considerada como um meio de progressão nestes esforços<sup>283</sup>.

Por outro lado, devemos mencionar que este reconhecia perfeitamente que a relação entre o sacerdote e do penitente não poderia continuar a ser a mesma como era no século anterior, mais ainda, e conforme se pode ler num dos livros que acompanhou a vida sacerdotal do Cura d'Ars, porque se vivia no meio de uma ainda pujante

---

<sup>278</sup> Cf. VALLIN, Pierre, *Le Cure d'Ars en un âge de révolutions*, p. 20.

<sup>279</sup> Cf. MOULINS-BEAUFORT, Éric de, *Le saint Curé d'Ars: pauvreté et richesse du prêtre*, in *La vie spirituelle*, n.º 784 (2009) p. 456.

<sup>280</sup> Cf. MONNIN, Alfred, *Esprit du Curé d'Ars*, p. 209.

<sup>281</sup> Cf. ROUILLARD, Philippe, *Histoire de la pénitence des origines à nos jours*. Paris: Cerf, 1996, p. 96.

<sup>282</sup> Cf. ORIOL, Pierre, *Le prêtre de village: Jean-Marie-B. Vianney*. Lyon: Yves Chanoine, 1875, p. 15.

<sup>283</sup> Cf. NODET, Bernard, *Jean-Marie Vianney, Curé d'Ars*, p. 99.

«incredulidade e insensibilidade pelos bens eternos»<sup>284</sup>. Ao incorporar os ensinamentos da escola francesa de espiritual sacerdotal, que vincava que era no exercício do seu ministério que o sacerdote se santificava<sup>285</sup>, ele sabia que aqueles que estavam ao seu cuidado não lhe podiam ser indiferentes, e, assim, o seu modo de proceder como sacerdote e confessor devia levá-lo a ter em consideração tais realidades, até para poder ter paz de coração<sup>286</sup>.

É neste horizonte multifacetado que a pastoral do Cura d'Ars se centra sobre um princípio que considera fundamental: “os sacramentos são para os homens”<sup>287</sup>. Note-se que este “para” deixa absolutamente claro que a confissão deve servir para o bem espiritual do crente<sup>288</sup>. Deste modo, Jean-Marie administra o sacramento da penitência com a consciência profunda de que se ele deve ser para o bem dos homens, então ele pode ser capaz de comunicar a eles os frutos de uma verdadeira conversão que, na sua opinião, também dependia do modo como exercia a prudência e a humildade no discernimento da real culpabilidade do fiel e eventual penitência a ser dada a este<sup>289</sup>.

O seu zelo pela confissão exercida de modo crescentemente misericordioso não levava os penitentes à presunção, à ausência da conversão, nem à estagnação nos maus hábitos, enquanto que, como era comum no –a certo momento também seu– rigorismo, o desanimo e até o desespero eram efeitos frequentes<sup>290</sup>. Com efeito, o rigorismo promovia no penitente, contra o que na realidade queria suscitar –um temor que o colocasse dentro das paredes da moralidade cristã–, a emergência de uma estranha forma de indolência psicológica que acabava por levar à rejeição espiritual de Deus<sup>291</sup>.

Face a isto, Vianney, consciente de que os sacramentos estão ao serviço de dois dos fins mais importantes do homem –uma vida moral sadia na Terra e a salvação eterna depois da morte–, procurou desenvolver quatro qualidades que, segundo relatos que chegaram até nós, também nele acabaram por ser reconhecidos por parte dos seus penitentes: a caridade do pai, a habilidade de médico, a ciência do doutor, a retidão do

---

<sup>284</sup> GAUME, Jean-Joseph, *Manuel des confesseurs*. Paris: Gaume Frères et J. Duprey, 1837, p. 239.

<sup>285</sup> Cf. MARGOT-DUCLOT, Jean, *La Casuistique Chrétienne en France au XVIII<sup>e</sup> siècle*. Paris : Faculté des Lettres de Paris, 1911, p. 119.

<sup>286</sup> Cf. NODÉ, Bernard, *Jean-Marie Vianney, Curé d'Ars*, p. 101.

<sup>287</sup> Cf. COUVERT, Henri, *Le Saint curé d'Ars et le sacrement de pénitence*, p. 10.

<sup>288</sup> Cf. GUERBER, Jean, *Le ralliement du clergé français à la morale liguorienne*, p. 360-361.

<sup>289</sup> Cf. CARATGÉ, Philippe, Sacrement de réconciliation et salut chez le Curé d'Ars, in AA.VV., *Le sacrement du pardon: Théologie et pastoral*. Paris: Parole et Silence, 1998, p. 76.

<sup>290</sup> Cf. GAUME, Jean-Joseph, *Manuel des confesseurs*, p. 84.

<sup>291</sup> Cf. QUANTIN, Jean-Louis, *Le rigorisme chrétien*, p. 21.

juiz<sup>292</sup>. Somente assim é que ele cria poder incarnar, na sua pastoral da reconciliação, aquele modelo de um ministro do Deus-Amor amor que segue o Bom Pastor do Evangelho<sup>293</sup>. Ou seja: toda a sua pastoral neste âmbito norteava-se por um equilíbrio entre a mansidão e a vigilância para com o penitente, procurando, além do mais, por se esforçar por a confissão ser um meio de acompanhar, sem cessar, àquele no seu caminhar<sup>294</sup>.

Enquanto confessor, o Cura d'Ars desenvolveu pessoalmente o carisma de conhecer as paixões dos corações, bem como os diversos tipos de pecados, de modo a formar a consciência dos penitentes na vida espiritual<sup>295</sup>. Para isso, não era raro que ele falasse mais a partir do seu coração do que apenas da sua mente, para, dessa forma, obter a confiança dos seus penitentes, dado que pretendia que a sua ascendência sobre eles se baseasse menos na autoridade da Igreja, do que da d'Aquele que era a cabeça desta: o próprio senhor Jesus<sup>296</sup>.

Inspirado nas palavras de Jesus quando Este disse «não vim chamar os justos, mas os pecadores» (*Mt.* 9,11-12), o Cura d'Ars sabia perfeitamente que a sua abordagem devia passar pelo mostrar uma imensa, mas igualmente exigente, caridade para com os penitentes, de modo a incentivá-los a duas realidades<sup>297</sup>. Por um lado, ao desejo de perderem toda a vergonha acerca da admissão dos seus pecados, e, por outro lado, à confiança, não só na misericórdia de Deus, mas igualmente na própria pessoa do ministro da Penitência<sup>298</sup>.

Essa caridade não era uma mera simpatia pelo penitente, muito menos uma qualquer manifestação de incúria pastoral que traísse o serviço a Deus, antes visava amansar espiritualmente o coração dos fiéis, de modo a torná-los, também graças ao sacramento da Reconciliação, cada vez mais justos e perfeitos no amor<sup>299</sup>. Numa época em que a pressão social para se viver a fé de modo exterior enfraquecera, somente isso levaria, na percepção de Jean-Marie, os penitentes à prática sacramental<sup>300</sup>.

---

<sup>292</sup> Cf. MONNIN, Alfred, *Esprit du Curé d'Ars*, p. 35.

<sup>293</sup> Cf. BAGNARD, Guy-Marie, *Le curé d'Ars, portait d'un pasteur*, p. 100-101.

<sup>294</sup> Cf. BOULARD, Chanoine, *La pastoral du Curé d'Ars*, p. 59.

<sup>295</sup> Cf. LOUF, André, *La grâce peut davantage: L'accompagnement spirituel*. Paris: Desclée de Brouwer, 1992, p. 18.

<sup>296</sup> Cf. JEAN PAUL II, *Le curé d'Ars*, p. 101.

<sup>297</sup> Cf. BAGNARD, Guy-Marie, *Le curé d'Ars, portait d'un pasteur*, p. 91.

<sup>298</sup> Cf. DUPLEIX, André, *Comme insiste l'amour*, p. 169.

<sup>299</sup> Cf. DUPLEIX, André, *Comme insiste l'amour*, p. 175.

<sup>300</sup> Cf. ORIOU, Pierre, *Le prêtre de village*, p. 14.



Falámos, antes, de uma “caridade exigente”. Na realidade, Jean-Marie nunca descuidou ser absolutamente sério no seu cuidado pastoral enquanto ministro da Reconciliação, pois somente assim lograva ser tão fiel a Deus, quanto ao seu ministério e às responsabilidades que tinha com que, voluntariamente ou não, poderia não estar a ser sincero com a sua vida espiritual<sup>301</sup>. Aqui temos uma seriedade que, no seu caso, havia sido obtida através da oração, a busca da imparcialidade afetiva e a leitura de vários moralistas<sup>302</sup> e que, acompanhando toda a vida pastoral do mesmo, se concretizava na constatação de que o rigor do ministro do “*Bon Dieu*” –e Juiz Misericordioso– que é Jesus deveria traduzir-se, não na punição daquele que cometeu um pecado, mas, antes, na obtenção da conversão do mesmo<sup>303</sup>.

De notar que se o Cura d’Ars não se cansava de falar do “*Bon Dieu*” e de viver segundo o coração que foi conhecendo que Ele possuía, não é certo o que esta denominação significaria para o comum dos crentes da época. Com efeito, e no contexto do temor religioso já antes apontado, a perspetiva da própria Salvação gerava muita angústia, por causa da imagem, provinda já da baixa Idade Média e veiculada amplamente ainda no séc. XVIII, de um Deus-Juiz que concederia o Céu apenas a um punhado de merecedores<sup>304</sup>. De qualquer modo, para ele, essa designação era o centro da sua imagem de Deus: Aquele que nunca excluía quem quer que fosse do Seu amor, manifestando, além do mais, uma Sua misericórdia que era como uma torrente a transbordar incessantemente<sup>305</sup>.

### 3.3.- A Confissão: o ascetismo pelos demais

Um dos mais curiosos, e mal entendidos, aspetos da vida espiritual do Cura d’Ars era a sua extrema vida ascética que se traduzia, dizia-se frequentemente, em flagelações frequentes e no alimentar-se de batatas podres<sup>306</sup>. Isto levava a que muitos outros padres o apontassem como um modelo repulsivo e até o apontassem como o exemplo de uma neurose levada ao extremo<sup>307</sup>.

---

<sup>301</sup> Cf. MONNIN, Alfred, *Esprit du Curé d’Ars*, p. 77.

<sup>302</sup> Cf. MONNIN, Alfred, *Esprit du Curé d’Ars*, p. 88.

<sup>303</sup> Cf. MONBOURQUETTE, Jean, *Comment pardonner ?* Ottawa: Novalis; Paris: Bayard, 1992, p. 18-19.

<sup>304</sup> Cf. GERMAIN, Elisabeth, *Parler du salut?: Aux origines d’une mentalité religieuse: La Catéchèse du Salut dans la France de la Restauration*. Paris: Beauchesne, 1968, p. 20-28.

<sup>305</sup> Cf. DUPLEIX, André, *Comme insiste l’amour*, p. 198.

<sup>306</sup> Cf. MONNIN, Alfred, *Le Curé d’Ars*, p. 45-46.

<sup>307</sup> Cf. LEMAITRE, Nicole, *Histoire des curés*, p. 102.

Acontece que nada disto correspondia à verdade. Por um lado –e conforme diz Bernard Nodet, no livro “*Jean-Marie Vianney, Curé d’Ars*”, depois de fazer muitas pesquisas e interrogar inúmeros médicos–, era impossível que o Cura d’Ars comesse batatas apodrecidas, pois estas geram componentes extremamente tóxicos<sup>308</sup>. Por outro lado, e num erro bem mais fundamental, não havia nada de neurótico nas suas páticas ascéticas<sup>309</sup>.

Sim; é verdade que nos primeiros anos do seu ministério, Jean-Marie, influenciado por atitudes do padre Belley, levou a prática da ascese a níveis extremos, a ponto de, mais tarde, não hesitar em falar, a este propósito, dos seus erros de juventude, que lhe levaram a alimentar-se, por largos períodos, unicamente de erva<sup>310</sup>. Mais tarde, à medida que ia desenvolvendo o seu múnus sacerdotal, o Cura d’Ars entregou-se a mortificações menos radicais, mas não menos numerosas<sup>311</sup>. Talvez seja inegável que ele, em alguns aspetos, tenha tido uma psicologia atormentada, a qual configurou uma forma de fraqueza e pobreza com as quais teve que lidar ao longo da sua vida<sup>312</sup>, todavia é importante compreender que a sua ascese não radicava nesses traços.

Com efeito, uma parcela considerável das motivações para esta sua prática pode ser encontradas na compreensão da, assim apelidada à altura, “penitência tarifada”, segundo a qual, a determinado tipo de pecado devia correspondia um dado género de penitência<sup>313</sup>. Receando Jean-Marie estar a ser, no seu dar penitências, excessivamente benévolo com aqueles que através de si se reconciliavam com Deus e a Igreja, ele só encontrava alguma forma de superação da angústia que daí lhe resultava entregando-se às ditas mortificações<sup>314</sup>. Se diversos penitentes do Cura d’Ars reconheceram, ao longo dos anos, que se surpreendiam com as penitências ligeiras que aquele lhes dava – estimando que não tinham comparação com a gravidade dos pecados que eles haviam cometido e confessado–, ele, em registos privados, explicava-se dizendo: «o que eu faço é muito simples, dou-lhes uma pequenina penitência e eu, com as minhas, ocupo-me do resto»<sup>315</sup>.

---

<sup>308</sup> Cf. NODET, Bernard, *Jean-Marie Vianney, Curé d’Ars*, p. 40-42.

<sup>309</sup> Cf. BAGNARD, Guy-Marie, *Le curé d’Ars, portait d’un pasteur*, p. 100.

<sup>310</sup> Cf. VIAL, Paul, *Le maître du curé d’Ars, Charles Balley (1751-1817)*, p. 27.

<sup>311</sup> Cf. NODET, Bernard, *Jean-Marie Vianney, Curé d’Ars*, p. 109.

<sup>312</sup> Cf. MOULINS-BEAUFORT, Éric de, *Le saint Curé d’Ars: pauvreté et richesse du prêtre*, 33.

<sup>313</sup> Cf. ROUILLARD, Philippe, *Histoire de la pénitence des origines à nos jours*, p. 102-103

<sup>314</sup> Cf. LEMAITRE, Nicole, *Histoire des curés*, p. 115.

<sup>315</sup> Citado em: NODET, Bernard, *Jean-Marie Vianney, Curé d’Ars*, p. 30.

A acreditarmos, sem estarmos a incorrer certamente num erro de apreciação, nestas suas palavras, o fundamental motivo das práticas ascéticas de Jean-Marie Vianney é mesmo uma das mais altas formas de expressão da caridade pastoral: o aliviar aos demais o que lhes competia carregar. Se, por um lado, a sua adesão ao liguorismo lhe fazia procurar não sobrecarregar os penitentes com penitências excessivas, também como meio de tornar o sacramento de reconciliação mais desejável, o respeito que nutria pelo que a Igreja lhe tinha ensinado, fazia-lhe conceber que as penitências devidas àqueles deviam ser efetuadas na sua integralidade<sup>316</sup>. Ou seja: era para que, a nível da prática da penitência decorrente do sacramento da Reconciliação, nada faltasse àqueles que se confessavam a si que ele se impunha tamanhas mortificações.

### **3.4.- A Confissão: as peregrinações dos penitentes**

Um dos mais salientes fenómenos associados ao ministério da Reconciliação de Jean-Marie, e que mais marcou a sua vida e proposta espiritual, foi o das romagens maciças de peregrinos até Ars. Esta irrupção dos peregrinos neste ilhéu até então preservado do mundo nutrirá a angústia do Cura d'Ars, tal como podemos ver nas próximas palavras escritas pelo mesmo ao seu bispo –Alexandre-Raymond Devie– no ano de 1847: «Ars perdeu-se. O dinheiro é a sua religião. Se quiser salvá-los, é absolutamente necessário que me deixe ir embora. Não há outro remédio»<sup>317</sup>. Se, como já tivemos a oportunidade de ver no nosso segundo capítulo, Jean-Marie tentou por duas vezes fugir de sua paróquia, isso deveu-se, certamente e pelo menos em parte, para preservá-la de tal realidade que ele entevia como sendo um flagelo.

O surgir de um tal movimento ao redor de uma personagem desconhecida, e mais ainda um “simples” padre de uma aldeia “perdida”, não era bem visto pela generalidade das pessoas que criam que um pároco pudesse ser santo: «vede: o breviário é leve como uma pluma no que concerne a párocos canonizados»<sup>318</sup>, dizia Alfred Monnin numa ocasião não muito afastada da vida de Jean-Marie Vianney. Todavia a realidade não podia ser ignorada: servindo-se do padre de uma paróquia pequena de Dombes, Deus mobilizou milhares de corações em torno de um tal sacerdote amortalhado vivo no seu

---

<sup>316</sup> Cf. CAMPBELL, Michel, *Marcher à la mesure du pardon*, p. 76-77.

<sup>317</sup> Citado em: FOURREY, René, *Le Curé d'Ars authentique*, p. 360.

<sup>318</sup> MONNIN, Alfred, *Le Curé d'Ars*, p. 195.

confessionário durante horas a fio todos os dias. Isto deu azo à maior peregrinação europeia da primeira metade do século XIX<sup>319</sup>.

Talvez se deva reconhecer que na base de tal fenómeno esteja a participação do Cura d'Ars no movimento das “Missões de Restauração” dirigido para a zona de Dombes pelos missionários lioneses. Ao contrário do que sucedeu noutros locais, as missões pregadas em Ars por estes nos anos de 1826 e 1827, lançaram sementes que deram frutos duradouros, pois nesta pequena aldeia as pessoas encontraram-se com um missionário imóvel excepcional<sup>320</sup>. E isto, apesar de Jean-Marie parecer não ter tido jamais uma especial predileção pela pastoral da Penitência<sup>321</sup>. Ocorre que a realidade impôs-se-lhe, e se o Cura d'Ars se deixou, ainda que resolutamente, aprisionar no confessionário, isso deveu-se à procura constante das pessoas pela Reconciliação sacramental ministrada por aquele.

Se, devido ao pessimismo jansenista e ao rigorismo galicano ainda dominantes em França, a comunhão era entendida como um ato excepcional –concebido como recompensa de uma vida cristã irrepreensível<sup>322</sup>–, as implicações disso para a Confissão era claras: ao ser a preparação para aquele outro ato, que outorgava a autorização na sua receção, tornou-se, assim, um momento extremo de uma religião “investigadora” e até “devassadora”, apoiada sobre o temor do julgamento divino e o terror do inferno<sup>323</sup>.

Após um evoluir progressivo do seu modo de encarar o seu modo de intervenção pastoral em tal Sacramento –ao qual já nos referimos anteriormente–, o Cura d'Ars estabiliza o seu modo de proceder no mesmo. Ele privilegia o “exame de consciência” entendido como um voltar-se do penitente para os seus movimentos espirituais mais íntimos onde este deve encontrar os veios de pressão mais evidente: da mera natureza humana; de Deus; do seu egoísmo; e, por fim, do mau espírito<sup>324</sup>.

Neste sentido, as Confissões por si ministradas convergiam numa confissão global através de uma «cerimónia misericordiosa de recapitulação, seja do conhecimento da fé e da moral cristãs, seja do modo como as mesmas eram, ou não, vividas»<sup>325</sup>. Ou seja: ele instruía, regularizava e reconciliava, encorajando os penitentes a realizarem um

---

<sup>319</sup> Cf. BOUTRY, Philippe; CINQUIN, Michel, *Deux pèlerinages au XIX<sup>e</sup> siècle*, p. 22.

<sup>320</sup> Cf. LAUNAY, Marcel, *Le bon prêtre*, p. 30,

<sup>321</sup> Cf. LEMAITRE, Nicole, *Histoire des curés*, p. 120.

<sup>322</sup> Cf. ROUILLARD, Philippe, *Histoire de la pénitence des origines à nos jours*, p. 11.

<sup>323</sup> Cf. CUCHET, Guillaume, *Le Crépuscule du purgatoire*. Paris: Armand Colin, 2005, p. 44-45.

<sup>324</sup> Cf. LAPLACE, Jean, *La direction de conscience ou dialogue spirituel*. Tours: Mame, 1965, p. 77.

<sup>325</sup> LANGLOIS, Claude, *Le diocèse de Vannes au XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Klincksieck; Rennes: Publications de Université de Haute-Bretagne, 1974, p. 565-566.

movimento espiritual de retorno total da pessoa para Deus, no que levava a que estes voltassem ao seu confessor em busca de uma perfeita contrição.

Para Jean-Marie, tal como se pode ver sublinhado na sua edição da “*Theologia Moralis*” de Alfonso Maria de’ Liguori ainda preservada na sua biblioteca, pecar era repudiar o amor de Deus, pelo que, ao ouvir as admissões de culpa por parte dos penitentes, ele era, muitas vezes, o primeiro a chorar: «meu amigo: eu choro daquilo que tu não choras»<sup>326</sup>. O Cura d’Ars, neste aspeto, distancia-se consideravelmente da prática penitencial rigorista, mas sem incorrer em nenhuma forma de laxismo, tal como se pode constatar por admitir que lia e relia os seus manuais e que sentia, por vezes com escrúpulos, a necessidade de expor os casos delicados ao seu bispo<sup>327</sup>.

Outro elemento que pode explicar as peregrinações a Ars, era o facto patente, e publicamente admitido pelas pessoas, que o Jean-Marie não fazia aceção de pessoas, antes tratando, no confessor, a todas as pessoas com a mesma consideração, embora abrisse uma exceção para ter um cuidado muito especial para com os doentes<sup>328</sup>. Embora ele se adaptasse às pessoas que estavam diante de si, as diferenças sociais destas era irrelevantes para si, pois, também o sendo para Deus, ele só estava preocupado com a salvação dos seus paroquianos<sup>329</sup>.

Não se deve descurar, para o fenómeno das peregrinações dos penitentes a Ars, a importância desta igualdade diante da salvação que as pessoas encontravam junto de Jean-Marie Vianney. Mas mais importante do que isto era o facto de, para muitos dos seus penitentes, o mesmo acabar por proferir, através de intuições e sugestões, palavras que acabavam por ser entendidas como ecos da própria vontade de Deus<sup>330</sup>. Para muita gente, o Cura d’Ars era tão confessor, quanto profeta, naquilo que fazia com que ao seu redor se tivesse desenvolvido a percepção de uma atmosfera de sobrenatural. Talvez se deva admitir que não houve, nem há, outra proposta espiritual de Ars que não decorra da existência quotidiana do seu Cura entretecida de premonições com que ele respondia às interrogações e angústias dos penitentes<sup>331</sup>.

---

<sup>326</sup> NAULT, Jean-Philippe, Le Curé d’Ars, témoin de la Miséricorde, in *Annales du Sanctuaire d’Ars*, vol. 36 (2006) p. 13.

<sup>327</sup> Cf. QUANTIN, Jean-Louis, *Le rigorisme chrétien*, p. 19.

<sup>328</sup> Cf. NAULT, Jean-Philippe, Le Curé d’Ars, témoin de la Miséricorde, p. 13.

<sup>329</sup> Cf. NODET, Bernard, *Un homme social*, p. 10.

<sup>330</sup> Cf. VALLIN, Pierre, *Le Cure d’Ars en un âge de révolutions*, p. 30.

<sup>331</sup> Cf. MONNIN, Alfred, *Esprit du Curé d’Ars*, p. 256.

Apesar disto, e tal como já apontámos anteriormente a partir de uma outra abordagem, Jean-Marie não dá particularmente importância às suas palavras, pois, segundo a sua convicção, «o Espírito Santo é uma luz e uma força. É o Espírito Santo que nos faz distinguir o verdadeiro e o falso, e o bem do mal. O homem não é nada por si mesmo, mas pode ser um muito com o Espírito Santo»<sup>332</sup>. Nunca o Cura d’Ars reivindica, para si, qualquer poder ou capacidade: tudo o que os demais poderiam perceber como tendo sido algo de extraordinário que acontecia na sua vida, era por si entendido como sendo uma obra de Deus que, relutantemente e com grandes sofrimentos, ele via ocorrer mais através de si do que pelas relíquias que Ars tinha de uma Santa Filomena por quem ele tinha uma imensa devoção<sup>333</sup>.

### **3.5.- A Confissão: sacramento fraterno do acompanhamento espiritual**

De acordo com a sensibilidade contemporânea –em que se tende a privilegiar uma certa distinção entre por um lado “direção espiritual” e “acompanhamento espiritual” e, por outro lado, “acompanhamento espiritual” e “confissão”– pode parecer difícil entender que o sacramento da Penitência possa, sem mais, ser um momento privilegiado de “acompanhamento espiritual”. Mas era assim mesmo que as coisas se passavam ao tempo do Cura d’Ars.

Efetivamente, o acompanhamento espiritual por si realizado com aqueles penitentes que o procuravam diversas vezes em busca de uma vida cristã mais sólida e madura era a consequência direta da sua compreensão do sacramento da Penitência como uma espécie de sacramento fraterno. De acordo com Jean-Marie, o lidar com tais penitentes era uma ajuda provida por si aos mesmos para que eles, no âmbito de um enorme respeito pela sua liberdade, se pudessem tornar eles mesmos na sua vida espiritual<sup>334</sup>. De acordo com o que podemos saber de mais fidedigno acerca do Cura d’Ars, nomeadamente a partir do registo dos testemunhos dos seus penitentes, ele procurava ajudar que aqueles descobrissem os seus próprios talentos humanos e espirituais que Jean-Marie aspirava que fossem colocados ao serviço da Igreja e da missão desta<sup>335</sup>.

---

<sup>332</sup> Citado em: MONNIN, Alfred, *Esprit du Curé d’Ars*, p. 220.

<sup>333</sup> Cf. TROUCHU, Francis, *Sainte Philomène, vierge et martyre: la petite sainte du curé d’Ars*. Paris: Emmanuel Vitte, 1929, p. 122.

<sup>334</sup> Cf. LAPLACE, Jean, *La direction de conscience ou dialogue spirituel*, p. 44.

<sup>335</sup> Cf. NODET, Bernard, *Un homme social*, p. 19-20.

Muitos de tais penitentes, e até diversos dos seus colegas no presbiterado que ficavam a conhecer por aqueles o que Jean-Marie fazia no confessionário, admitiam que não entendiam verdadeiramente a utilidade pastoral dessa sua atitude, nomeadamente por causa do seu carácter privado, e até estimavam que a mesma era supérflua e até estranha a um verídico compromisso com a Igreja<sup>336</sup>. Todavia, para o Cura d'Ars nada era meramente privado na vida de um batizado: este vive na Igreja, com a Igreja e a partir da Igreja<sup>337</sup>, donde, crendo acertadamente Jean-Marie que recebera de Cristo a missão de guiar os homens para a salvação, ele não podia agir de outra forma<sup>338</sup>.

Se é verdade que, como acabámos de mencionar, a fonte originária deste seu desempenho pastoral era propriamente um carisma divino –que mostra, justamente por o ser, que o cura d'Ars não se tornou confessor porque quis sê-lo–, o mesmo também decorria de uma longa aprendizagem, menos livresca do que fruto da sua reflexão acerca da sua própria vida de penitente no trato com os seus confessores<sup>339</sup>. De modo particular, Jean-Marie descobriu que não podia ser ministro de um sacramento da Penitência que ele queria que fosse o que mencionámos mais acima, exceto se vivesse, como pessoa e como pastor, num constante desprendimento de si, de modo a viver numa discrição, simplicidade e largura de pontos vistas que lhe permitissem ser dócil ao Espírito Santo<sup>340</sup>.

Mas no horizonte de uma Penitência enquanto um sacramento fraterno de acompanhamento espiritual, o papel do penitente é tão importante como o do confessor, e Jean-Marie Vianney tinha a perfeita consciência disso. Eis porque ele procurava desenvolver nos penitentes que o procuravam mais vezes três qualidades: a abertura de coração; o levar a sério a palavra proferida e escutada; e, por fim, o desejar reconfigurar cada vez mais a sua vida segundo os parâmetros da vida do Senhor. Vejamos, de seguida, estes três aspetos.

Como dissemos, a primeira qualidade para a pessoa acompanhada que o Cura d'Ars visava estimular e desenvolver era a de ser sincero a respeito dos seus desejos, pensamentos e sugestões que lhe vinham à mente quando estava perante esta ou aquela decisão que o levara ao pecado<sup>341</sup>. Somente assim é que, segundo o parecer daquele a seguir o liguorismo, quer ele, enquanto ministro da Confissão, não se enganaria nos seus

---

<sup>336</sup> Cf. ORIOL, Pierre, *Le prêtre de village*, p. 45.

<sup>337</sup> Cf. LASSAGNE, Catherine, *Le Curé d'Ars au quotidien*, p. 96.

<sup>338</sup> Cf. VALLIN, Pierre, *Le Cure d'Ars en un âge de révolutions*, p. 114.

<sup>339</sup> Cf. MONNIN, Alfred, *Esprit du Curé d'Ars*, p. 201.

<sup>340</sup> Cf. LOUF, André, *La grâce peut davantage*, p. 33.

<sup>341</sup> Cf. TROCHU, Francis, *Le Curé d'Ars*, p. 168.

conselhos e advertências, quer o penitente lograria evitar as mais diversas ilusões, em especial a de uma generosidade mal discernida em que o mesmo acabasse por assumir os seus próprios desejos, e até as armadilhas do Maligno, como sendo a vontade de Deus e de buscar as armadilhas do maligno<sup>342</sup>. Para o Cura d’Ars, tudo é de recear quando só se confia nas próprias luzes, mas tudo se pode esperar se se abre o coração ao ministro da Penitência num espírito de confiança que é o primeiro passo seja para o renunciamento ao apetecer próprio, seja, conjuntamente, para a adesão à obediência a Deus<sup>343</sup>.

A segunda qualidade, é o levar a peito da palavra dita e acolhida, pois somente esta dinâmica liberta o penitente da sua vida de pecado e permite que as palavras do sacerdote, ditas no Espírito Santo, tornem o mesmo num guia espiritual que comunica a graça divina e realiza o trabalho de Deus<sup>344</sup>. Era desta forma que o Cura d’Ars entendia que ele e o penitente, submetendo-se à mesma Palavra de Deus, comungavam espiritualmente num mesmo Espírito e realizavam o seu diálogo numa relação de paternidade e de filiação<sup>345</sup>.

Por fim, a terceira qualidade do penitente, porventura a mais importante para se evitar uma qualquer deriva gnóstica, era a do mesmo, integrando todas as dimensões da existência numa autêntica vida segundo o Espírito, desenvolver uma familiaridade com o Senhor que o levasse a escolher o que Cristo-Salvador escolheu e, assim, descobrir que o domínio de sua liberdade excedia, em muito, o sua vida privada<sup>346</sup>. De facto, e como vimos, tal âmbito devia ter repercussões missionárias que se desenvolviam em diferentes âmbitos: desde a vida familiar à social<sup>347</sup>. Deste modo, tem-se que dizer que, para o Cura d’Ars, não havia somente uma dimensão “vertical” –a relação Deus-sujeito – da vida espiritual a cuidar no confessional, mas também a dimensão horizontal –a relação sujeito-demaís<sup>348</sup>.

### **3.6.- A confissão: métodos e procedimentos pastorais**

A jeito de conclusão criativa deste nosso terceiro capítulo, gostaríamos de apresentar aquilo que pode ser denominado de “métodos e procedimentos” pastorais empregues pelo

---

<sup>342</sup> Cf. LAPLACE, Jean, *La liberté dans l’Esprit: Le guide spirituel*. Paris: Le Chalet, 1995, p. 45.

<sup>343</sup> Cf. LAPLACE, Jean, *La liberté dans l’Esprit*, p. 57.

<sup>344</sup> Cf. LOUF, André, *La grâce peut davantage*, p. 67.

<sup>345</sup> Cf. CAMPBELL, Michel, *Marcher à la mesure du pardon*, p. 101.

<sup>346</sup> Cf. LAPLACE, Jean, *La liberté dans l’Esprit*, p. 55.

<sup>347</sup> Cf. COUVERT, Hippolyte, *Le Saint Curé d’Ars et sa famille*, p. 55.

<sup>348</sup> Cf. BASSET, Lytta, *Au-delà du pardon: le désir de tourner la page*. Paris: Presses de la Renaissance, 2006, p. 70.



Cura d’Ars no seu ministério penitencial. É evidente que, ao fazermos isto, voltaremos a tocar em diferentes aspetos que já apresentámos antes, mas tentaremos fazê-lo sempre a partir de novas perspetivas que evidenciem aspetos relevantes relacionados com a pastoral levada a cabo por Jean-Marie e, assim, com este mesmo.

Algo que é absolutamente necessário apontar, é o método usado pelo Cura d’Ars para suscitar, entre aqueles penitentes que o procuravam mais vezes, um pedido de acompanhamento espiritual. Embora aqui fique o termo “método” à falta de um que nos tenha parecido melhor, talvez não seja correto falar-se dessa forma, pois era pela simpatia de Jean-Marie e a percepção, pelos seus penitentes, da sua profundidade interior que ele lograva alimentar naqueles o anseio de um acompanhamento pessoal<sup>349</sup>.

Para o Cura d’Ars, a meta da sua pastoral é simples e o seu acompanhamento corresponde a fazer com que as pessoas fossem capazes de usar os bens criados por Deus de modo a lograrem, em colaboração com Deus, alcançar a salvação, o Céu. Com efeito, Jean-Marie chegou a Ars com uma certeza e uma vontade: colocar os homens orientados com o desígnio de amor de Deus para com os mesmos: alcançarem a comunhão com Ele<sup>350</sup>. De facto, o Vigário Geral de Belley, ao entregar-lhe o documento da nomeação para tal aldeia, disse-lhe: «não há amor a Deus nessa paróquia, tereis vós que o despertar»<sup>351</sup>. Ou seja: a sua missão era de fazer conhecer o Amor de Deus pelos seres humanos e, no fundo, era a busca disto que levava a que as pessoas –primeiro as da sua paróquia, e depois as que começaram a peregrinar até ao seu confessorário– acabassem por pedir o aduzido acompanhamento<sup>352</sup>.

Em traços gerais, podemos identificar quatro aspetos da implementação de tal propósito pastoral. Desde logo, temos o seu testemunho de vida, o qual manifestava –de um modo não planeado, antes espontâneo– uma profunda coerência entre o que dizia e o que vivia. Era como se bastasse o contacto consigo para que, através da sua pessoa, Deus fosse revelado aos que mais o ignoravam. Todo ele era oração que de desdobrava num total dom misericordioso de si mesmo a todos aqueles que a Providencia colocava no seu caminho<sup>353</sup>.

---

<sup>349</sup> Cf. MONNIN, Alfred, *Le curé d’Ars*, p. 275.

<sup>350</sup> Cf. DUPLEIX, André, *Comme insiste l’amour*, p. 301.

<sup>351</sup> LASSAGNE, Catherine, *Le Curé d’Ars au quotidien*, p. 54.

<sup>352</sup> Cf. BOUTRY, Philippe, *Un sanctuaire et son Saint au XIX<sup>e</sup> siècle*, p. 350.

<sup>353</sup> Cf. NAULT, Jean-Philippe, *Le Curé d’Ars, témoin de la Miséricorde*, p. 15.

De seguida, temos a sua pregação e a sua catequese, realizadas quotidianamente e com fidelidade. Por estes meios, o Cura d'Ars velava pela formação dos que lhe estavam confiados, os quais ficavam profundamente impressionados pela autoridade que irradiava dele nos seus ensinamentos. As suas limitações intelectuais eram evidentes – primeiramente para o próprio Jean Marie Vianney, que nunca deixava passar uma oportunidade para recordá-las–, mas os seus interlocutores sabiam que, embora ele não falasse corretamente segundo as normas gramaticais e preceitos teológicos comuns, fazia-o desde um coração repleto de Deus e do amor que, nutrindo por Este, também possuía pelos demais<sup>354</sup>. Era deste modo que ele despertava nestes o melhor conhecimento possível da vida cristã a partir da Sagrada Escritura e dos relatos das vidas dos santos<sup>355</sup>.

Outro meio de lograr os seus fitos –nomeadamente o conduzir as pessoas a aproximarem-se de Cristo– era levá-los a uma prática assídua dos Sacramentos. Jean-Marie sabia muito bem que a ação da graça dos Sacramentos era bem mais importante do que todos os esforços que ele podia fazer por si mesmo, pois neles era a própria pessoa de Cristo, Redentor e Santificador, que operava. Note-se, porém, que isto não significasse que os mesmos fossem um meio mágico e automático de santificar as pessoas: «nem todos os que se aproximam dos sacramentos são santos, mas os santos estarão sempre entre aqueles que recebem os sacramentos»<sup>356</sup>. Por isso mesmo, ele exortava os pecadores a, além de participarem assiduamente na Eucaristia – algo que contrastava tremendamente com os resquícios jansenistas que ainda existiam–, confessarem-se com grande assiduidade, dado que estava absolutamente persuadido que o sacramento da Penitência era o meio mais eficaz para transformar interiormente um homem e levar a que este visse a pedir uma forma de acompanhamento espiritual<sup>357</sup>.

Focando-nos, agora, um pouco mais no modo concreto como Jean-Marie celebrava o antes mencionado sacramento da Reconciliação –e, a partir deste, desempenhava o seu ministério de diretor de consciências–, é de referir que ele não impunha métodos, nem meros conselhos pessoais, antes visava sempre entregar o penitente à ação do Espírito Santo<sup>358</sup>. A este respeito, Alfred Monnin escreve:

«O Cura d'Ars, a qualquer pessoa que viesse a Ars com as verdadeiras necessidades e uma vontade sincera de obter luzes e graças divinas através do humilde pároco de tal aldeia, recebia-as na medida das suas necessidades e dos seus anseios. Mas, uma vez

---

<sup>354</sup> Cf. FOURREY, René, *Ce que prêchait le Curé d'Ars*, p. 259.

<sup>355</sup> Cf. FOURREY, René, *Ce que prêchait le Curé d'Ars*, p. 309.

<sup>356</sup> Texto presente em: ARCHIVES PAROISSIALES D'ARS, *Procès de L'Ordinaire*, n.º 687.

<sup>357</sup> Cf. CAMPBELL, Michel, *Marcher à la mesure du pardon*, p. 201.

<sup>358</sup> Cf. MONNIN, Alfred, *Le curé d'Ars*, p. 280.

tendo dado os seus conselhos, era necessário que as mesmas se contentassem com eles e não procurassem, junto do Cura d'Ars, uma aprovação para a sua conduta, sendo que se eles insistissem com contumácia e inoportunidade para obterem dele uma qualquer palavra que servisse de satisfação para as suas vaidades, ambições ou a necessidade de “parecerem bem” na sociedade e na Igreja, a estes, Monsieur Vianney, pura e simplesmente não respondia ou, se o fizesse, a sua resposta não continha qualquer esclarecimento»<sup>359</sup>.

O resultado deste seu modo de proceder dependia, como é evidente, da conjugação de vários elementos, mas, partindo sempre o Cura d'Ars do diálogo que estabelecia com os penitentes e deixando que fosse Deus a inspirar as suas palavras a partir do seu carisma de “ler os corações” que lhe permitiam aferir a verdade da contrição daqueles, a sua palavra tendia a ser breve e dilacerante<sup>360</sup>. Isto nem sempre era compreendido e até afastava algumas das pessoas que foram elencadas na citação precedente de Alfred Monnin.

De modo particular, Jean-Marie, quando diante de crentes escrupulosos, insistia inúmeras vezes para que eles lhe dissessem apenas o essencial e, algumas vezes, chegava mesmo a falar em alta voz: «vós não precisais de vos confessar. Ide, antes, comungar. Dai aos outros o tempo de que eles necessitam para se reconciliarem, e não os canseis a fazer esperar enquanto vos pondeis a dizer coisas vãs, pois isso leva a que eles percam a devoção»<sup>361</sup>. Também era frequente ser rude com os que se dirigiam ao seu confessor movidos, não pela contrição, mas pela mera atrição. A estes dizia: «O vosso arrependimento não vem de um qualquer amor a Deus, nem do sofrimento que poderíeis ter fruto dos vossos pecados, mas somente do temor do inferno. É necessário mais tempo para pedir a contrição do que para se examinar. A contrição é o balsamo do coração»<sup>362</sup>.

É ainda de notar que o Cura d'Ars evoluiu no seu modo de proceder na celebração do sacramento de Penitência, porque, avaliando o fruto do acompanhamento espiritual daqueles com quem lograva manter um contacto prolongado, ele havia-se tornado o testemunho direto da ação do Espírito Santo nos seus corações<sup>363</sup>. É certo que havia os tíbios, os indiferentes e os indecisos, mas também havia um grande número que

---

<sup>359</sup> MONNIN, Alfred, *Le Curé d'Ars*, p. 342.

<sup>360</sup> Cf. MONNIN, Alfred, *Esprit du curé d'Ars*, p. 345.

<sup>361</sup> Texto presente em: ARCHIVES PAROISSIALES D'ARS, *Procès de L'Ordinaire*, n.º 752.

<sup>362</sup> MONNIN, Alfred, *Esprit du curé d'Ars*, p. 348.

<sup>363</sup> Cf. FOURREY, René, *Ce que prêchait le Curé d'Ars*, p. 27.

manifestavam um autêntico espírito de conversão e depositavam com profunda contrição, em Deus e a através de Jean-Marie, os fardos pesados que lhes feriam as consciências<sup>364</sup>.

O coração sacerdotal do Cura d'Ars comovia-se com o que, escapando-se aos olhares exteriores, apercebia-se estar a passar nos corações daqueles penitentes que estavam genuinamente em busca de conversão<sup>365</sup>. A sua grande humildade dispunha-o a ser um instrumento do Espírito Santo e da Igreja ao serviço da evolução espiritual do penitente. Como tal “instrumento” que se entendia, Jean-Marie cria que a sua missão se devia reduzir essencialmente ao dispor do coração daqueles que orientava, nunca se esquecendo de garantir a sua oração pelos mesmos e, sobretudo, confiando-se à sua oração<sup>366</sup>.

Retenha-se que, para o Cura d'Ars, esse seu tal orar pelos seus penitentes não se traduzia num pensar neles, nem, sequer, nas suas preocupações, sendo que, inclusive – e sem que isso negue nada do que já fomos apontando até este momento – muitas vezes ele mantinha um distanciamento emocional e, tanto quanto possível, mental em relação às pessoas e às suas confidências. Orar, para Jean-Marie, era colocar a pessoa acompanhada no coração de Deus, escutando, também assim, o Senhor e tentando perceber o desígnio de amor de Deus para o seu orientado<sup>367</sup>. Se assim era, o Cura d'Ars empregava a Eucaristia também para realizar esse entregar dos seus acompanhados ao Criador<sup>368</sup>.

Para Jean-Marie, toda esta prática pastoral-espiritual possuía verdadeiras dimensões cósmicas. Quer dizer: a sua vida de “pastor” solícito para com o seu “rebanho” não podia deixar de se enfrentar com os ataques do “lobo”, e tudo isto levou-o a entrar naquilo que ele entendeu ser como um combate sobrenatural com uma intensidade pouco comum<sup>369</sup>. Para si, o mal não era um mito, uma representação, um símbolo, uma figura ou uma ideia. Ele era uma realidade bem real, que no diabo e nos demónios adquiria uma feição pessoal que era despertada em reação ao avanço do Reino de Deus nos corações<sup>370</sup>.

---

<sup>364</sup> Cf. MASSIE, Alban, *Le Sacrement du pardon: se confesser avec le Saint curé d'Ars*. Saint- Maur: Parole et Silence, 1999, p. 118.

<sup>365</sup> Cf. NODÉ, Bernard, *Jean-Marie Vianney, Curé d'Ars*, p. 43.

<sup>366</sup> Cf. CHOCHOLSKI, Patrice, *Prier 15 jours avec le Curé d'Ars*. Paris: Nouvelle Cité, 2017, p. 12.

<sup>367</sup> Cf. CHOCHOLSKI, Patrice, *Prier 15 jours avec le Curé d'Ars*, p. 42.

<sup>368</sup> Cf. CARATGÉ, Philippe, L'Eucharistie et le prêtre: les intuitions du Curé d'Ars, in AA.VV., *L'Eucharistie et le prêtre*. Saint- Maur: Parole et Silence, 2000, p. 65.

<sup>369</sup> Cf. NAULT, Jean-Philippe, Le célibat sacerdotal, fondements, joies, défis, in AA.VV., *Le Curé d'Ars et le célibat*. Paris: Parole et Silence, 2001, p. 206

<sup>370</sup> Cf. BOUTRY, Philippe. Le mal, le malheur. Le Curé d'Ars face à la souffrance, p. 64.

De modo particular, Jean-Marie sentia os acometimentos do “opositor” como sendo mais fortes naquelas ocasiões em que ele se dispunha, com as suas palavras e as suas múltiplas diversas ações de amor mais discretas, a encetar processos de reconciliação entre diversas pessoas: familiares com familiares, amigos com amigos e conhecidos com conhecidos<sup>371</sup>. Um sinal de tais acometimentos era que, mesmo quando o perdão divino era comunicado, a confiança entre as pessoas feridas pelos penitentes e estes tardava a restabelecer-se. Assim, e segundo o Cura d’Ars, o “maligno”, separando o perdão da reconciliação, atacava esta última para, tentando-a malograr, fazer crer, quem havia recebido o perdão de que este não fora dado por Deus, levando, em consequência, a processos imaginários de desconfiança face a Ele e até a Jean-Marie<sup>372</sup>.

Fruto disto, surge na psicologia do Cura d’Ars um reforçado intuito de se entregar à ascese – já por nós evocada e explicada anteriormente – e, ao mesmo tempo, a profunda convicção de que deveria inculcar nos seus penitentes de que o “irreparável” – fruto da incapacidade de se compensar na prática o mal feito anteriormente – não era sinónimo de “imperdoável” – seja, por parte de Deus, seja por parte dos seus penitentes<sup>373</sup>. Daí que ele tenha sempre tentado ensinar a perdoar, seja porque cria que o tentar aprender a perdoar os demais, fruto do se ter feito a vivência de se ser perdoado por Deus, poderia ser terapêutico, seja porque estimava que poderia ser por aí que se poderia, do modo mais eficaz, fazer frente às forças do mal.

É precisamente a partir deste contexto que se pode entender que, para Jean-Marie, o perdão – mesmo aquele por si comunicado no sacramento da Penitência – não era tanto a ação de um momento, mas, muito mais, uma dinâmica que devia tornar-se coextensível à vida em todas as suas dimensões e etapas de evolução espiritual<sup>374</sup>. Não obstante o dito anteriormente, o Cura d’Ars não confundia “perdão” e “espiritualidade”, até porque já no seu tempo esta era mais querida e desejada do que aquele, o qual, na verdade, até chegava a ser impopular, pois acarreta consigo um passado religioso muito pesado para muitos<sup>375</sup>.

Deste modo, o desenvolvimento articulado de uma relação tridimensional entre “acompanhamento espiritual”, “perdão” e “espiritualidade” tornou-se uma das preocupações pastorais mais importantes de Jean-Marie Vianney, a qual tinha como meta

---

<sup>371</sup> Cf. DUPLEIX, André, *Le Curé d’Ars un grand témoin spirituel*, in *Église et vocations*, n.º 9 (2010) p. 85-86.

<sup>372</sup> Cf. MONNIN, Alfred, *Esprit du curé d’Ars*, p. 256-257.

<sup>373</sup> Cf. MASSIE, Alban, *Le Sacrement du pardon*, p. 122.

<sup>374</sup> Cf. DUPLEIX, André, *Le Curé d’Ars un grand témoin spirituel*, p. 88.

<sup>375</sup> Cf. BOUTRY, Philippe, *Prêtres et paroisses au pays du Curé d’Ars*, p. 301.

a busca de sentido e de superação pessoal a caminho de uma transcendência teocêntrica possibilitada pelo comunicar aos demais o perdão recebido sacramentalmente<sup>376</sup>. Deveras, aquele buscava que as suas confissões, mormente as celebradas com pessoas que o buscavam com mais assiduidade e com um firme propósito de busca da reconciliação, pudessem desaguar num alargamento das relações humanas. Esta dinâmica tendia para um envolvimento de toda a pessoa de cada um daqueles seus penitentes numa superação do seu “ego” e de abertura comprometida com os outros e, por este, com o Outro<sup>377</sup>.

Tudo isto, e se nos for permitido apresentar um esquema talvez demasiado forçado, leva a que se possa talvez sugerir que, segundo o Cura d’Ars, a dinâmica “perdão-acolhido”-“perdão transmitido” tivesse: a) uma atenção ao contexto religioso das crenças apropriadas para se aceitar e viver tal estrutura (por exemplo: a misericórdia divina, a bondade humana fundamental, o amor universal; etc.) que levavam a um questionamento; b) o emprego de um instrumento que desencadeie tal dinâmica (por exemplo: o arrependimento, a vontade de deixar de sofrer, a vontade de reconciliação) que obrigava a um confronto do penitente consigo mesmo; c) e a presença pressentida de uma força mediadora (a graça; as moções do Espírito Santo) que elevasse o sujeito movendo-se, igualmente, pelo desejo de um maior bem-estar espiritual que devia, progressivamente, identificar-se com a esperança de poder só esperar a Jesus Cristo<sup>378</sup>.

Se isto fosse levado a cabo, a mencionada dinâmica tornar-se-ia um empreendimento de toda uma vida, em que o “perdão acolhido” se ia fortalecendo, nos seus frutos, na vida do penitente e daqueles com que ele se ia relacionado, concretizando o apelo evangélico a um perdão contínuo (cf. *Mt.* 18,21s) que, embora com as hesitações humanas usuais, acabaria por fazer parte integral da identidade pessoal do penitente<sup>379</sup>.

---

<sup>376</sup> Cf. FRANCIS, Trochu, *L’âme du Curé d’Ars*, p. 64.

<sup>377</sup> Cf. FRANCIS, Trochu, *L’âme du Curé d’Ars*, p. 201.

<sup>378</sup> Cf. CAMPBELL, Michel, *Marcher à la mesure du pardon*, p. 215.

<sup>379</sup> Cf. FRANCIS, Trochu, *L’âme du Curé d’Ars*, p. 180.

## CONCLUSÃO

Agora que começamos a escrever estas palavras, devemos admitir que é tremendamente difícil resumir, em algumas páginas, tudo aquilo que apresentámos nas partes anteriores deste nosso estudo, sobretudo, e mesmo que somente nos quiséssemos resumir a isso, ao que Cura d'Ars estabeleceu para os sacerdotes no século XIX em França. A vida e a função do pároco mudaram consideravelmente com a sua intervenção. As fontes que consultámos e analisámos mostram-nos claramente a importância que o Cura d'Ars deu ao sacerdócio e o que ele conseguiu fazer para lhe dar um destaque mais racional na sociedade e na Igreja.

A sua vocação num sentido mais lato apontou novas possibilidades dadas aos sacerdotes para desenvolver os seus talentos e expressarem as suas capacidades. Isto incluiu também a abertura que lhe foi oferecida para servirem de novos modos nas paróquias e nos meios sociais delas inseparáveis, fossem estes urbanos ou rurais. Não obstante, a nossa investigação não abordou todas as contribuições que o Cura d'Ars levou a cabo para efetivar esse contributo, antes preferimos centrar-nos do aspeto mais determinante da sua vida e missão sacerdotal: o ser confessor.

Para compreendermos esta realidade antes apontada, não podemos ignorar as descobertas que Jean-Marie Vianney fez, especialmente desde 1820, e que alavancaram a sua intervenção: a primeira foi a da pobreza humana e espiritual que encontrou, primeiro em Ecully e depois em Ars; a segunda – mais determinante e que incentivou o Cura d'Ars a atos concretos e a compromissos imediatos – foi a da pobreza económica, e inerente situação vulnerável do homem pobre, na aldeia de Ars. A importância do pároco na missão da Igreja na sua maneira distinta assim como no empenho dos párocos ao serviço das pessoas espiritualmente vulneráveis.

A tudo isto o Cura d'Ars tentou dar algumas respostas, articulando sempre todas elas ao redor do sacramento da Penitência, mostrando, de forma cabal, que a missão confiada aos sacerdotes continha dois aspetos: o serviço caritativo e espiritual. É talvez

fastidioso recordar que, já muito antes de Jean-Marie Vianney, existiam sacerdotes e confessores, mas não devemos ignorar a sua originalidade que assentou, justamente, na importância por si dada do sacramento do Perdão administrado pelos sacerdotes.

Foi deste modo que ele concebeu e implementou estratégias de intervenção face àquelas duas descobertas que assinalámos mais acima e isso, por seu lado, marcou a configuração da sua própria vida e personalidade. Ele consola e assiste corporal e espiritualmente a todos, mas de modo particular aos mais pobres e frágeis, seja do ponto de vista económico, seja do ponto de vista espiritual. Com o seu acompanhamento e celebrações, quase incessantes, do sacramento da Reconciliação, o Cura d'Ars ajudou os seus fiéis e os peregrinos que se dirigiam a Ars na realização da sua vocação essencial: unirem-se a Deus não apesar das suas vicissitudes pessoais, mas através destas mesmas. Assim sendo, podemos resumir que todo o seu ministério se baseou em três pontos importantes: o serviço, o desenvolvimento e a santificação.

A integração ativa dos pobres camponeses e meninas órfãs –sobretudo as educadas na “*Maison de la Providence*”– na comunidade paroquial de Ars, deu numerosas possibilidades para esses grupos sociais, não menos o de poderem ser eles mesmos pessoas dadas ao serviço do próximo no seio de uma busca de santidade na comunidade paroquial. De facto, partindo de uma antropologia que o levava a ver em todas as pessoas –mas principalmente as mais desfavorecidas– a imagem de Deus-Incarnado, Jean-Marie sempre pugnou, em especial a partir do confessional, por comunicar a todos o reconhecimento, e até o autorreconhecimento, de serem possuidores de uma dignidade extraordinária que ele convidava que fosse empregue ao serviço da comunidade.

Não deixa de ser relevante assinalar que tudo isto foi sendo por si logrado no meio de uma turbulenta passagem do clericalismo –com as suas reivindicações e seus excessos– para o anticlericalismo –não menos reivindicativo e excessivo– e, como se de um pêndulo se tratasse, novamente para um certo clericalismo do qual Jean-Marie se tentou distanciar. E isto, embora ela tenha acabado por comungado, em certos aspetos, com os modos externos como este se manifestou: a proliferação de obras caritativas, o incentivo da realização de ações de piedade, o apelo constante às vocações –mormente as missionárias–, e, no que mais se afasta do Cura d'Ars, pela procura de apoio mais amplo nos leigos, nomeadamente, os mais influentes de entre eles, como, por exemplo: patrões, juristas e jornalistas.



O Cura d'Ars não viveu separado do seu tempo, e se tocou aqui e ali com os fins –a restauração e a conservação de uma autêntica cristandade– e alguns meios –apontados no parágrafo anterior– do clericalismo eclesial, ele pautou-se, cremos ter podido demonstrar, por um modo muito original a nível da sua prática pastoral, toda ela pensada a partir do desejo da proclamação do Evangelho num dado contexto. Ou seja: todo seu ministério, focado particularmente na reconciliação sacramental, encontra a sua razão de ser na referência ao Deus de Jesus Cristo. Desse modo, ele olha para o homem pecador, vê o santo em potência e busca que aquele queira, com a ajuda da graça, caminha para este no reconhecimento de que a sua vocação o ultrapassa e o ultrapassará sempre, porque leva-o a ir continuamente mais longe.

Talvez se possa agora perguntar: qual foi o segredo do seu sucesso? Não estaremos a errar se dissermos que Jean-Marie era, para muitos, um testemunho de santidade: sabendo “ler nos corações”, ele ia imediatamente ao essencial e sabia transmitir a paz ao coração. Essencial para isso era o amor que ardia no seu coração de pastor; quer dizer, o que podemos designar de “caridade pastoral”. Quando falava aos seus paroquianos ou peregrinos, era sempre através de uma palavra de amor e de bondade, convidando-os a acolher a misericórdia divina e a reconciliação que Jesus veio trazer aos homens. Ele, quase sem cessar, tenta relembrar que o ser cristão, é ser perdoado, é receber de Deus o amor e a misericórdia numa atitude de espanto pela desmesura do «amor que sai do Coração de Deus uma transpiração de ternura e de misericórdia para afogar os pecados do mundo»<sup>380</sup>.

O Cura d'Ars, enquanto testemunha da procura de Deus pelo homem e deste por Aquele, é um homem do amor, com amor e para o amor, através dos sacramentos –em especial o da Confissão–, da caridade pastoral e dos ensinamentos, tentando levar a que os demais descobrissem o que é bom para eles mesmos. Muitas vezes ele é apresentado como um homem inculto –o que é falso– ou como alguém que tinha dificuldades em assimilar os conhecimentos necessários para se tornar padre –o que foi, em parte, verdade, mas não podemos esquecer sua curiosidade de espírito, despertada pelo amor do seu coração e pelo seu desejo de conhecer o único verdadeiro Deus e o caminho de levar, com amor, cada um daqueles que ele confessava até ao Mesmo.

O que lhes dizia ele? Qual imagem de Deus lhes comunicava? Os seus contemporâneos admitiam que, perante Jean-Marie, tinham de fugir se não quisessem ser

---

<sup>380</sup> NODET, Bernard, *Jean-Marie Vianney, Curé d'Ars*, p. 133.

subjugados, não pela pujança do seu discurso, mas pelo contágio da verdade, que até si chegava a partir do coração de Deus-Trindade, comunicada pela sua pessoa. Tudo para ele brota do mistério do Deus-Trindade que é o Deus-Amor e tudo converge para o tal mistério. E brota e converge sobretudo mediado pela sua pessoa sacerdotal e pelas pessoas de quem se aproximavam de Deus indo ao seu confessionário. No Cura d'Ars tudo é simples e alegórico, pois, brota do seu coração, da sua experiência espiritual, da sua experiência de ser um pecador-salvo que ele queria comunicar aos demais para que eles também se pudessem ver com os próprios olhos misericordiosos de Deus.

O Cura d'Ars conhecia os seus paroquianos –e até os peregrinos que o visitavam mais vezes– e sabia do que verdadeiramente necessitavam: eis a sua caridade pastoral. Como escreveu o Cardial André Vingt-Trois:

«é esse olhar de compaixão e de amor que animava o Cura d'Ars na sua relação com seus paroquianos e com as pessoas que se aglomeravam cada vez mais numerosos para o encontrar. É o amor de Cristo pela humanidade que abraçou João Maria Vianney quando viu e conheceu os homens a quem tinha sido envidado. É este amor animou o dom sem retorno da sua pessoa, noite e dia, ao serviço da pobreza humana. Pobreza moral de gerações que tinham crescido sem ter sido realmente educadas numa vida de filhos de Deus. É este amor que prega ao confessionário para ser o ministro da reconciliação da paz dos corações»<sup>381</sup>.

O Cura d'Ars não dava lições de moral, estava lá para restituir a confiança e se alguém não se comovia pelos seus próprios pecados ele, numa quase atitude vicarial substitutiva, chorava no seu lugar como se os pecados daquele fossem os seus próprios pecados. E fazia-o muitas das vezes diante da presença do Senhor no Sacrário, o qual na sua convicção, seria suficiente para converter a sua paróquia, não obstante ele nunca se tenha cansado de se entregar a apostolados juntos dos jovens e das famílias, indo de casa em casa e participando nas missões diocesanas.

Ainda haveria muito a dizer acerca do Cura d'Ars, mas parece-nos que o que apresentámos nesta Dissertação já é suficiente para o apresentarmos como um modelo sacerdotal relevante. Claro que não se trata de imitar a sua vida, mas de se deixar interpelar pelo seu zelo apostólico, pelo seu amor pelos homens, pela sua dedicação à Igreja. E tudo isto fruto do acreditar que o amor invisível de Deus era mais forte do que as dificuldades visíveis.

Por fim, devemos reconhecer que esta Dissertação tem bastantes imperfeições e aspetos incompletos, pois teria sido necessário aprofundar mais as fontes escritas por

---

<sup>381</sup> VINGT-TROIS, André, *Evêques, prêtres e diacres*. Paris: Médiaspaul, 2009, p.78.

Jean-Marie Vianney que pudemos consultar e alargar a nossa reflexão a uma manifestação mais clara do nosso conhecimento das mesmas. Ocorre que ainda existem muitas controvérsias acerca desses textos e, assim, preferimos não usar as que poderiam requerer de nós um desvio mais acentuado dos nossos propósitos. Por outro lado, também admitimos que o tema do perdão mereceria uma maior atenção da nossa parte, mas isso iria obrigar, mais uma vez, a afastar-nos excessivamente do foco deste Trabalho.

De qualquer modo, e não querendo nós retirar peso às admissões anteriores, cremos que este trabalho permitiu realizar os nossos propósitos fundamentais enunciados na Introdução e, ao mesmo tempo, mostrar que os estudos teológicos e espirituais não constituem uma reflexão teórica desconectada da realidade, mas que são uteis para que a fé se enraíze no contexto atual de Igreja. Mais: permitiu-nos ter uma atitude crítica relativamente ao que é a realidade eclesial. Tudo isto, para nós, tornou-se algo de tão íntimo para a nossa pessoa que inevitavelmente não se separará jamais de nós e, inclusive por isso, tornou-se imensamente valioso. Que outros possam reconhecer –como desejaríamos–, ou não, este valor, isso já não depende de nós. Está nas mãos de Deus e da consciência de quem ler estas palavras que agora terminam na graça de Deus.

## BIBLIOGRAFIA GERAL

### Fontes

#### Fontes Bíblicas

*A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas, 1986.

*Traduction œcuménique de la Bible*. Paris: Cerf, 2004.

#### Fontes do Magistério da Igreja

BENTO XVI, Audiência Geral de 24 de junho de 2009, In *Insegnamenti di Benedetto XVI*, vol. 5 (2009).

JOÃO PAULO II, Saudações à povoação de Ars. In *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. 9/2 (1986).

JOÃO PAULO II, Audiência ao Conselho Geral dos Redentoristas. In *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. 15/1 (1992).

JOÃO PAULO II, *Le curé d'Ars: un modèle hors pair*. Ars: Parole et Silence, 2004.

JOÃO XXIII, *Carta encíclica Sacerdotii nostri primordia*, in *AAS* 51 (1959) p. 566

PIO X, *Adresse sur les miracles du Curé d'Ars*, in *Actes de Pie X*, vol. 1. Paris: Editions Questions Actuelles, 1920.

PIO XI, *Homilia na Missa de canonização de Jean-Marie Vianney e Jean d'Eudes*, in *AAS* 17 (1925).

PIO XII, Carta aos párocos de Roma, in *AAS* 38 (1946).

#### Manuscritos

ARCHIVES PAROISSIALES D'ARS, *Procès de L'Ordinaire*, n.º 687.

ARCHIVES PAROISSIALES D'ARS, *Procès de L'Ordinaire*, n.º 752.

ARCHIVES PAROISSIALES D'ARS, *Procès de L'Ordinaire*, n.º 1011.

ARCHIVES PAROISSIALES D'ARS, *Procès de L'Ordinaire*, n.º 1469.

### **Estudos**

ANCEL, Alfred, *La spiritualité pastorale du curé d'Ars*. Paris: Fleurus, 1959.

ANTIER, Jean-Jacques, *Le curé d'Ars: un saint dans la tourmente*. Paris: Perrin, 2006.

ARDURA, Bernard, *Le Concordat entre Pie VII et Bonaparte*. Paris: Cerf, 2001.

BASSET, Lytta, *Au-delà du pardon: le désir de tourner la page*. Paris: Presses de la Renaissance, 2006.

BAGNARD, Guy-Marie, *Le curé d'Ars, portait d'un pasteur*. Perpignan: Artège, 2009.

BAUBÉROT, Jean, *Histoire de la laïcité française*. Paris: PUF, 2003.

BLOT, Thierry, *Reconstruire l'Église après la Révolution*. Paris: Cerf, 1997.

BOSSI, Carlo, *Statistique générale du département de l'Ain*. Paris: s/e, 1808.

BOUDON, Jacques-Olivier, *L'Épiscopat français à l'époque concordataire (1802-1905)*. Paris: Cerf, 1996.

BOULARD, Chanoine, *La pastoral du Curé d'Ars*. Paris: Fleurus, 1960.

BOURRIENNE, Louis Antoine, *Mémoires de M. de Bourrienne, ministre d'Etat, sur Napoléon, le Directoire, le Consulat, l'Empire et la Restauration*, vol. 3. Paris: Nabu Presse, 2012.

BOUTRY, Philippe, Un sanctuaire et son Saint au XIX<sup>e</sup> siècle. Jean Marie Baptiste Vianney, Curé d'Ars. In *Annales. Economies, Sociétés, Civilisation*, vol. 35, n.º 2 (1980).

BOUTRY, Philippe, Commune et paroisse en France au XIX<sup>e</sup> siècle, in *Territoire et territorialité*. Paris: Publications de l'Ecole Normale Supérieure, 1983.

- BOUTRY, Philippe, *Prêtres et paroisses au pays du Curé d'Ars*. Paris: Cerf, 1986.
- BOUTRY, Philippe. Le mal, le malheur: le Curé d'Ars face à la souffrance, in *Le Monde alpin et rhodanien*, n.º 2-4 (1986).
- BOUTRY, Philippe; CINQUIN, Michel, *Deux pèlerinages au XIX<sup>e</sup> siècle: Ars et Paray-le-Monial*. Paris: Beauchesne, 1980.
- CABANEL, Patrick; DURANT, Jean-Marie, *Le grande exil des congrégations religieuses françaises*. Paris: Cerf, 2005.
- CAMPBELL, Michel, Marcher à la mesure du pardon, in *Prêtre et Pasteur*, n.º 3 (1999).
- CARATGÉ, Philippe, Sacrement de réconciliation et salut chez le Curé d'Ars, in AA.VV., *Le sacrement du pardon: Théologie et pastoral*. Paris: Parole et Silence, 1998.
- CARATGÉ, Philippe, L'Eucharistie et le prêtre: les intuitions du Curé d'Ars, in AA.VV., *L'Eucharistie et le prêtre*. Saint- Maur: Parole et Silence, 2000.
- CHATELLIER, Louis, *À l'origine d'une société catholique: Le rôle des congrégations mariales aux XVIII<sup>e</sup>-XIX siècles*. Paris: Histoire et Société, 1984.
- CHOCHOLSKI, Patrice, *Prier 15 jours avec le Curé d'Ars*. Paris: Nouvelle Cité, 2017.
- CHOLVY, Gérard; MARIE, Hilaire-Yves, *Histoire religieuse de la France contemporaine*, vol. 1: 1800-1880. Toulouse: Privat, 1985.
- CHOLVY, Gérard, *Être chrétien en France au XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Seuil, 1990.
- CHOLVY, Gérard, *Christianisme et Société en France au XIX<sup>e</sup> siècle (1790-1914)*. Paris: Seuil, 1999.
- CHOLVY, Gérard, Du Dieu terrible au Dieu d'amour: une évolution dans la sensibilité religieuse au XIX<sup>e</sup> siècle, in VERNUS, Michel (org.), *Transmettre la foi, XVI<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècles*, vol 1. Paris: Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 1984.
- COURBIN Alain, *Les cloches de la terre: paysage sonore et culture sensible dans les campagnes au XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Albin Michel, 1994.

- COUSIN, Bernard, *La pique et la croix: histoire religieuse de la Révolution française*. Paris: Centurion, 1989.
- CORBIN, Alain, *Histoire du christianisme*. Paris: Seuil, 2013.
- COUVERT, Henri, *Le Saint curé d'Ars et le sacrement de pénitence*. Lyon: Librairie Emmanuel Vitte, 1931.
- COUVERT, Hippolyte, *Le Saint Curé d'Ars et sa famille*. Lyon: Emmanuel Vitte, 1922.
- CUCHET, Guillaume, *Le Crépuscule du purgatoire*. Paris: Armand Colin, 2005.
- DÉLOYE, Yves, *Les voix de Dieu: Pour une autre histoire du suffrage: le clergé catholique français et le vote, XIX<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> Siècle*. Paris: Fayard, 2006.
- DELACROIX, Simon, *La réorganisation de l'Église de France après la Révolution (1801-1809)*, vol 1. Paris: Vitrail, 1962.
- DELPAL, Bernard, *Entre paroisse et commune: les catholiques de la Drome au milieu du XIX<sup>e</sup> siècle*. Valence: Peuple Libre, 1989.
- DELUMEAU, Jean, *La Peur en Occident (XIV<sup>e</sup>- XVIII<sup>e</sup> siècles)*. Paris: Fayard, 1979.
- DELUMEAU, Jean, *L'aveu et le pardon. Les difficultés de la confession, XIII<sup>e</sup>- XVIII<sup>e</sup> siècles*. Paris: Fayard, 1990.
- DEMIER, Francis, *La France du XIX<sup>e</sup> siècle (1814-1914)*. Paris: Seuil, 2000.
- DUPLEIX, André, *Comme insiste l'amour: présence du Curé d'Ars*. Paris: Nouvelle Cité, 1999.
- DUPLEIX, André, Le Curé d'Ars un grand témoin spirituel, in *Eglise et vocations*, n.° 9 (2010).
- DUCHESNE, Jean, *Histoire chrétienne de la littérature*. Paris: Flammarion, 1996.
- FOLLAIN, Jean, *Curato d'Ars, quando um uomo semplice confonde i sapienti*, 2<sup>a</sup> ed. Milano: San Paolo, 2008.

- FOUCAULT, Pierre, L'origine socio-professionnelle du clergé sarthois durant la période concordataire (1801-1905), in *Mentalités religieuses dans la France de l'Ouest aux XIX<sup>e</sup> et XX<sup>e</sup> siècles: Études d'histoire sérielle = Cahiers des Annales de Normandie*, n.° 8 (1976).
- FOURREY, René, *Ce qui prêchait le Curé d'Ars*. Paris: Ed. Echelle Jacob, 2009.
- FOURREY, René, *Le Curé d'Ars authentique*. Dijon: L'Echelle de Jacob, 2009.
- GALLIZA, Bernard, *Charles Balley: maître du Curé d'Ars*. Paris: Salvator, 2015.
- GARETS, Marthe, *Un souvenir d'Ars: Vie du frère Jérôme, de la Congrégation de la Sainte Famille de Belley*. Bourg: Imprimerie Villefranche, 1879.
- GAUCHET, Marcel, *Le désenchantement du monde*. Paris: Gallimard, 1985.
- GAUME, Jean-Joseph, *Manuel des confesseurs*. Paris: Gaume Frères et J. Duprey, 1837.
- GERMAIN, Elisabeth, *Parler du salut?: Aux origines d'une mentalité religieuse: La Catéchèse du Salut dans la France de la Restauration*. Paris: Beauchesne, 1968.
- GHÉON, Henri, *Le saint Curé d'Ars*. Plouisy: Rassemblement à son image, 2016.
- GOFF, Jacques; RÉMOND, René, *Histoire de la France religieuse: du Roi très chrétien à la laïcité républicaine, XVIII-XIX siècle*, vol. 3. Paris: Seuil, 1991.
- GOUJON, Pierre, *Le vigneron citoyen: Mâconnais et Chalonnais (1848-1914)*. Paris: CTHS, 1992.
- GRANDMAISON, Charles Geoffroy, *La Congrégation (1801-1830)*. Paris: Hachette, 2012.
- GRÉGOIRE, Henri, *Mémoire de l'abbé Grégoire*. Paris: De la Santé, 1989.
- GUERBER, Jean, *Le ralliement du clergé français à la morale ligurienne: L'abbé Gousset et ses précurseurs, 1785-1832*. Roma: Università Gregoriana Editrice, 1973.
- GUGELOT, Frédéric, *La conversion des intellectuels au catholicisme*, Paris: CNRS, 1998.



- HUARD, Raymond, *Le modèle Républicaine*. Paris: PUF, 1992.
- KERR, Donald, *Jean Claude Colin, Mariste: un fondateur dans une ère de révolution et restauration: les premières années (1790-1836)*, Paris. Ed. Karthala, 2010.
- LANGLOIS, Claude, *Le diocèse de Vannes au XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Klincksieck; Rennes: Publications de Université de Haute-Bretagne, 1974.
- LARKIN, Maurice, *L'Église et l'État en France: La crise de la séparation*. Toulouse: Privat, 2004.
- LASSAGNE, Catherine, *Le Curé d'Ars au quotidien, par un témoin privilégié*. Paris: Parole et Silence, 2003.
- LAPLACE, Jean, *La direction de conscience ou dialogue spirituel*. Tours: Mame, 1965.
- LAPLACE, Jean, *La liberté dans l'Esprit: Le guide spirituel*. Paris: Le Chalet, 1995.
- LAUNAY, Marcel, *Le bon prêtre: le clergé rural au XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Aubier, 1986.
- LAURAND, Luce, *Un berger qui vient de la montagne: Le Bienheureux Marcellin Champagnat (1789-1840)*. Genval: Marie-médiatrice, 1967.
- LEMAITRE, Nicole, *Histoire des curés*. Paris: Fayard, 2002.
- L'ESTOILE, Bernard, Le goût du passé: Erudition locale et appropriation du territoire, in *Terrain*, n.º 37 (2001).
- LOUF, André, *La grâce peut davantage: L'accompagnement spirituel*. Paris: Desclée de Brouwer, 1992.
- MASSIE, Alban, *Le Sacrement du pardon: se confesser avec le Saint curé d'Ars*. Saint-Maur: Parole et Silence, 1999, p. 118.
- MARGOT-DUCLOT, Jean, *La Casuistique Chrétienne en France au XVIII<sup>e</sup> siècle*. Paris : Faculté des Lettres de Paris, 1911.
- MEERSCH, Maxence Van Der, *Vie du Curé d'Ars*, Paris: Albin Michel, 1942.
- MICHEL, Alain-René, *Catholicisme en démocratie*. Paris: Cerf, 2006.

- MINNERATH, Roland, *Le droit de l'Eglise à la liberté*. Paris: Beauchesne, 1982.
- MONBOURQUETTE, Jean, *Comment pardonner ?* Ottawa: Novalis; Paris: Bayard, 1992.
- MONTALEMBERT, Charles-Forbes, *L'Église libre dans l'État libre: discours prononcé au Congrès catholiques de Malines*. Paris: Douniol et Didier, 1863.
- MONNIN, Alfred, *Esprit du Curé d'Ars: M. Vianney dans ses catéchismes, ses homélies et sa conversation*. Paris: Douniol, 1864.
- MONNIN, Alfred, *Le Curé d'Ars: Vie de M. Jean-Baptiste-Marie Vianney*. Paris: Douniol, 1874.
- MOULINS-BEAUFORT, Éric de, Le saint Curé d'Ars: pauvreté et richesse du prêtre, in *La vie spirituelle*, n.º 784 (2009).
- NAULT, Jean-Philippe, Le célibat sacerdotal, fondements, joies, défis, in AA.VV., *Le Curé d'Ars et le célibat*. Paris: Parole et Silence, 2001.
- NAULT, Jean-Philippe, *Le Curé d'Ars, figure de sainteté sacerdotale*. Paris. Parole et Silence, 2004.
- NAULT, Jean-Philippe, Le Curé d'Ars, témoin de la Miséricorde, in *Annales du Sanctuaire d'Ars*, vol. 36 (2006).
- NODET, Bernard, *Le Curé d'Ars sur la foi du serment*. Le Puy: Mappus, 1959.
- NODET, Bernard, *Un homme social: monsieur Vianney, Curé d'Ars*. Lyon: Emmanuel Vitte, 1968.
- NODET, Bernard, *Jean-Marie Vianney, Curé d'Ars: Sa pensée, son cœur*, 6<sup>a</sup> ed. Paris: Cerf, 2006.
- ORIOLE, Pierre, *Le prêtre de village: Jean-Marie-B. Vianney*. Lyon: Yves Chanoine, 1875.
- PEZERIL, Daniel, *Pauvre et Saint Curé d'Ars*. Paris: Seuil, 1959.

- PRÉLOT, Marcel; GALLOUEDEC-GENUYS; Françoise, *Le libéralisme catholique*. Paris: Colin, 1969.
- PLONGERON, Bernard, *Pratiques religieuses dans l'Europe révolutionnaire*. Paris: Brepols, 1988.
- PLOUX, François, *Guerres paysannes en Quercy: Violences, conciliations et répression pénale dans les campagnes du Lot (1810-1860)*. Paris: La Boutique de l'histoire, 2002.
- POULAT, Emile, *Liberté, laïcité: la guerre des deux France et le principe de la modernité*. Paris: Ed. Cerf / Cujas, 1988.
- POULAT, Emile, *Notre laïcité publique: «la France est une République laïque»*. Paris: Berg International, 2003.
- QUANTIN, Jean-Louis, *Le rigorisme chrétien*, Paris: Cerf, 2001.
- RAVIER, André, *Le Curé d'Ars: un prêtre pour le peuple de Dieu*. Ars: Parole et Silence, 1999.
- ROBERT, Daniel, *Les Églises réformées en France, 1800-1830*. Genève: Droz; Paris: Minard, 1961.
- THIBON, Christian, *Pays de Sault: Les Pyrénées audoise au XIX<sup>e</sup> siècle: les villages et l'État*, Toulouse: CNRS, 1988.
- TROUCHU, Francis, *Sainte Philomène, vierge et martyre: la petite sainte du curé d'Ars*. Paris: Emmanuel Vitte, 1929.
- TROUCHU, Francis, *Les amitiés du curé d'Ars*. Paris: Apostolat de la Presse, 1959.
- VALLIN, Pierre, *Le Cure d'Ars en un âge de révolutions*. Paris: Médiasèvres, 1988.
- VIAL, Paul, *Le maître du curé d'Ars, Charles Balley (1751-1817)*. Paris: Beauchesne, 1970.
- VIAL, Paul, *La formation sacerdotale de Jean Marie Vianney*. Lyon: Emmanuel Vitte, 1959.

VINGT-TROIS, André, *Evêques, prêtres e diacres*. Paris: Médiaspaul, 2009.

VOVELLE, Michel, *1793: La Révolution contre l'Église: de la raison à l'être suprême*.  
Bruxelles: Complexes, 1988.

WALZER, Michel, *Traité sur la tolérance*. Paris: Gallimard, 1998.

## ÍNDICE GERAL

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	4
<b>CAPÍTULO 1: O CONTEXTO HISTÓRICO DA VIDA DO CURA D'ARS</b> ...	9
1.1.- A situação religiosa em França ao redor da Concordata de 1801 .....	9
1.2.- A nova realidade de uma Igreja na Modernidade .....	13
1.3.- O comportamento dos fiéis franceses .....	16
1.4.- A vida e pluralidade do Catolicismo francês na primeira metade de Oitocentos .....	18
1.5.- Os padres rurais no contexto da restauração da autoridade clerical .....	20
<b>CAPITULO 2: A VIDA DO CURA D'ARS</b> .....	25
2.1.- Do nascimento à ordenação sacerdotal .....	25
2.2.- Do começo da vida sacerdotal ao falecimento .....	30
2.3.- Alguns traços do carácter e da espiritualidade do Cura d'Ars .....	39
2.4.- O Cura d'Ars no Magistério Pontifício .....	45
<b>CAPITULO 3: O CURA D'ARS E O SACRAMENTO DA CONFISSÃO</b> ...	47
3.1.- A Confissão: do temor e do pecado ao amor .....	47
3.2.- A Confissão: a vivência pastoral .....	51
3.3.- A Confissão: o ascetismo pelos demais .....	55
3.4.- A Confissão: as peregrinações dos penitentes .....	57
3.5.- A Confissão: sacramento fraterno do acompanhamento espiritual ...	60
3.6.- A confissão: métodos e procedimentos pastorais .....	63
<b>CONCLUSÃO</b> .....	70
<b>BIBLIOGRAFIA GERAL</b> .....	75
<b>ÍNDICE GERAL</b> .....	84